

VANESSA DE PAULA RODRIGUES PATRIZZI

**DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO DOS TERMOS
FUNDAMENTAIS DA LINGUAGEM DAS PRODUÇÕES
TELEJORNALÍSTICAS**

Linha de Pesquisa: Descrição e análise do léxico geral ou especializado.

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Orientador: Prof. Dr. Maurizio Babini

São José do Rio Preto
2007

Patrizzi, Vanessa de Paula Rodrigues.

Dicionário terminológico dos termos fundamentais da linguagem das produções telejornalísticas / Vanessa de Paula Rodrigues Patrizzi. São José do Rio Preto : [s.n.], 2007.

179 f. : il ; 30 cm.

Orientador: Maurizio Babini

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Lexicologia. 2. Telejornalismo - Terminologia. 3. Terminografia.
I. Babini, Maurizio. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'373.46

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof. Dr. Maurizio Babini - Orientador
Prof. Dr. Evandro Silva Martins
Prof. Dr. Nelson Luís Ramos

Suplentes

Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida
Prof. Dr. Eli Nazareth Bechara

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 22 de junho de 2007.

VANESSA DE PAULA RODRIGUES PATRIZZI

Dedico este trabalho a minha família.

Agradecimentos

Aos meus pais, Gerson e Edir, grandes responsáveis por me proporcionarem a base educacional para que eu possa estar, neste momento, concluindo mais esta etapa de minha vida e que, como em todos os outros momentos, estiveram a meu lado, apoiando-me.

A minha irmã, Aretusa, que também sempre me apoiou nos momentos difíceis desta caminhada, com carinho e dedicação.

Ao meu querido marido, Carlos, que há tantos anos acredita em mim e me apoiou muito nos momentos difíceis, não deixando que eu fraquejasse nunca, obrigada pelo amor e compreensão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Maurizio Babini, por sua paciência e dedicação.

À Profa. Ms. Flávia Lúcia Bazan Bespalhok, por seu auxílio importantíssimo no início da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Nelson Luís Ramos, por seus apontamentos e sugestões durante o exame de qualificação e também no momento da defesa.

Ao Prof. Dr. Eli Nazareth Bechara, por suas correções e sugestões durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Evandro Silva Martins, por sua disposição em colaborar com esta pesquisa, fazendo sugestões relevantes durante a defesa.

Ao Prof. Dr. José Horta Nunes, por suas importantes considerações sobre o trabalho.

Aos funcionários da seção de pós-graduação, pelas informações relativas ao curso.

Enfim, a todos que de alguma forma colaboraram para a conclusão deste trabalho!

Aqueles que passam por nós não se vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, e levam um pouco de nós.
As tempestades, a bruma e a neve vão incomodá-lo algumas vezes.
Pense, então, em todos aqueles que já passaram por isso e diga
para si mesmo: o que eles conseguiram eu também posso
conseguir.
Meu amigo é, muitas vezes, aquele que tem uma idéia contrária à
minha, pois me engrandece. Ele me obriga à superação.
Crescemos cada vez que cumprimos uma tarefa.

Antoine de Saint-Exupéry

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. OBJETIVOS	17
1.1 OBJETIVOS GERAIS	17
1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 A TELEVISÃO COMO UM DOMÍNIO TERMINOLÓGICO	19
2.1.1 Breve histórico sobre o surgimento do aparelho televisor	19
2.1.2. A televisão como meio de comunicação	20
2.2 TERMINOLOGIA	24
2.2.1 A língua geral	25
2.2.1.1. Lexicologia	27
2.2.1.2. Lexicografia	28
2.2.2. O objeto de estudo da terminologia	29
2.2.2.1. As linguagens de especialidade	29
2.2.2.2. O termo	31
2.2.2.3. O conceito	34
2.2.2.4. O contexto	35
2.2.3. Origem e desenvolvimento da terminologia	36
2.2.3.1. A teoria geral da terminologia (TGT)	38
2.2.3.2. A teoria comunicativa da terminologia (TCT)	40
2.3. TERMINOGRAFIA	44
2.3.1. Tipos de obras lexicográficas e terminográficas	45
2.3.2. A macroestrutura	48

2.3.3. A microestrutura	50
2.3.4. O sistema de remissivas	51
3. METODOLOGIA UTILIZADA EM NOSSO TRABALHO	53
3.1. PLANEJAMENTO DA PESQUISA	53
3.1.1. Objetivos e público-alvo da obra	55
3.1.2. Conhecimento da área	56
3.1.3. Delimitação da nomenclatura	57
3.2. EXECUÇÃO DA OBRA TERMINOGRÁFICA	58
3.2.1. Estabelecimento do <i>corpus</i>	58
3.2.2. Recolha dos termos e levantamento dos dados	61
3.2.2.1. O sistema de conceitos	64
3.2.2.2. O registro dos dados através das <i>fichas</i>	65
4. O DICIONÁRIO	70
4.1. LISTA DE ABREVIATURAS	70
4.2. SISTEMA CONCEPTUAL	70
4.3. TERMOS	75
5. ANÁLISE DOS DADOS	138
5.1 A MACROESTRUTURA	138
5.2. A MICROESTRUTURA	140
5.2.1 O símbolo de classificação e o sistema conceptual	142
5.2.2. A entrada	145
5.2.3 Categoria gramatical	146
5.2.4 A definição	146

5.2.5 O contexto de uso	147
5.2.6 Outras designações	148
5.2.7 Nota	149
5.3 TRATAMENTO DOS DADOS	150
5.3.1. Quase-sinonímia	150
5.3.2. Variantes	160
5.3.3. Monossemia	164
5.3.4. Polissemia	166
5.3.5. Estrangeirismos	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177

Resumo

O surgimento do aparelho televisor deu-se por volta da década de 20. A obtenção, ao longo dos anos, do sucessivo aprimoramento de sua tecnologia e a posterior evolução dos recursos audiovisuais ocasionaram o desenvolvimento da produção de seu conteúdo simbólico – aquilo que é transmitido por meio da televisão.

Em decorrência disso, o número de emissoras e a variedade de suas programações proporcionaram ao telespectador uma quantidade maior de opções ao eleger o que assistir, com isso desenvolveu-se a busca pela maior audiência. Conseqüentemente, ocorreu a necessidade de se formatar uma linguagem específica deste meio de comunicação. Este tipo de linguagem é denominado em Terminologia como *linguagem de especialidade*, a qual é composta por *termos* específicos de determinada área do conhecimento.

Esta dissertação de mestrado analisa a linguagem do domínio da televisão, especificamente a relacionada à produção dos programas telejornalísticos, utilizada nos bastidores dos programas, considerando como o avanço tecnológico exerceu influência sobre sua terminologia. Após essa análise, procedemos à produção de um vocabulário terminológico dos termos fundamentais desse domínio.

Para o procedimento da pesquisa, utilizamos um *corpus* que consta de três manuais técnicos de telejornalismo, de uma obra também relacionada à produção e à técnica da televisão e de um dicionário de TV e um de mídia geral existentes no mercado. Partindo da análise desse *corpus* e utilizando a metodologia adequada a esse tipo de pesquisa, um dicionário terminológico foi produzido.

Palavras-chave: Telejornalismo; Terminologia; Terminografia; Dicionário.

Abstract

The television device has its origins dated from the decade of nineteen twenties. The consecutive improvements in its technology and the evolution of audiovisual resources have caused the development of its *symbolic content* (what is broadcasted).

For this reason, the number of broadcast channels and the variety of their programs have given to the viewers a great variety of choices to be made, causing broadcasters to compete for more viewers.

Consequently, there was the necessity of creating a specific new terminology to the television field. This type of terminology is denominated *specialty language*, which is composed by specific terms from a certain area of knowledge.

This work concerns about the analysis of the terminology used in the television area, specifically the one related to the production of news programs and used in the television studios, taking into account how the technologic advances have influenced this terminology.

In the research procedure, it has been used a collection of three technical manuals of television news program, a work related to the television production and television techniques, a television dictionary and a general media dictionary available in the market. From these collections and using an adjusted terminology to this type of research, a dictionary of technical terms has been produced.

Key words: TV news; Terminology; Terminography; Dictionary.

Resumen

El surgimiento del aparato televisor se dio alrededor de la década de 20. La obtención, a lo largo de los años, de la sucesiva mejora de su tecnología y la posterior evolución de los recursos audiovisuales causaron el desarrollo de la producción de su contenido simbólico – todo que es transmitido por medio de la televisión.

A causa de esto, el número de emisoras y la variedad de sus programaciones proporcionaron al telespectador una cantidad mayor de opciones al elegir lo que asistir, con eso se desarrolló la búsqueda por la mayor audiencia. Consecuentemente, ocurrió la necesidad de crearse un lenguaje específico de este medio de comunicación. Este tipo de lenguaje es denominado en Terminología como *lenguaje de especialidad*, la cual es compuesta por *términos* específicos de determinado campo del conocimiento.

Esta disertación de maestría analiza el lenguaje del dominio de la televisión, específicamente la relacionada a la producción de los programas de periodismo, utilizada en los bastidores de los programas, considerando como el avance tecnológico ejerció influencia sobre su terminología. Después de ese análisis, procederemos a la producción de un vocabulario terminológico de los términos fundamentales de ese dominio.

Para el procedimiento de la pesquisa, utilizamos un *corpus* que consta de tres manuales técnicos de periodismo, de una obra también relacionada a la producción y a la técnica de la televisión y de un diccionario de tele y uno de media en general existentes en el mercado. Partiendo de la análisis de ese *corpus* y utilizando la metodología adecuada a ese tipo de pesquisa, un diccionario fue producido.

Palabras-clave: Periodismo; Terminología; Terminografía; Diccionario.

INTRODUÇÃO

A televisão é o meio de comunicação mais difundido em nossa sociedade. Desde seu surgimento, ela está presente, e, cada vez, com mais intensidade, nos lares das pessoas.

O meio de comunicação que a antecedeu – o rádio – teve, e ainda tem, porém com menos força, muito êxito junto aos ouvintes. Este aparelho exerceu uma grande fascinação entre as pessoas. Através dele podiam-se ouvir músicas, telenovelas; era uma fonte cultural e de entretenimento que, embora não transmitisse imagens, fazia com que as pessoas desenvolvessem a imaginação na medida em que se colocavam a ouvi-lo.

Com o surgimento da televisão, porém, o rádio foi perdendo, gradativamente, seu espaço, pois ela tinha um grande atrativo que seduzia as pessoas e que a diferenciava do rádio: a visualização da imagem.

A tecnologia desenvolveu-se com o passar dos anos, os aparelhos foram ficando cada vez mais modernos, as imagens puderam ser vistas em cores e não mais em preto e branco, como era em sua origem. Relacionados ao televisor, surgiram o vídeo-cassete, o DVD, o *home-theater*, e toda essa tecnologia só fez aumentar o prestígio da televisão. Um

outro meio de comunicação mais recente – a *internet* – apesar de acreditarmos ser algo indispensável em nossas vidas, é um meio desconhecido por muitas pessoas.

Sendo assim, a televisão ainda é o meio mais disseminado entre as pessoas e isso se dá por vários motivos: ter um aparelho de TV está cada vez mais acessível até à população de baixa renda; ele possui o atrativo da dinamicidade da imagem e do som ao mesmo tempo; quando se adquire o aparelho, pode-se assistir a todos os canais que compõem a TV aberta, gratuitamente; e também, geralmente, ele se localiza nas salas das casas das pessoas, lugar esse propício ao convívio familiar, proporcionando uma reunião dessas pessoas a sua volta.

A programação assistida pelas pessoas pode variar entre informação, educação e entretenimento. Informar-se sobre os acontecimentos locais, regionais ou mundiais diários por meio da televisão é algo que só requer do telespectador que ele se sente diante dela. Dentre os programas informativos que existem – documentários, programas de reportagens, telejornais – destacamos este último, o qual é muito mais acessível e prático se o compararmos com outros meios de informação como as revistas e os jornais impressos.

Em vista disso, fazendo parte o nosso trabalho de uma linha de pesquisa que analisa *linguagens específicas* dos mais variados domínios, este tem o objetivo de estudar a linguagem das produções dos telejornais. Linguagem essa que não chega ao público, mas está nos bastidores e foi formatada devido ao avanço da tecnologia e para garantir ao telespectador programas com mais qualidade.

Baseando-nos na teoria da Terminologia, este trabalho tem o objetivo de analisar quais *termos* são os mais usuais nessa área para que possamos produzir um *dicionário terminológico* que abranja essa terminologia, e que auxiliará no trabalho não só dos profissionais já atuantes, mas também daqueles ingressantes no campo do jornalismo.

Nosso trabalho é constituído por cinco capítulos somados à Introdução e às Considerações Finais. Na Introdução, apresentamos nosso trabalho e justificamos sua produção. No primeiro capítulo, expomos nossos objetivos ao efetuar a presente pesquisa, dividindo-os entre objetivos gerais e objetivos específicos.

No segundo, tratamos da base teórica de nosso trabalho, aquela que fundamenta nossos estudos, principalmente os princípios da teoria da Terminologia e sua aplicação: a Terminografia. Descrevemos seu percurso histórico, citando os precursores e suas propostas. Expomos também características da televisão – domínio do nosso estudo.

No terceiro, descrevemos passo a passo toda a Metodologia utilizada por nós, desde a escolha do *corpus* que compõe a pesquisa até a produção do dicionário, baseada, certamente, na Metodologia adequada a esse tipo de obra.

O quarto capítulo é composto pelos resultados de nossa pesquisa, ou seja, pelo dicionário construído. O quinto e último capítulo traz a análise dos dados do dicionário. Seguidamente, as Considerações Finais apresentam as conclusões alcançadas através da investigação.

1. OBJETIVOS

1.1 Objetivos gerais

Esta pesquisa está embasada na teoria terminológica, uma vez que se propõe a estudar um domínio específico do campo do saber. Este domínio é o da televisão, mais especificamente a linguagem utilizada pelos profissionais ligados, de alguma forma, às produções e às edições dos telejornais. Esta linguagem não chega ao telespectador, não é a linguagem usada nas apresentações dos programas, e, sim, aquela que está nos bastidores, a linguagem técnica usada pelos produtores, diretores, editores, operadores de câmeras etc.

Sendo assim, os objetivos principais deste trabalho consistem em:

- 1) Busca e análise dos termos fundamentais e também dos mais utilizados atualmente na linguagem das produções telejornalísticas e, sobretudo, como o avanço da tecnologia influenciou nessa terminologia;
- 2) Produção de uma obra terminográfica que abarque os termos principais desse domínio. Obra que se destina aos profissionais e, igualmente, será um facilitador aos estudantes de jornalismo que estão entrando em contato com esta área, para que possam familiarizar-se com a linguagem que utilizarão em suas atuações profissionais.

1.2 Objetivos específicos

A proposta desta pesquisa é analisar os *termos* utilizados neste meio das produções telejornalísticas, considerando:

- Os neônimos (termos novos que surgiram conforme o avanço da tecnologia, principalmente a digital)
- Os empréstimos lingüísticos e os estrangeirismos
- Os casos de termos quase-sinônimos
- Casos de variantes (ortográficas, regionais, por supressão ou mudança de elementos)
- Os termos que foram substituídos por outros, uma vez que caíram em desuso e que são usados com o mesmo conceito.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A televisão como um domínio terminológico

2.1.1 Breve histórico sobre o surgimento do aparelho televisor

De acordo com Paternostro (1999), as descobertas deste meio de comunicação iniciaram-se quando um químico sueco, Jakob Berzelius, em 1817, notou a reação do metal selênio diante da luz. Ao testar uma resistência utilizando este metal, verificou que na claridade eram produzidos fortes impulsos elétricos. Estava então criado o princípio das células fotoelétricas, o básico para a transmissão de TV.

Em 1884, um estudante alemão, Paul Nipkow, desenvolveu um sistema de decomposição de imagens: um disco de ferro com furos ordenados em forma de espiral. Quando se fazia girar o disco frente a um objeto, sua imagem era decomposta, através de uma fotocélula, em sinal elétrico. Esta é uma das versões mais aceitas para o surgimento desse aparelho que viria a transformar-se, hoje, no nosso aparelho televisor.

O ano de 1926 foi considerado oficialmente o da descoberta do aparelho, a partir dos experimentos do escocês John Baird, que, manuseando um disco giratório acoplado à engenhoca de caixa de papelão com furos, uma lâmpada elétrica e um farolete de bicicleta, transmitiu a imagem de uma sala para a outra (PATERNOSTRO, 1999).

No Brasil, a televisão surgiu no ano de 1950 com a inauguração da TV Tupi por Assis Chateaubriand, empresário da comunicação brasileira, e, passados vinte e dois anos, em 1972, a televisão em cores surge em nosso país, proporcionando um grande avanço na tecnologia brasileira. “Nos Estados Unidos, a TV em cores aponta alguns anos antes, por volta de 1960, e após 1975 a maioria das casas (97%) já possuía este tipo de televisor. Hoje, 98% dos americanos possuem televisão” (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993, p. 132).

2.1.2 A televisão como meio de comunicação

A televisão é um dos meios de comunicação mais disseminado entre as pessoas. Para Andrade (1996, p. 116), televisão é um “veículo de comunicação massiva que combina, harmoniosamente, a palavra escrita, a palavra oral, efeitos sonoros e imagem fixa ou em movimento (...)”. Esta aceção é voltada ao conteúdo transmitido pelos aparelhos televisores, e é esta a que consideraremos mais adequada ao termo, uma vez que também há a definição de televisão como o aparelho que permite a transmissão destas imagens ao público.

Este meio de comunicação é uma fonte não somente de divertimento ou de formação de opinião, de cultura, mas também de abertura para o mundo, pois, por meio dele, pode-se entrar em contato com culturas e informações muitas vezes muito distantes, fisicamente.

Os programas transmitidos pela televisão podem originar diálogos, descontração entre as pessoas, boas discussões, trocas de informações, e ainda podem ser objetos de solidariedade social, uma vez que o conteúdo simbólico – todo o conteúdo transmitido por meio da televisão – propagado fornece subsídios à aproximação entre as pessoas, a partir do comentário dos produtos transmitidos. Pode ser considerada como um instrumento de cultura, de aprendizagem, podendo colaborar na educação e informação de crianças e adultos.

A funcionalidade de estar dentro dos lares proporcionou à televisão a possibilidade de se tornar o meio mais importante de transmissão de informações, idéias e ideais, conseguindo até mesmo influenciar a opinião pública, adquirindo mais adeptos que qualquer outro meio de comunicação.

A aceitação da televisão como meio irradiador de mensagens foi de fácil aceitação junto às populações onde este veículo foi desenvolvido e disseminado, pois a idéia de veículos de transmissões em rede já era popular devido à existência do rádio, que precedeu a televisão em tempos anteriores.

A televisão tornou-se um meio de comunicação muito disseminado em nosso país, pois seu antecessor, o rádio, apesar de ser acessível à população, não possui tantos atrativos quanto o aparelho televisor, pelo qual, além de podermos ouvir os programas e as músicas, temos a possibilidade de assistir a diversos programas de entretenimento adultos ou infantis, programas de entrevistas, noticiários etc. Como afirma Paternostro (1999, p. 63):

... se o rádio consegue dar a notícia "em primeira mão", não há dúvida de que a TV surge com a sua arma poderosa e infalível: a informação visual, a imagem em movimento. Se alguém ouve no rádio uma notícia de grande impacto, logo depois liga a TV, em busca de mais informações. Mas, principalmente, atrás de algo que nenhum outro veículo pode fornecer: a mensagem sonora aliada à mensagem visual. A televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano, a visão e a audição. (...) Dependendo da intensidade, da força, uma imagem que aparece no ar por escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes para sempre.

O aprimoramento da tecnologia no armazenamento e transmissão de imagens também veio acompanhado do desenvolvimento da melhoria da produção dos conteúdos simbólicos. A mídia, e em especial a televisão, apresenta à sociedade traços marcantes da industrialização e urbanização: o desenvolvimento da publicidade e do *merchandising*, entre outras formas de estímulo ao consumo; a luta contínua pela liberdade de expressão e a necessidade de se colaborar com a formação das audiências trouxeram às produções televisivas responsabilidades sociais contundentes.

Neste sentido, a procura incessante pela minimização de ruídos¹ na execução de produções simbólicas fez-se fundamental para garantir a transmissão exata das informações ao público. A linguagem deveria ser precisa e sem erros para assegurar a qualidade nas edições, nas gravações e também nas transmissões dos programas.

O aumento do número de programas e de emissoras proporcionou ao telespectador mais opções ao escolher o que assistir. A busca de audiência com o crescimento da variedade na programação televisiva e a concorrência com outros instrumentos de comunicação têm acarretado nos produtores a observação de novos conceitos sobre a criação e produção da televisão, sejam telejornais, telenovelas, programas infantis ou humorísticos, a fim de garantir a sobrevivência empresarial dos detentores dos instrumentos de produção e codificação das mensagens.

Este aprimoramento de que falamos trouxe como consequência a necessidade de se formatar uma linguagem particular, exclusiva, deste meio de comunicação. Uma linguagem que fosse comum a todas as pessoas ligadas direta ou indiretamente a este instrumento disseminador de informações e formador da opinião pública, como os apresentadores, editores, produtores e diretores de TV; os operadores de câmera etc.

¹ Tudo aquilo que perturba um processo de comunicação; ele pode ser semântico, mecânico ou psicológico. (ANDRADE, 1996, p. 108)

Quando se fala em telejornalismo, nota-se como a televisão pode influenciar a opinião pública. Diferentemente do que ocorre com os jornais impressos, os telejornais trazem as notícias de um modo mais atrativo, já que o telespectador não se limita a somente ler a notícia e, quando muito, a visualizar uma foto, mas também tem acesso às imagens em movimento, às entrevistas, aos acontecimentos sendo transmitidos “ao vivo” e narrados pelos repórteres. Sendo assim, há uma grande audiência dispensada a estes programas, que, muitas vezes, para muitos, é o único meio de informação sobre o que ocorre em sua cidade, em seu país e no resto do mundo.

Qualquer cidadão que possua um aparelho televisor em casa tem acesso às notícias dos telejornais dos canais abertos, que são gratuitos, o que os torna muito convenientes, uma vez que grande parte da população não possui recursos financeiros para manter assinaturas de jornais impressos e tampouco de revistas informativas semanais.

Dada a complexidade da estrutura tecnológica criada e a melhoria do processo de produção da imagem televisiva, este trabalho propõe-se a analisar os termos da linguagem específica do domínio da televisão, utilizados principalmente na edição, produção, armazenamento e direção dos telejornais.

Este tipo de linguagem é chamado, em Terminologia, de *linguagem de especialidade* ou *tecnoletos*. Segundo Pavel e Nolet (2002, p. 42), esta linguagem é um “sistema de comunicação oral ou escrita usado por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento”. Este tipo de linguagem é próprio dos discursos técnicos, científicos, especializados; específico de um determinado domínio.

2.2 Terminologia

Para Cabré (1999, p. 18), o termo *Terminologia* possui três acepções diferentes:

- 1) O conjunto de *termos* de um domínio
- 2) A disciplina científica que estuda estes *termos*
- 3) A *Terminologia* como prática.

Quanto à primeira acepção, Pavel e Nolet definem como um “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, atividade profissional, pessoa ou grupo social” (PAVEL e NOLET, 2002, p.131). Como exemplos de terminologias, podemos citar as do Direito, da Medicina, da Engenharia, do Comércio Exterior, entre outras. Em cada uma destas áreas há um conjunto de termos específicos que é utilizado por seus profissionais, ou na comunicação interna entre os mesmos, ou na transmissão de seus conhecimentos para outros.

A definição apresentada pelo dicionário Aurélio contempla somente a primeira acepção, pois, para ele, *terminologia* é o “conjunto dos termos duma arte ou duma ciência; nomenclatura” (FERREIRA, 1986, p. 1667).

Cabré apresenta a seguinte definição: “como produto, é o conjunto de termos de uma determinada especialidade²” (CABRÉ, 1999, p. 18).

A segunda acepção que o termo Terminologia possui é mais especializada, designando a disciplina científica que estuda as linguagens de especialidade. De acordo com a ISO 1087, Terminologia designa “o estudo científico dos conceitos e dos termos em uso nas línguas de especialidade³” (ISO 1087, 1990, p.12).

² (...) como producto, es el conjunto de términos de una determinada especialidad. (CABRÉ, 1999, p. 18)

³ Étude scientifique des notions et des termes en usage dans les langues de spécialité. (ISO 1087, 1990, p. 12)

Pavel e Nolet, neste sentido, a definem como a “disciplina lingüística dedicada ao estudo científico dos conceitos e dos termos usados nas línguas de especialidade” (PAVEL e NOLET, 2002, p.131). Conforme Cabré afirma, “como disciplina é a matéria que se ocupa dos termos especializados⁴”.

A designação da Terminologia como prática é definida pela autora como “o conjunto de princípios encaminhados à compilação de termos⁵” (CABRÉ, 1999, p.18). Esta terceira aceção da prática terminológica não é reconhecida por todos os autores, estando incluída na Terminologia como disciplina para os autores que distinguem somente entre as duas primeiras aceções do termo.

O significado do termo *terminologia* depende, portanto, do contexto em que está sendo utilizado. Pode designar a disciplina ou a prática terminológica: Terminologia, (com inicial maiúscula) ou o conjunto de *termos* específicos de uma área do conhecimento: terminologia (grafada com inicial minúscula).

2.2.1. A língua geral

Antes de conceituarmos as *linguagens de especialidade*, procederemos a uma explicação sobre a *língua geral*, que se constitui por aquela usada pelos falantes de uma determinada língua. Essa *língua geral* é definida por Pavel e Nolet (2002, p. 124) como um “sistema de comunicação oral e escrita de uso cotidiano e geral em uma comunidade lingüística”. Em nosso país, a língua portuguesa é a língua nacional, e todo o *léxico* que é utilizado pelos falantes em geral faz parte desta *língua geral*.

⁴ Como disciplina es la materia que se ocupa de los términos especializados. (CABRÉ, 1999, p. 18)

⁵ (...) como práctica es el conjunto de principios encaminados a la recopilación de términos. (CABRÉ, 1999, p. 18)

De acordo com Biderman (1978, p. 139):

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. (...) Embora o Léxico seja patrimônio da comunidade lingüística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. (...) Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.

Segundo Rios e Xatara (no prelo, p. 9):

(...) o léxico pode ser considerado o patrimônio social por excelência de uma determinada comunidade lingüística. (...) O léxico é um conjunto aberto, ou seja, se expande continuamente (...) e está organizado basicamente de duas maneiras: (...) a) nos dicionários de uma língua; b) nos padrões neuronais dos cérebros dos indivíduos.

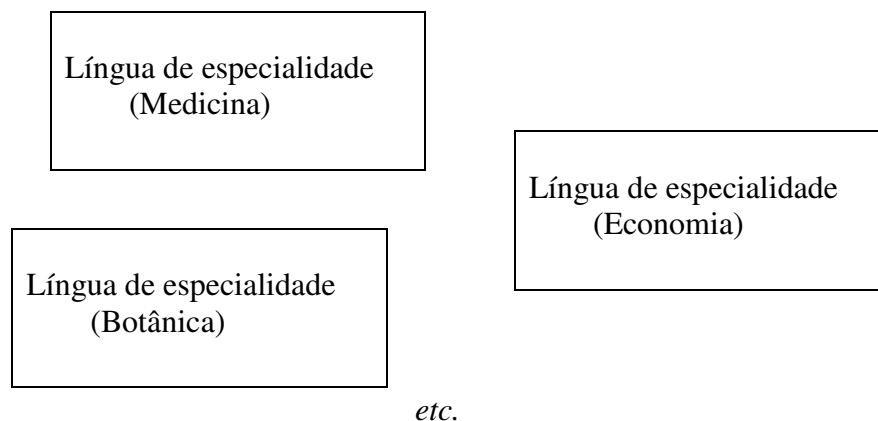
Pode ser definido, também, como apresenta Vilela (1979), como o dicionário de palavras de uma língua; como a competência lexical que os falantes possuem desta língua e como o conjunto de suas unidades léxicas. De acordo com Pavel e Nolet (2002, p. 124), o Léxico é definido como o “repertório bilíngüe ou multilíngüe de termos pertencentes a uma área do conhecimento, sem a necessidade de incluir definição”.

Outra acepção é a que segue a perspectiva de Sapir-Whorf (1969). De acordo com esta perspectiva, o léxico é uma categorização organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas em determinada cultura, sendo o domínio por excelência em que os símbolos de uma cultura estão codificados. Ele seria um arquivo acumulado da experiência das comunidades humanas que falaram e falam essa língua. O *léxico*, portanto, compõe a *língua geral*.

As *linguagens de especialidade* estão contidas na língua geral (como ilustra o quadro abaixo), porque fazem parte dela, mas são usadas por grupos específicos de pessoas e são constituídas por *termos*, que são palavras utilizadas dentro de um determinado domínio,

são *termos* específicos de uma certa área do saber; enquanto que a língua geral é constituída pelo *léxico*, que é o vocabulário corrente dos falantes de uma dada língua nacional, as palavras que usamos em nosso convívio social, familiar e também de trabalho.

Língua geral



BARROS, 2004, p. 43

Isso não significa, no entanto, que todos os *termos* “nasçam” *termos*. Eles podem fazer parte do léxico geral e ter este caráter ativado quando utilizados em um dado domínio especializado da língua. “Uma palavra que forme parte de um âmbito especializado seria um termo” (CABRÉ, 1999, p.25)⁶.

2.2.1.1 Lexicologia

Antes de adentrarmos a disciplina que estuda as *linguagens de especialidade*, abordaremos, aqui, a disciplina que estuda a *língua geral* – a chamada *Lexicologia*, que designa “o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo

⁶ Una palabra que forme parte de un ámbito especializado sería un término. (CABRÉ, 1999, p. 25)

de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança” (...). (BARBOSA, apud OLIVEIRA e ISQUERDO, 2000, p. 191).

De acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 43-45), a Lexicologia é definida como “o estudo científico do léxico, mais especificamente, das palavras de uma língua. A Lexicologia ocupa-se, portanto, do componente lexical geral, e não especializado, das línguas. (...) Ocupa-se de aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua”. É, pois, a ciência que tem como objeto de estudo o **Léxico** de uma dada língua, ela analisa a *unidade lexical* em todas as acepções e sentidos em que é usada em uma língua natural.

É possível analisar diversos pontos do léxico sob uma abordagem lexicológica: pode-se pesquisar como a unidade lexical ocorre, qual sua frequência em determinado texto ou situação de fala, sua distribuição, seu sentido e contexto em que aparece.

2.2.1.2 Lexicografia

Há uma outra ciência que caminha ao lado da Lexicologia, que tem uma função complementar a ela – a **Lexicografia**. Conforme Pavel e Nolet (2002, p. 124) afirmam, a Lexicografia consiste na “técnica de elaborar dicionários, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma língua particular”. Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 47-48), ela é definida como:

Arte ou técnica de compor dicionários. A Lexicografia ocupa um lugar histórico entre as disciplinas dedicadas ao léxico, pois milenar é sua atividade essencial. (...) Como, em sua essência, a Lexicografia é uma atividade aplicada, há uma forte tradição em compreendê-la menos como um fazer teórico e metodologicamente orientado e mais como uma arte. (...) A Lexicologia contribuiu muito para a tarefa lexicográfica, que não é pequena e tampouco se reduz a uma atividade compilatória. Ao contrário, é um empreendimento imenso (...).

Esta é uma ciência aplicada que elabora vocabulários de línguas, registrando as unidades lexicais em todas as suas variações morfossintáticas, e também os vocabulários especiais, como: de gírias, de provérbios, de expressões idiomáticas, de sinônimos, dentre outros, sendo este seu objeto de estudo.

Seguindo, então, a perspectiva de Krieger e Finatto (*idem, ibidem*), consideramos a Lexicografia não somente como uma técnica de elaboração de dicionários de língua geral, mas também como uma arte, pois exige do lexicógrafo uma prática detalhada e minuciosa em relação a seu objeto de estudo.

Para Greimas e Courtès (s.d., p. 256), “compete ainda à Lexicologia a reflexão teórica sobre suas aplicações em Lexicografia, o que se explica se pensarmos no tratamento que os dicionários dão às unidades léxicas sejam elas complexas, sejam simples”. Enfim, a Lexicografia é a aplicação da Lexicologia.

2.2.2 O objeto de estudo da Terminologia

2.2.2.1 As linguagens de especialidade

Toda área de especialidade necessita de uma linguagem particular que seja do conhecimento dos profissionais ligados a ela. Esta necessidade dá-se, pois, em uma comunicação especializada; há uma necessidade de se evitarem ruídos, uma vez que estes prejudicam a comunicação precisa, tanto na comunicação entre os profissionais que a ela estão ligados, quanto na transmissão dos conhecimentos de determinado domínio. Segundo

Krieger, “tal precisão é uma condição necessária a um eficiente intercâmbio comunicacional entre especialistas dos diferentes ramos do conhecimento” (KRIEGER, 2000, p. 210).

Estas linguagens específicas, que são utilizadas nas comunicações de especialidade, são as chamadas **linguagens de especialidade** (ou também **tecnoletos**) e constituem um objeto de pesquisa da Terminologia. Durante muito tempo, as **línguas** (ou **linguagens**) **de especialidade** foram entendidas como “subsistemas lingüísticos que compreendem o conjunto dos meios lingüísticos próprios de um campo da experiência (disciplina, ciência, técnica, profissão etc)⁷” (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 20-21). Atualmente, são consideradas como “sistema de comunicação oral e escrita, usado por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento” (PAVEL e NOLET, 2002, p. 124).

De acordo com Cabré (2004), após reflexões feitas pelos terminólogos, convencionou-se chamar as *línguas de especialidade* de *linguagens de especialidade*, pois, segundo a tradição lingüística, a linguagem é a língua em uso, e as *linguagens de especialidade* são utilizadas para a comunicação dentro de um determinado domínio. A língua, nesse sentido, é entendida como algo mais amplo e a linguagem como estando contida na língua. No entanto, uma vez que o termo *língua* já estava consagrado, ainda é usado, com muita freqüência, hoje, pelos especialistas nos seus trabalhos.

Apresentamos, como exemplo, a área da Engenharia Civil. Se, no momento de uma construção, foram dadas instruções para que se executasse determinado serviço que seria fundamental para a segurança pública e, se quem o está executando desconhece a terminologia que foi usada naquela instrução, pode-se comprometer toda a obra, levando a conseqüências, às vezes, desastrosas.

⁷ Sous-système linguistique qui comprend l'ensemble des moyens linguistiques propres à un champ d'expérience particulier (discipline, science, technique, profession etc). (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 20-21)

A terminologia de um domínio é, pois, extremamente importante e necessária para garantir uma comunicação precisa entre os profissionais da área para que se possam executar trabalhos, prestar serviços, de forma correta e eficiente.

2.2.2.2 O termo

As linguagens de especialidade, sobre as quais falamos acima, são compostas pelos **termos**, que são definidos por Pavel e Nolet (2002, p.131) como: “palavra (termo simples), grupo de palavras (termo composto), sintagma, símbolo ou fórmula que designam um conceito de uma área específica. Também *unidade terminológica*”. Ao conjunto de **termos** dá-se o nome de **conjunto terminológico**.

No que concerne à estrutura morfossintática e léxico-semântica do termo, ele pode ser *simples* ou *complexo*. Será *simples*, quando formado por apenas um radical, como por exemplo: *câmera*; e será *complexo*, quando houver dois ou mais radicais em sua formação, como é o caso de *bater o branco*. Há também os termos *compostos*, os quais também são formados por mais de um radical, mas que se diferenciam dos *complexos* por estes possuírem um alto grau de *lexicalização*⁸. Os termos *compostos* possuem um caráter não-autônomo, o que, na grafia, é representado pelo uso do hífen e pelo conjunto de morfemas que os constitui, como em *editor-chefe* (BARROS, 2004).

O **termo** “é, simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente lingüístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 75). Conforme já foi tratado anteriormente,

⁸ Processo por meio do qual um grupo de palavras comporta-se como uma única unidade lexical. Exemplos: via láctea; correio eletrônico; bactéria de vida livre. (PAVEL e NOLET, 2002, p. 124)

os domínios especializados necessitam de uma linguagem particular não unicamente para a comunicação entre seus especialistas, mas também para a transmissão do saber daquele domínio para os iniciantes.

Pode ocorrer uma dificuldade em diferenciar os **termos** das outras palavras da língua geral que compõem um texto, quando se faz uma busca dos mesmos. Isso acontece porque há muita semelhança entre **termo** e palavra, como categoria gramatical – embora a grande maioria dos termos seja formada por substantivos, e raramente por adjetivos ou verbos – e formação da palavra ou termo. Entretanto, é claro, existe uma diferença que nos cabe salientar aqui, citando Krieger e Finatto (2004, p. 43).

A diferença entre estes, (...) não é outra senão a propriedade que possuem as **unidades lexicais** chamadas de **termos** de estruturas lingüísticas que, em sua dualidade sígnica, denominam e circunscrevem cognitivamente objetos, processos e conceituações pertinentes ao universo das ciências, das técnicas e das tecnologias; enquanto as **palavras**, realizando o mesmo processo denominativo e conceitual, cobrem toda a abrangência da realidade cognitiva e referencial apreendida e construída pelo homem (grifo nosso).

Segundo Cabré (1999, p. 25),

Uma palavra é uma unidade descrita por um conjunto de características lingüísticas sistemáticas e dotada da propriedade de se referir a um elemento da realidade. Um termo é uma unidade de características lingüísticas similares, utilizada em um domínio de especialidade.

A norma ISO 1087 (1990, p. 5) apresenta a seguinte definição de *termo*:

“designação, por meio de uma unidade lingüística, de um conceito definida em uma língua de especialidade⁹”. O *termo* é, portanto, uma unidade lingüística que contém um conteúdo específico de uma área de especialidade e é usada entre os especialistas desta área para sua comunicação interna, mas também é utilizada para a circulação, para a transmissão dos conhecimentos de determinado campo do saber.

⁹ Désignation au moyen d’une unité linguistique d’une notion définie dans une langue de spécialité. (ISO 1087, 1990, p. 5)

Wüster (1998, p.21-22) afirma que “uma unidade terminológica consiste em uma palavra à qual se atribui um conceito como seu significado, enquanto que para a maioria dos lingüistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo”¹⁰.

Segundo Cabré (1999), a definição de *termo* varia de acordo com três perspectivas distintas: a *lingüística*, a *filosófica* e das *diferentes disciplinas técnico-científicas*. Para a primeira, é um subconjunto que está incluído no léxico do falante, forma parte de sua competência como falante ouvinte ideal. Esta competência pode ser geral (língua geral) ou especializada (linguagem especializada), fazendo parte desta competência especializada a *terminologia específica*.

De acordo com a segunda perspectiva, a *filosófica*, os *termos* formam um conjunto de unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado. São unidades de conhecimento e também de representação.

E, finalmente, para *as diferentes disciplinas técnico-científicas*, é o conjunto das unidades de expressão e comunicação que faz com que se transmita o conhecimento especializado.

As três perspectivas, embora com pontos divergentes nas definições, convergem no fato de que a terminologia (*conjunto terminológico*) é um conjunto com uma finalidade específica: a de conter, representar ou transmitir o conhecimento especializado. As diferenças existentes são somente em relação a posições ou priorizações diferentes de cada disciplina, porém falam de um mesmo objeto.

¹⁰ Una unidad terminológica consiste en una *palabra* a la cual se le asigna un concepto como su significado, mientras que para la mayoría de los lingüistas actuales, la palabra es una unidad inseparable compuesta de forma y contenido. (WÜSTER, 1998, p. 21-22)

2.2.2.3 O conceito

Quando o terminólogo faz um trabalho de análise do conteúdo semântico de um termo, ele procede a uma *análise conceptual*. Esta análise consiste na “determinação das características de um conceito, de sua compreensão, de sua extensão e das relações que o mesmo mantém com outros conceitos¹¹” (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 26).

Para compreendermos melhor o que seja essa análise conceptual, vamos definir, primeiramente, o **conceito**. De acordo com Pavel e Nolet (2002, p.117), o conceito consiste em uma “unidade de conhecimento constituída por abstração, com base em um conjunto de traços ou características comuns, atribuídas a uma classe de objetos, de relações ou de entidades”.

Muito próximo é o que também apresenta Boutin-Quesnel sobre o significado de conceito: “unidade de pensamento constituída por um conjunto de características atribuídas a um objeto ou a uma classe de objetos e que pode se exprimir por um termo ou por um símbolo¹²” (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 18).

Fala-se em três tipos de conceitos: *conceito próprio de um domínio*, *conceito emprestado* e *conceito que ultrapassa o domínio*. O primeiro é entendido como aquele que é exclusivo de um domínio; o segundo como aquele que pertence a um outro domínio, mas que está sendo utilizado pelo domínio em estudo, e o terceiro e último conceito é aquele que é utilizado por vários domínios diferentes e não pertence a um somente (BARROS, 2004, p.107).

A *análise conceptual* é de extrema importância, pois desta forma o terminólogo estabelece as relações existentes entre os **termos** que compõem sua pesquisa,

¹¹ Détermination des caractères d’une notion, de sa compréhension, de son extension et des relations qu’elle entretient avec d’autres notions. (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 26)

¹² Unité de pensée constituée d’un ensemble de caractères attribués à un objet ou à une classe d’objets et qui peut s’exprimer par un terme ou par un symbole. (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 18)

construindo, assim, um *sistema conceptual* – também *árvore de domínio* ou *sistema de conceitos* – o qual é definido como um “conjunto de conceitos estruturados de acordo com as relações lógicas que mantêm entre si” (PAVEL e NOLET, 2002, p. 130). Este *sistema conceptual* permite que sejam analisadas todas as inter-relações que os **termos** possuem, mesmo que um termo mantenha uma relação de significado com mais de um termo.

A análise dos **conceitos** e dos **termos** é de fundamental importância em um trabalho terminológico¹³, mas há um outro elemento de igual valor para o estudo. Os termos e conceitos são analisados dentro de um **contexto**.

2.2.2.4 O contexto

Conforme Pavel e Nolet (2002, p. 118), o **contexto** consiste em: “1. Parte de um texto ou enunciado, em que está inclusa uma unidade lexical, e que contribui para determinar o seu significado. 2. Em uma ficha terminológica, prova textual que fornece informação sobre os traços semânticos de um conceito ou sobre o uso de um termo”.

Para Barros (2004, p. 109),

Por *contexto* compreende-se o enunciado que exprime uma idéia completa, no qual o termo estudado se encontra atualizado. A identificação das características de um conceito num contexto é possível graças aos *descritores*. Estes são os elementos reveladores de uma característica de um conceito contido em um contexto.

Os *descritores* exprimem, portanto, as características dos termos, e é o número e o tipo desses descritores que determinam o tipo de contexto. De acordo com Barros (2004), os contextos podem ser:

¹³ Trabalho sistemático de recolha, descrição, processamento e apresentação de conceitos e suas designações, com o objetivo de documentar e promover o uso correto de um termo. (PAVEL e NOLET, 2002, p. 131)

- **contexto definitório:** fornece informações precisas sobre o conceito designado pelo termo estudado.
- **contexto explicativo:** oferece resumidamente dados sobre certos aspectos do termo, mas sem defini-lo.
- **contexto associativo:** determina por meio de associações somente o domínio ao qual o termo pertence.

Para a autora, os dois primeiros contextos seriam os mais interessantes para uma pesquisa terminológica. Entendemos que o último tipo seria muito vago, pois não faz referência aos traços semânticos dos conceitos.

2.2.3 Origem e desenvolvimento da Terminologia

A prática da Terminologia já existia mesmo antes de esta ser reconhecida e classificada como uma disciplina científica. Desde que a linguagem humana existe, o homem tem a necessidade de nomear os objetos, os animais, as plantas, os instrumentos de trabalho, enfim, tudo o que o rodeia.

Com a nomeação do mundo natural, começam a surgir os dicionários bilíngües e as obras compostas unicamente de termos de um determinado domínio. Há mais de 2000 anos a.C. já existiam dicionários temáticos feitos em forma de tijolos de argila.

A produção deste tipo de obras era intensa, o que mostra quão grande sempre foi a necessidade de se descrever e de se registrar os nomes de tudo o que cerca o homem (BARROS, 2004).

Já no século XIV, quando as obras estavam sendo traduzidas para uma determinada língua e seus tradutores notavam que certo conceito não possuía um termo que o designasse em sua língua de chegada, eram criados os chamados *neônimos* – termos novos.

É o que fez, por exemplo, Nicolas d’Oresme (1320-1382), ao perceber que não existiam, na língua francesa – ao traduzir a *Política*, a *Ética* e a *Economia*, de Aristóteles – termos que designassem os conceitos expressos pelo filósofo, criando, então, os neônimos: *aristocracia*, *déspota*, *demagogo*, *legislação*, entre outros (VAN HOOFF, 1998, p. 245).

Conforme afirma Barros (2004), é no Renascimento, porém, que a idéia de uma disciplina que estude os termos de uma determinada área específica do saber se manifesta mais claramente. Foi neste período que o naturalista sueco Karl von Lineu (1707-1778) propôs um sistema universal de nomenclatura binominal que fez com que a botânica e a zoologia passassem a ter regras precisas de criação de nomes científicos na designação da flora e da fauna mundiais, independente do idioma que o cientista falasse.

A prática da Terminologia foi se desenvolvendo com o passar dos séculos, mas foi somente no século XX, precisamente em 1930, que ela se firmou realmente como disciplina científica. E isto se deu pela valiosa contribuição do engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898-1977), que constituiu as bases da chamada Escola Terminológica de Viena, desenvolvendo mais tarde sua Teoria Geral da Terminologia (TGT). Nesta mesma época, na ex-URSS, foram desenvolvidos trabalhos sobre termos de domínios especializados, sendo D. S. Lotte o principal representante da linha soviética de Terminologia (BARROS, 2004).

Ainda de acordo com a autora, foi então, no período entre 1930 e 1960, que surgiram os primeiros trabalhos que buscaram colocar-se como base teórica para a nova disciplina que estava despontando. A ênfase neste período é para com o caráter sistemático das terminologias. A partir da década de 60 até o ano de 1975, ocorreu também o desenvolvimento da informática e com ele os primeiros bancos de dados terminológicos

monolíngües, bilíngües e multilíngües. É nesta época que a terminologia obtém dimensões internacionais e se desenvolve a abordagem normativa das terminologias, com a criação, por Wüster, do GT 37 da ISO.

Para Krieger (2000), neste período, a partir dos anos 60, a ciência se expande e, conseqüentemente, as áreas humanas do conhecimento criam terminologias específicas, avançando, desta forma, a terminologia mundial nos mais variados campos do conhecimento.

De 1975 a 1985, proliferam-se as políticas de planejamento lingüístico e a Terminologia tem fundamental importância na “modificação das línguas por meio da modernização vocabular e da transmissão de conhecimentos científicos e técnicos” (BARROS, 2004, p.36). Do ano de 1985 até a década de 90, a Terminologia expande seu território. Neste período, ela alcança a América Latina, Portugal, a Espanha e países da África e da Ásia. Os projetos terminográficos multiplicam-se com variados temas e a formação do terminólogo desenvolve-se.

Nesse momento começam a surgir alguns questionamentos acerca do modelo clássico normalizador, o que leva a uma nova proposta, expressa pela Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), elaborada por Maria Teresa Cabré na década de 1990.

2.2.3.1 A Teoria Geral da Terminologia (TGT)

O engenheiro austríaco Eugen Wüster objetivava a univocidade entre *conceito* e *termo*, ou seja, para um determinado conceito, só poderia haver um único termo que o designasse, pois tinha a preocupação de eliminar a ambigüidade contida nos discursos

técnicos e científicos. Seu objetivo em estabelecer esta disciplina era justamente oferecer as bases científicas para que se conseguisse eliminar essa ambigüidade.

Segundo as palavras de Krieger (2000, p. 212-213):

... o corpo teórico fundador da terminologia corresponde melhor aos princípios de uma disciplina, cuja vocação está associada à missão de controlar e harmonizar os usos terminológicos em nível mundial, conforme preconiza a Escola de Viena. Conseqüentemente, a Teoria Geral da Terminologia assume um caráter metodológico, de natureza prescritiva e normalizadora ...

De acordo com Barros (2004), Wüster propôs, então, a elaboração de princípios terminológicos em seu livro intitulado *Die Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*, que surgiu a partir de sua tese de doutorado, a qual tratava da normalização da linguagem técnica. O livro abordava noções, definições, formação dos termos e propunha também uma metodologia baseada na sistematização das noções para a elaboração de dicionários terminológicos. Esse livro constituiu a base da Teoria Geral da Terminologia (TGT), a qual teve suas bases científicas justificadas por pretenderem eliminar a ambigüidade nos discursos técnicos e científicos.

Na TGT, o *termo* é considerado uma unidade independente, ele é analisado dissociadamente da gramática, do contexto e do discurso. Desta forma, não existiam, para Wüster, termos polissêmicos, homônimos ou sinônimos. A terminologia normativa poderia também criar uma designação para um dado conceito se esta não existisse.

Segundo Barros (2004), a produção terminológica foi crescendo e conseguindo cada vez mais espaço entre as ciências humanas. Com esse desenvolvimento dos estudos terminológicos e com a intensa produção terminográfica, começaram a surgir reflexões acerca da TGT. As considerações resultantes destas reflexões passaram a considerá-la uma teoria reducionista e limitada.

Essas idéias amadurecidas trouxeram a necessidade de se elaborar uma nova proposta teórica e metodológica para a Terminologia. Foi apresentada, então, por Maria

Teresa Cabré, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), com o objetivo de suprir as falhas detectadas na teoria clássica (BARROS, 2004).

2.2.3.2 A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

A Teoria Comunicativa da Terminologia não pretende anular a TGT. Ao oposto disto, ela reconhece seu valor para o avanço dos estudos terminológicos. Para Barros (2004), a teoria de Wüster embasou inúmeros trabalhos na área da Terminologia, portanto deve-se reconhecer seu valor. O que ocorre, porém, é que a TCT a considera um modelo reducionista e idealista.

No entanto, de acordo com Cabré (1999), citando as próprias palavras de Wüster:

... a atividade terminológica se limitava à compilação de conceitos e de termos para a *normalização* (fixação de noções e denominações padronizadas) dos *termos* de especialidade (quer dizer, das unidades integradas pela associação de um conceito e uma denominação, de caráter simbólico, próprias da ciência e da técnica) com a finalidade de assegurar a *univocidade da comunicação profissional*, fundamentalmente no *plano internacional*. (CABRÉ, 1999, p. 76)¹⁴

A TGT considerava a comunicação especializada como algo ideal e que deixava de lado os aspectos da realidade. Não se consideravam os elementos sintáticos do *termo*, pois este era visto como algo isolado de um *contexto*. Para essa teoria, o *termo* poderia ser analisado e estudado isoladamente, era independente.

¹⁴ (...) la actividad terminológica se limitaba a la recopilación de conceptos y de términos para la normalización (fijación de nociones y denominaciones estandarizadas) de los términos de especialidad (es decir, de las unidades integradas por la asociación de un concepto y una denominación, de carácter simbólico, propias de la ciencia y de la técnica) con la finalidad de asegurar la univocidad de la comunicación profesional, fundamentalmente en el plano internacional. (CABRÉ, 1999, p. 76)

Segundo Cabré (1999), a Teoria Geral da Terminologia distanciava-se da teoria lingüística geral na medida em que considerava o conceito e a designação de um *termo* dissociáveis, ou seja, era possível separá-los, pois eles não eram interdependentes. Neste sentido, a TGT aproxima-se da lingüística, uma vez que, para ela, o signo terminológico é uma unidade lingüística constituída de forma e conteúdo indissociáveis, assim como Saussure considerava o *signo*, sendo o significante e seu significado não passíveis de separação. Para a TGT, as unidades léxicas fora de um contexto não são *termos*, mas, sim, apenas *unidades léxicas*.

Após anos de estudos e reflexões, chegou-se à pontuação de vários aspectos em que a TGT era falha. De acordo com Cabré (1999), os pontos seriam:

- O foco da TGT era o de alcançar a univocidade da comunicação profissional, porém isto se contradizia com a complexidade da proposta interdisciplinar da teoria.
- A separação de conceito e significado provocou uma simplificação da noção de significado.
- Não levavam em conta os elementos lingüísticos e as estruturas morfológicas que compunham um *termo*, o qual era reduzido à sua condição denominativa.
- Esta redução à função denominativa levou ao desprezo dos aspectos sintáticos do termo, o que fez com que não se avançasse na pesquisa sobre o funcionamento gramatical da terminologia.
- A exclusividade à função denominativa conduziu também à desconsideração dos aspectos comunicativos e discursivos dos termos.
- A desconsideração também da variação formal e conceptual dos termos gerou um método de trabalho de base prescritiva, considerado válido para todo e qualquer tipo de pesquisa, independente do tema e dos contextos em que se realizam.

Na TCT, é necessário que, como salienta Cabré (1999, p. 126):

... do ponto de vista teórico como do metodológico, contemple-se a variação lingüística em toda sua dimensionalidade (...). Ao lado destas condições, a proposta deve assumir além disso que tanto o conhecimento especializado como os textos especializados, como as unidades terminológicas podem dar-se a diferentes níveis de especialização e descrever-se em diferentes níveis de representação¹⁵.

Apresentando estes pontos que deveriam ser trabalhados, pretendia-se criar as estruturas para a concepção da nova proposta, a qual não objetivava somente superar o caráter restritivo da teoria clássica, mas também estender as limitações de sua proposta metodológica, construindo uma teoria mais adequada à metodologia do trabalho terminológico.

Desta forma, o objetivo da TCT era de:

... descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como são ativados e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que nela se usam¹⁶. (CABRÉ, 1999, p. 133)

Para Cabré (1999), o *termo* ou *unidade terminológica* é considerado na TCT como unidade léxica que adquire o caráter de *termo*, de acordo com seu uso em contextos de comunicação especializada. Este caráter é ativado conforme seu uso dentro das linguagens de especialidade. Ele também não é *pertencente* a um domínio como considera a TGT, ele é “usado” em um domínio, podendo transitar entre diferentes áreas.

Um outro ponto em que a TCT fez-se diferente da teoria clássica é o dos casos de *sinonímia*, *homonímia* e *polissemia*. Para compreendermos melhor, vamos definir

¹⁵ ... desde el punto de vista teórico como desde el metodológico, se contemple la variación lingüística en toda su dimensionalidad (...). Al lado de estas condiciones, la propuesta debe asumir además que tanto el conocimiento especializado como los textos especializados, como las unidades terminológicas pueden darse a diferentes niveles de especialización y describirse en distintos niveles de representación. (CABRÉ, 1999, p. 126)

¹⁶ describir formal, semântica y funcionalmente las unidades que pueden adquirir valor terminológico, dar cuenta de cómo lo activan y explicar sus relaciones con otros tipos de signos del mismo o distinto sistema, para hacer progresar el conocimiento sobre la comunicación especializada y las unidades que se usan en ella. (CABRÉ, 1999, p. 133)

esses termos, fazendo referência ao que dizem Barros (2004) e Pavel e Nolet (2002). Como *sinonímia*, entende-se o fenômeno lingüístico em que uma palavra possui o mesmo significado que outra e são intercambiáveis em todos os contextos; a *homonímia* consiste em uma palavra que é pronunciada e escrita da mesma forma que outra, mas cujo significado é diferente; e por último a *polissemia*: palavra que possui vários significados.

A distinção entre uma palavra homônima e uma polissêmica – algo difícil de analisar – reside no fato de que palavras homônimas possuem significados que não possuem relação entre si, como é o caso de *manga*: a fruta ou a da camisa; no entanto, as palavras polissêmicas mantêm uma relação dos significados, como exemplo o adjetivo *claro*. Esta palavra pode ser usada em vários contextos diferentes: som *claro*, dia *claro*, assunto *claro*, entretanto, em todos eles, a conotação da palavra *claro* está ligada a clareza, a algo limpo, sem interferências, sendo, assim, palavras polissêmicas.

Para a Teoria Geral da Terminologia esses fenômenos lingüísticos não deveriam existir, eles eram eliminados. Na proposta comunicativa (TCT), esses casos são previstos e também tratados. É o que ocorre em nosso trabalho, uma vez que, para sua execução, nos embasamos nesta última teoria.

A TCT constitui-se, então, como uma alternativa à limitação e ao reducionismo em que a teoria clássica da Terminologia (TGT) perdurou durante tantos anos, transformando suas bases para que se possam obter pesquisas terminológicas mais “reais” e centradas no componente comunicativo da linguagem.

A Terminologia tem evoluído muito. Cada vez mais trabalhos estão surgindo nesta área, auxiliando, principalmente, o trabalho de tradutores, os quais trabalham com textos de diversas áreas específicas, das quais, na maioria das vezes, não possuem conhecimento aprofundado, necessitando, portanto, de algo que os auxilie em seus trabalhos, para que possam fazê-los de forma eficiente.

2.3 Terminografia

Conforme foi discutido em capítulo anterior, quando definimos Lexicologia e Lexicografia para fazermos um paralelo com a Terminologia, abordaremos aqui a Terminografia. Conforme afirmam Krieger e Finatto (2004, p. 50):

Tendo em vista que a Terminologia compreende uma face aplicada, voltada à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados, a atividade relacionada a essas aplicações é chamada de Lexicografia Especializada ou Terminografia. Essa última denominação reflete a tentativa de estabelecer um paralelismo com a Lexicografia, área correlata à Terminografia.

Para Barros (2004, p. 68), a Terminografia pode ser definida como “uma prática de elaboração de vocabulários técnicos, científicos e especializados. Mantém relação de colaboração com a Terminologia, visto que nela busca os fundamentos teóricos para a realização de seu trabalho”.

A Terminografia é, portanto, a aplicação da Terminologia, assim como a Lexicografia a da Lexicologia. O que as diferencia é o objeto de análise, sendo que a última trata de Língua Geral (analisando as palavras) e a primeira das Linguagens de Especialidade (analisando os termos). Para Boulanger (apud Krieger e Finatto, 2004, p. 50), a Terminografia pode ser definida como:

Trabalho e técnica que consiste em recensear e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais (...), assim como em suas relações com o meio socioprofissional.

Ainda de acordo com Barros (2004), a Lexicografia tem como objetivo a produção de dicionários de língua geral e a Terminografia, os dicionários terminológicos, sendo esta considerada uma disciplina científica, pois possui identidade própria, analisa os dicionários especializados, propondo novos modelos de tratamento dos dados, refletindo

cientificamente sobre seu trabalho e também solidificando uma metodologia de elaboração desse tipo de dicionário, contribuindo para a realimentação científica da Terminologia – a qual possui um caráter científico, distinguindo-se, portanto, pelo caráter tecnológico da Terminografia.

2.3.1 Tipos de obras lexicográficas e terminográficas

O processo de elaboração dos dicionários terminológicos exige um trabalho elaborado e aprofundado, sendo extenso e, muitas vezes, lento, embora poucos tenham conhecimento disso, quando utilizam um dicionário desse gênero. Abordaremos aqui, então, os tipos de obras terminográficas existentes.

Para tanto, utilizaremos o que afirma Barros (2004, p. 133) a respeito dessas obras:

Por *obras lexicográficas* entendemos os dicionários de língua, os dicionários especiais e outros que registrem unidades lexicais em todas as acepções que possam ter em um sistema lingüístico. Por obras terminográficas entendemos os dicionários terminológicos (ou vocabulários) que contêm o conjunto de termos de um domínio especializado (de uma técnica, uma ciência, uma profissão etc.).

Como salienta Barbosa (1996), existe, ainda hoje, como foi desde a Antigüidade, uma dificuldade quanto aos conceitos, denominações e definições desses tipos de textos. Não se assegurou, até os dias de hoje, uma terminologia da Terminologia de um modo consensual. Procederemos, então, a uma apresentação sobre as denominações de *dicionário, vocabulário e glossário*.

A norma ISO 1087 (1990, p.10) apresenta as seguintes definições:

6.2.1. dicionário: Repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações lingüísticas sobre cada uma dessas unidades.

6.2.1.1 dicionário terminológico: (termo tolerado: dicionário técnico): Dicionário (6.2.1) que compreende dados terminológicos (6.1.5.) relativos a um ou a vários domínios (2.2) particulares.

6.2.1.1.1. vocabulário: Dicionário terminológico (6.2.1.1.) baseado em um trabalho terminológico (8.2) que apresenta a terminologia (5.1) de um domínio (2.2) particular ou de domínios (2.2) associados¹⁷.

De acordo com as definições da ISO 1087, podemos perceber que *dicionário* é um termo genérico, compreendendo qualquer obra lexicográfica ou terminográfica; *dicionário terminológico* seria um tipo de *dicionário* que contém dados que dizem respeito exclusivamente a uma ou a várias áreas específicas do saber e *vocabulário* consiste em um tipo de *dicionário terminológico* baseado em um trabalho terminológico.

O Manual de Terminologia de Pavel e Nolet (2002, p. 122, 124 e 133) traz as seguintes definições:

glossário. 1. Repertório de termos, normalmente de uma área do conhecimento, apresentados em ordem sistemática ou em ordem alfabética, acompanhados de informação gramatical, definição, com ou sem contexto. 2. Lista de palavras de uma obra pouco conhecidas ou desusadas, apresentadas com sua definição. Cf. **dicionário de língua, léxico, vocabulário.**

léxico. Repertório bilíngüe ou multilíngüe de termos pertencentes a uma área do conhecimento, sem a necessidade de incluir definição. Cf. **dicionário de língua, glossário, vocabulário.**

vocabulário. Repertório monolíngüe, bilíngüe ou multilíngüe de palavras ordenadas de acordo com critérios específicos, como, palavras pertencentes a uma determinada atividade ou a um dado campo semântico, acompanhadas geralmente de definições ou de explicações sucintas. Cf. **dicionário de língua, glossário, léxico.**

Segundo essas definições, o *glossário* pode ser uma lista de palavras, que, normalmente, é apresentada ao final de uma obra, que possam causar dúvidas quanto a seus significados, por isso contém suas definições, mas também pode ser um repertório

¹⁷ **6.2.1 dictionnaire:** Répertoire structuré d'unités lexicales comportant des informations linguistiques sur chacune d'entre elles. (ISO 1087, 1990, p. 10)

6.2.1.1 dictionnaire terminologique (terme toléré: dictionnaire technique): Dictionnaire (6.2.1) qui comprend des données terminologiques (6.1.5) relatives à un ou plusieurs domaines (2.2) particuliers. (*idem, ibidem*)

6.2.1.1.1 vocabulaire: Dictionnaire terminologique (6.2.1.1), basé sur un travail terminologique (8.2), qui présente la terminologie (5.1) d'un domaine (2.2) particulier ou de domaines (2.2) associés. (*idem, ibidem*)

monolíngüe de termos de uma área do conhecimento, o que o diferencia de *léxico*, no sentido de que este último compreende um repertório bilíngüe ou multilíngüe desses tipos de termos, e que não necessita de possuir definições. Já o *vocabulário* consiste em um repertório que pode ser monolíngüe, bilíngüe ou multilíngüe e que normalmente apresenta definições.

Boutin-Quesnel (1985, p. 29-30), apresenta, no Office de la Langue Française, as definições a seguir:

3.1.2. **vocabulário.** Repertório que arrola os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por esses termos por meio de definições ou ilustrações.

3.1.3. **léxico.** Repertório que arrola os termos acompanhados de seus equivalentes em uma ou várias línguas, e que não apresenta definições.

3.1.1.7 **dicionário terminológico.** Dicionário que apresenta a terminologia de um ou de vários domínios¹⁸.

Nesta proposta, *vocabulário* e *léxico* distinguem-se no sentido em que o primeiro trata apenas de uma língua e consta de definições; enquanto que o segundo apresenta equivalentes em uma ou mais línguas, não apresentando definições. Finalmente, *dicionário terminológico* é constituído pelos termos de um ou de mais domínios específicos.

De acordo com Barros (2004), a definição de *dicionário terminológico* segundo Boutin-Quesnel não é clara, pois, uma vez que apresenta a terminologia de um domínio, poderia ser classificado como *vocabulário*. Entendemos, também, que essa definição é um tanto vaga, pois não explica se há definições dos termos arrolados.

Apoiando-se nas diferentes propostas de classificação tipológica das obras lexicográficas e terminográficas, Barros (2004, p. 144), igualmente, propõe uma classificação, em que os diferentes repertórios já expostos, anteriormente, são definidos da seguinte forma:

¹⁸ 3.1.2 **vocabulaire-** Répertoire qui inventorie les termes d'un domaine, et qui décrit les notions désignées par ces termes au moyen de définitions ou d'illustrations. (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 29)

3.1.3 **lexique-** Répertoire qui inventorie les termes accompagnés de leurs équivalents dans un ou plusieurs langues, et qu'il ne présente pas de définitions. (*idem*, p. 30)

3.1.1.7 **dictionnaire terminologique-** Dictionnaire qui présente la terminologie d'un ou de plusieurs domaines. (*idem*, p. 29)

2) *Dicionário terminológico* (termo concorrente: *vocabulário*): situa-se no nível da (s) norma (s), registrando unidades terminológicas de um ou de vários domínios. Apresenta, obrigatoriamente, definição, mas nenhum dado enciclopédico.

3) *Glossário* (termo tolerado: *dicionário bilíngüe, dicionário multilíngüe*): pode situar-se tanto no nível do sistema como no da (s) norma (s). Sua principal característica é não apresentar definições, mas tão-somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas.

5) *Léxico*: situa-se no nível de uma norma, uma vez que lista unidades lexicais, terminológicas ou qualquer tipo de expressão utilizada pelo autor que se considere de difícil compreensão do público leitor de uma obra. Nesses casos, o léxico figura normalmente como apêndice da obra e apresenta as unidades lexicais seguidas de suas definições.

Nessa classificação, fica clara a diferença entre *dicionário terminológico* e *glossário*. O primeiro é composto por somente uma língua, está relacionado a unidades terminológicas e deve apresentar definições; enquanto que o segundo é formado por mais de uma língua – pois apresenta equivalentes –, pode relacionar-se a unidades terminológicas ou lexicais e não apresenta definições. Já o *léxico* é apresentado no final das obras como apêndice, apresenta definições, mas consta de unidades lexicais ou terminológicas que foram utilizadas pelo autor da obra que possam suscitar dúvidas no leitor.

Entendemos que essa classificação apresentada por Barros (2004) é clara e coerente, razão pela qual a utilizamos em nosso trabalho – cujo título é “Dicionário terminológico dos termos fundamentais da linguagem das produções telejornalísticas” –, uma vez que nosso repertório está relacionado a unidades terminológicas somente da língua portuguesa e também apresentará definições.

2.3.2 A macroestrutura

A *macroestrutura* de um dicionário refere-se à:

... organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Este tipo de organização está relacionado às características gerais do repertório, ou seja, à estruturação das informações em verbetes (que podem se suceder vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros. (BARROS, 2004, p. 151)

Ainda de acordo com Barros (2004), a macroestrutura é formada pela *lista de entradas*, ou seja, as unidades léxicas ou terminológicas que compõem o dicionário, constituindo sua *nomenclatura* – “lista de termos, símbolos e fórmulas que designam os nós de um diagrama conceitual, elaborada durante uma pesquisa temática” (PAVEL e NOLET, 2002, p. 126).

A ordem de entrada dos termos ou unidades léxicas pode ser alfabética contínua ou descontínua. Na primeira, “a seqüência não leva em conta os espaços em branco, nem os caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos, tais como apóstrofo, hífen, cedilha, til, acentos diferenciais e outros” (BARROS, 2004, p. 152). Já em uma ordem alfabética descontínua, esses espaços e sinais são considerados. Um exemplo de uma série de unidades lexicais em ordem contínua e descontínua é apresentado por Barros (2004):

- *Ordem alfabética contínua:* galinha, galinha-arrepiada, galinha-choca, galinha-d’água, galinha-da-guiné, galinha-da-índia, galinha-d’angola.
- *Ordem alfabética descontínua:* galinha, galinha-arrepiada, galinha-choca, galinha-d’água, galinha-d’angola, galinha-da-guiné, galinha-da-índia.

No primeiro caso, foi considerada apenas a ordem alfabética das letras; já no segundo, *galinha-d’angola* apareceu antes de *galinha-da-guiné*, pois o apóstrofo deve preceder a letra. Na macroestrutura de nosso repertório, a ordem em que os termos serão listados é a alfabética contínua.

2.3.3 A microestrutura

A microestrutura de um dicionário consiste no modo como as informações referentes às entradas são apresentadas no verbete. Entende-se por *verbetes* a estrutura formada por *entrada* e as informações relativas a ela (*definição*).

A *entrada* é definida por Pavel e Nolet (2002, p. 120) como: “1. Termo registrado em uma ficha como designação do conceito em estudo. 2. Termo que encabeça uma entrada terminológica”. Ela é apresentada no dicionário destacadamente (em negrito), é separada do corpo de texto normalmente por dois pontos e deve ser iniciada por letra minúscula. Deverá apresentar a forma não-marcada, ou seja, se for um verbo, deve vir no infinitivo; se for substantivo ou adjetivo deverá ser grafada em sua forma masculina e no singular, salvo nos casos em que a unidade lingüística seja feminina ou plural.

Segundo Barros (2004, p. 158-159), “o enunciado que descreve o conteúdo semântico-conceitual de uma unidade lexical ou terminológica em posição de entrada de um verbete é chamado *definição* ou enunciado definicional”. Refere-se, portanto, às informações apresentadas relativas à entrada do verbete, suas características e traços semânticos.

Para Pavel e Nolet (2002, p. 119), *definição* consiste em:

1. Fórmula lexicográfica que explica o conceito designado por um termo. Exemplo: *definição terminológica*.
2. Em uma ficha terminológica, tipo de prova textual que permite estabelecer a equivalência textual entre várias línguas ao descrever os traços semânticos distintivos de um conceito.

Krieger e Finatto (2002, p. 92) apresentam vários tipos diferentes de definições:

A definição terminológica é reconhecida como aquela que mais se ocupa de termos técnico-científicos. A definição lexicográfica, por sua vez, é compreendida como aquela que mais se ocupa de palavras. A definição lógica, de um outro modo, estabelece um valor proposicional de verdade, enquanto as definições explicativas ou enciclopédicas contêm informações variadas sobre um dado objeto da realidade.

De acordo com Barros (*idem*, p. 156), três elementos devem ser considerados quando se constrói a microestrutura de um dicionário:

- a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico;
- b) a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra;
- c) a ordem de seqüência dessas informações.

A microestrutura de nosso dicionário será composta por: termo, categoria gramatical, definição e também o termo em uso – o contexto. Por ser uma linguagem técnica, existem vários termos complexos (*abertura da matéria* e *ao vivo*, por exemplo) e siglas (*PM*, *BG* etc). Tomaremos cuidado ao definirmos as categorias gramaticais para não incorrermos em erros. As siglas também serão tratadas como termos, pois elas são usadas dessa forma, em lugar de *termos simples*.

2.3.4 O sistema de remissivas

Outro elemento importante que compõe a estrutura de uma obra lexicográfica ou terminográfica é o *sistema de remissivas*, o qual “procura resgatar as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica” (BARROS, 2004, p. 174).

Uma vez que as entradas dos dicionários são apresentadas, geralmente, em ordem alfabética, o *sistema de remissivas* serve para guiar o leitor/pesquisador à unidade léxica ou terminológica que quer encontrar. Ele faz uma ligação semântica entre as palavras ou termos, e a informação almejada pelo leitor torna-se mais completa.

O *sistema de remissivas* pode apresentar-se tanto na macroestrutura – quando “levam” o leitor a um outro verbete onde encontrará o que busca – quanto na microestrutura do dicionário.

3. METODOLOGIA UTILIZADA EM NOSSO TRABALHO

3.1 Planejamento da pesquisa

Os procedimentos que devem ser tomados para se efetuar a produção de um dicionário terminológico exigem reflexão e uma pesquisa aprofundada. Este tipo de trabalho não é simples como podem pensar alguns leitores que encontram facilmente aquilo que procuram e de uma forma didática nos dicionários. Especialmente, é preciso “saber distinguir, primeiro, as peculiaridades de um dicionário terminológico diante das especificidades e objetivos dos dicionários gerais ou comuns de língua” (KRIEGER e FINATTO, 2002, p. 127).

Para se produzir uma obra terminográfica de acordo com a teoria terminológica, primeiramente é necessário que seja elaborado um plano de trabalho. Barros (2004, p. 189-190) apresenta alguns questionamentos que devem ser feitos previamente.

- a) Que tipo de obra desejo fazer?
- b) Que tipo de público pretendo atingir?
- c) Que tipo de dados a obra deve conter?
- d) Existem condições científicas para a realização do trabalho? Detenho os conhecimentos necessários à elaboração de uma obra dessa natureza? (...) Conto com a assessoria de especialistas da área?
- e) Existem condições reais para a execução da obra? Há bibliografia suficiente e de qualidade? Tenho à minha disposição equipamento

- informático (...)? Em quanto tempo o projeto se concluirá? Quantas horas por semana tenho disponíveis para dedicar à obra? (...)
- f) Diante das condições materiais e científicas, meu projeto é viável, mesmo havendo deficiências de partida, normais em toda pesquisa?

Refletindo sobre essas questões, primeiramente, a obra almejada por nós é um vocabulário que contenha os termos fundamentais, os mais atuais e mais usuais da linguagem das produções dos telejornais. Ela deverá conter, além dos termos fundamentais, suas definições, exemplos de uso, para que o leitor possa compreender o conceito e também sua contextualização.

Quanto às condições científicas, estamos preparados, uma vez que estudamos a bibliografia para nos fundamentarmos teoricamente.

Em relação ao auxílio de especialistas da área, entramos em contato com vários profissionais, sendo que, dentre eles, dois se dispuseram e, efetivamente, colaboraram. No que diz respeito ao material disponível, tanto bibliografia quanto equipamento de informática, contamos com uma bibliografia que acreditamos ser suficiente e também com programas de computador adequados à execução da obra.

Analisando a viabilidade da obra, acreditamos que seria viável, uma vez que, entrando em contato com materiais disponíveis desta área do saber, percebemos que nosso repertório colaborará para a complementação desse tipo de bibliografia, será uma contribuição aos profissionais de Jornalismo, ajudando-os nas atividades que requeiram conhecimento dessa terminologia.

Após fazermos essa avaliação, devemos definir quais serão as características da obra em questão e para isso Barros (2004, p. 190) pontua os principais itens que devem ser determinados, aqueles que servem de base para a elaboração desse tipo de obra. São eles:

- objetivos da obra;
- público-alvo;
- conhecimento da área;
- limites da pesquisa;
- princípios metodológicos;

- delimitação da nomenclatura;
- organização interna da obra;
- cronograma de atividades.

3.1.1 Objetivos e público-alvo da obra

Conforme afirma Barros (2004, p. 190), “a determinação do público-alvo está intimamente ligada aos objetivos da obra. (...) Se se pretende criar um instrumento de auxílio profissional, então o público-alvo são os especialistas da área ou iniciantes na matéria”. Analisando-se e tendo-se consciência do público-alvo, a obra será coerente. Deve-se avaliar se serão especialistas, iniciantes no assunto ou ambos e se o público em geral também terá acesso à obra. Isso é necessário para que não somente componham o dicionário elementos que realmente serão úteis, mas também para que se adapte à linguagem utilizada nas definições. “Os objetivos e público-alvo determinam também as características da obra e os tipos de dados a serem veiculados pelos verbetes” (*idem*, p. 192).

O nosso repertório será destinado não somente aos profissionais que atuam no jornalismo, mas igualmente aos iniciantes na área, aos estudantes de comunicação com ênfase em Jornalismo, que necessitam conhecer e se familiarizar com os termos dos quais farão uso quando estiverem atuando, seja como profissionais, seja como estagiários. Estes universitários, ao concluírem a graduação e se depararem com o mercado de trabalho, entrarão em contato com uma terminologia específica, com a qual é essencial que tenham tido algum contato prévio.

Com um dicionário para auxiliá-los, eles poderão recorrer a ele sempre que surgirem dúvidas ou alguma curiosidade em relação à terminologia do domínio, e, até mesmo, durante o curso, necessitarão de buscar termos que desconhecem.

É também destinada ao público em geral, a qualquer pessoa que queira conhecer a linguagem técnica desta área profissional tão fascinante. Sendo assim, a linguagem das definições não poderá ser extremamente técnica, voltada exclusivamente aos especialistas, pois deverá ser acessível àquele tipo de público, mas tampouco dedicada somente aos leigos ou estudantes. Deve-se ponderar, portanto, e utilizar uma linguagem adequada.

3.1.2 Conhecimento da área

Um terminólogo “pode lançar-se em um projeto de obra sobre um campo específico do saber que não conheça de modo aprofundado, bastando, para tanto, ter sólida formação em Terminologia. (...) um dos primeiros passos a ser dado é a familiarização com o objeto de estudo” (BARROS, 2004, p. 192).

O terminólogo pode produzir obras terminológicas de qualquer domínio, uma vez que ele conheça os procedimentos metodológicos que deverá utilizar para tanto. Mas um fator essencial é que ele se familiarize e adquira conhecimentos acerca da área em estudo. É necessário que ele faça, segundo Barros (2004, p. 192-193), “leituras prévias sobre o assunto e discussões com profissionais da área em questão, aos quais deve solicitar orientações sobre a bibliografia a ser consultada”.

Algo que também é muito relevante para o trabalho é a aproximação do terminólogo com os especialistas em seu local de trabalho, pois, assim, ele poderá conhecer pessoalmente como é o seu trabalho e a terminologia que está presente na prática daquele domínio.

Sendo nossa área de estudo o Jornalismo, houve um contato inicial com o domínio, uma familiarização. Contatos com profissionais da área em questão também foram

de extrema importância. A profissional contatada que proporcionou grande auxílio para nossa pesquisa foi a jornalista e docente de Telejornalismo da Universidade Estadual de Londrina, no estado do Paraná, Flávia Lúcia Bazan Bepalhok. Esta especialista auxiliou na escolha e na definição da bibliografia da área de Jornalismo.

Um contato seguinte foi feito com a emissora de televisão TVI-SBT, da cidade de Araçatuba-SP. Fizemos uma visita para conhecermos a prática desses profissionais. Não houve possibilidade de uma entrevista formal, somente um diálogo informal com a chefe de redação, mas que foi válida pela aproximação com o domínio.

3.1.3 Delimitação da nomenclatura

Diferentes fatores podem determinar a *nomenclatura* de um dicionário. Entende-se por *nomenclatura* uma “lista de termos, símbolos e fórmulas que designam os nós de um diagrama conceitual, elaborada durante uma pesquisa temática” (PAVEL e NOLET, 2002, p. 126). Estes fatores podem ser quantitativos (de frequência, por exemplo) e qualitativos (de natureza semântica, por exemplo).

Para a delimitação da nomenclatura de nosso dicionário, adotamos os dois tipos de critérios, uma vez que se considerará a terminologia mais relevante para o domínio, mas também sua presença em determinadas obras. Analisamos os termos que figuravam na maior parte do *corpus* e, dentre estes, quais os mais relevantes para o domínio.

3.2 Execução da obra terminográfica

Após o planejamento da obra terminográfica, procede-se a sua execução. Para isso, seguiremos vários procedimentos que são comuns a todo tipo de pesquisa terminológica, seja qual for o domínio específico, os quais se completam para resultarem em nosso objetivo final: o dicionário.

3.2.1 Estabelecimento do *corpus*

Entende-se por *corpus* todo material utilizado para a execução do trabalho terminológico. Como define Boutin-Quesnel (1985, p. 26), consiste o corpus no “conjunto de enunciados orais ou escritos relativos ao domínio estudado e que são utilizados em um trabalho terminológico¹⁹”. Existem dois tipos de *corpus*: o *corpus de análise* e o *corpus de referência*, “o primeiro compõe-se dos textos dos quais serão recolhidas as unidades terminológicas que constituirão a nomenclatura, e o segundo, de textos de apoio, que servem para a complementação de informações” (BARROS, 2004, p. 202) .

Pavel e Nolet (2002, p. 133) definem o *corpus textual* como sendo um “conjunto de textos selecionados que servem de base para realizar uma análise terminológica”. O *corpus*, porém, não se constitui somente de textos “reais”, ele pode ser formado também por uma base textual.

Uma base textual pode ser definida como um acervo de textos técnico-científicos em formato digital, de textos complexos que são utilizados para estudo e geração de produção de obras de referência como glossários e dicionários. (KRIEGER e FINATTO, 2002, p. 206)

¹⁹ Ensemble des sources orales et écrites relatives au domaine étudié et qui sont utilisées dans un travail terminologique. (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 26)

Outro elemento que pode fazer parte de um *corpus* são as entrevistas com especialistas da área em estudo pelo terminólogo. Enfim, o *corpus* é todo aquele material de que se faz uso na busca da terminologia que se pretende analisar.

Para a definição do *corpus*, o auxílio dos especialistas da área em estudo é muito importante, pois é necessário que esta bibliografia seja de qualidade e respeitada entre os estudiosos do meio. Conforme afirma Barros (2004, p. 202-203), “uma atenção deve ser dada à qualidade e à respeitabilidade da bibliografia selecionada. Devem ser obras de referência, consideradas de boa qualidade pelos especialistas da área”.

Não fizemos um levantamento exaustivo da bibliografia, e sim, tentamos definir o *corpus* com obras que fossem realmente representativas do domínio. Para isso, nesta fase da investigação, contamos com a colaboração de uma profissional da área, a já anteriormente citada docente da Universidade Estadual de Londrina, Flávia Lúcia Bazan Bepalhok, e chegamos à definição do *corpus*, que consta de manuais de telejornalismo, que ensinam didaticamente aos estudantes e pessoas que estão ingressando neste campo do saber – o que faz com que possuam uma linguagem específica, no entanto compreensível até mesmo para quem esteja iniciando – e também de *dicionários técnicos*²⁰ existentes no mercado. Dentre estas obras, quatro são manuais e dois são dicionários. São elas:

- CURADO, Olga. *A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.
- HERÓDOTO, Barbeiro; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- MELLO, José Guimarães. *Dicionário multimídia: jornalismo, publicidade e informática*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

²⁰ É exatamente desta forma que são designados nas obras, mas, segundo a teoria proposta por Barros (2004), deveria ser nomeado por *dicionário terminológico* ou *vocabulário terminológico*.

- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- ROITER, Ana Maria; TRESSE, Euzebio da Silva. *Dicionário técnico de tv*. São Paulo: Editora Globo, 1995.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. *Aprender telejornalismo: Produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Nosso interesse nos manuais está no fato de que estes trazem a linguagem específica e também, nos finais das obras, possuem “glossários”²¹ com os termos citados no texto do livro e também outros que são usados no domínio. Quanto aos dicionários, o de Mello (2003) é generalizado, tratando de publicidade, jornalismo e informática; o de Roiter e Tresse (1995), embora com uma exaustiva listagem dos termos, deixa de listar vários que são de fundamental importância para a área.

Estas obras são de autores conhecidos e respeitados, no campo do jornalismo, especialmente em **telejornalismo**. Algumas possuem datas de publicações recentes, outras já um pouco mais antigas, mas isto também será importante para que possamos analisar aquela linguagem que não é mais registrada, não mais usada entre os profissionais.

Consideraremos que estas obras utilizam a norma padrão da língua portuguesa, desprovidas de regionalismos. Isto não quer dizer que devemos desconsiderar a linguagem regional usada no telejornalismo, mas analisá-la renderia uma pesquisa e um trabalho à parte.

²¹ Léxicos.

3.2.2 Recolha dos termos e levantamento dos dados

Posteriormente à definição do *corpus*, vem uma fase do trabalho terminológico também essencial: a recolha dos *termos* e o levantamento dos dados relacionados a eles. Esta recolha pode ser efetuada de duas formas diferentes: *recolha manual* ou *eletrônica*. O trabalho manual, embora pareça ultrapassado, ainda é muito utilizado, pois nem sempre o terminólogo tem à disposição o que há de mais atual em termos de informática, não sendo por isso um trabalho menos eficiente.

No caso desta pesquisa, a recolha foi feita manualmente. Primeiramente, foi feita uma análise dos termos presentes nos “glossários”²² dos manuais de telejornalismo e nos dicionários existentes que compõem nosso *corpus*. Fizemos uma seleção manual dos termos presentes no *corpus* e, a partir daí, criamos uma tabela em um banco de dados através do programa Microsoft Access. Abaixo está o início desta tabela como exemplificação:

²² *Glossário* é o nome dado à lista de termos que figura no final das obras que fazem parte do nosso *corpus*. Nós a denominaremos de *Léxico*, seguindo a teoria de denominação proposta por Barros (2004) e anteriormente discutida.

Microsoft Access - [Termos - Mestrado 02 : Tabela]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda Digite uma pergunta

Termos	Paternostro	Roiter e Tresse	Barbeiro	Squirra	Curado
A.D.O		x		x	
ABERT		x		x	
Abertura		x		x	
Abertura da matéria	x		x	x	
Abertura de programa	x				
Ação				x	
ACR	x	x			
Afastamento				x	
Afiladas	x	x			
Agenda	x				
Ajustes técnicos			x		
Alta definição / HDTV		x		x	
Alta fidelidade				x	
Amarrar informações	x			x	
Amplitude		x	x		
Analogico	x	x			
Âncora	x	x			
Animação		x	x		
Antena parabólica	x				
Ao vivo	x	x		x	
Aproximação				x	
Apuração	x	x		x	
Aquário				x	
Argumento				x	
Arquivista					

Registro: 1 de 441

Modo folha de dados

NUM

Nesta tabela, foram registrados os 441 termos encontrados no *corpus*. Na primeira coluna, estão os *termos*, ao lado direito estão os nomes de cinco autores, cujas obras compõem o *corpus* da pesquisa. Conforme os termos eram encontrados em determinada obra, foi sendo marcado um X no espaço designado a cada autor. Então, fizemos um levantamento aqui de quais *termos* aparecem em que obras. Buscamos esses termos dentro dos *léxicos* que estas obras contêm; sendo assim, cada *termo* só aparece uma vez juntamente com sua definição.

Num primeiro momento, foram encontrados, no *corpus*, 441 *termos*; no entanto, como o objetivo da pesquisa é analisar a terminologia mais atual e a mais usual da área – e não fazer um levantamento exaustivo desta terminologia –, foi feita uma “filtragem” desses termos para a definição da nomenclatura.

Para isso, após esse momento, a tabela foi encaminhada à especialista e fizemos uso do critério de *fiabilidade*, o qual, de acordo com Barros (2004, p. 197), “consiste na avaliação de um termo, cujo estatuto é determinado por critérios previamente estabelecidos e que se exprimem por uma escala de valores”. O código usado nessa avaliação dos termos foi uma escala composta de três níveis: *mais utilizados*, *utilizados* e *menos utilizados*. Por meio dessa análise, foi possível chegar a um número de 207 termos, os quais formarão o repertório.

Abaixo apresentamos a tabela já examinada pela especialista:

Termos	Paternostro	Barbeiro & Lima	Squirra	Curado
Edição	x		x	
Edição computadorizada		X		
Edição especial	x			
Edição extra	x			
Edição final		X		
Edição não linear				x
Editor de imagens	x		x	
Editor de notícias			x	
Editor de texto	x			
Editor-chefe/responsável	x		x	
Editoria de arte	x			
Editorial	x			
Efeito especial	x			
Efeitos sonoros		X		
EMBRATEL			x	
Emissora			x	
Encerramento de matéria	x		x	
ENG	x		x	x
Enquadramento	x	X	x	x
Entrelaçamento de imagem				x
Entrevista	x		x	
Entrevista coletiva	x		x	
Enviado especial	x		x	
Enxugar	x		x	
Escalada	x			
Escuta	x			
Espelho	x	X	x	
Estourar	x		x	
Estourar o som	x			
Evento	x			
Exclusividade	x		x	
Externa		X		
Fade	x	X		

Termos	Paternostro	Barbeiro & Lima	Squirra	Curado
Fade-in			x	
Fade-out			x	
Fast motion			x	
FCC				x
Feature	x			

Os termos *mais utilizados* foram marcados com a cor amarela, os *utilizados* com a cor verde e a cor azul marcou os termos *menos utilizados*. Os termos não marcados foram considerados pouco usuais e não seria conveniente que estivessem presentes em uma obra que não objetiva ser exaustiva.

3.2.2.1 O sistema de conceitos

Também chamado de *sistema conceptual*, *sistema de noções*, *mapa conceptual* ou *árvore do domínio*, o *sistema de conceitos* “é um diagrama hierárquico composto por termos-chave de uma especialidade, semelhante a um organograma” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 134).

Como afirma Barros (2004, p. 219), “nas pesquisas em língua de especialidade e na elaboração de dicionários terminológicos, é importante a organização dos termos recolhidos em um sistema estruturado de conceitos”. Ainda segundo Barros (2004), após traçar o perfil da nomenclatura e estudar as relações conceptuais que as unidades terminológicas mantêm entre si, elabora-se um *sistema de conceitos* provisório, que, provavelmente, sofrerá modificações ao longo do tratamento dos dados.

Abaixo, apresentamos alguns campos conceptuais que compõem nosso sistema de conceitos, o qual será apresentado, na íntegra, no capítulo 4. Fizemos uma análise semântica dos termos para separá-los em cada campo do sistema conceptual. Alguns termos

ocupam mais de um lugar dentro do sistema, pois se relacionam com mais de um hiperônimo. Estes, quando não existiam para se dar início a um campo (número 10.1, por exemplo), foram criados por nós (número 10), uma vez que não estavam contidos no *corpus*.

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> 1. ao vivo <ul style="list-style-type: none"> 1.1 unidade móvel/UM 1.2 unidade móvel de jornalismo/unidade externa de jornalismo/UMJ 1.3 unidade portátil de jornalismo/UPJ/unidade de produção/UPP 1.4 up link 1.5 caixa de sapato 1.6 transmissão ao vivo 1.7 real time/real-time 3. câmera <ul style="list-style-type: none"> 3.1 viewfinder 3.2 câmara subjetiva 3.3 bater o branco/white balance 3.4 camcorder 3.5 ângulo <ul style="list-style-type: none"> 3.5.1 plano <ul style="list-style-type: none"> 3.5.1.1 tripé 3.6 chicote 3.7 dolly 3.8 zoom <ul style="list-style-type: none"> 3.8.1 zoom in 3.8.2 zoom out 3.9 panorâmica 3.10 tilt/pan vertical 3.11 travelling | <ul style="list-style-type: none"> 5. edição <ul style="list-style-type: none"> 5.1 coordenador 5.2 edição especial 5.3 edição extra 5.4 edição não-linear/edição não linear 5.5 editor de imagens 5.6 editor de texto <ul style="list-style-type: none"> 5.6.1 roteiro da edição 5.7 editor-chefe 5.8 editoria de arte <ul style="list-style-type: none"> 5.8.1 selo 5.9 cue in/time code in 5.10 cue out/time code 5.11 contraplano 5.12 decupagem/decupar a fita 5.13 efeito especial 5.14 ilha de edição 9. notícia <ul style="list-style-type: none"> 9.1 checar 9.2 barriga 9.3 amarrar informações/costurar informações 9.4 apuração 9.5 briefing 9.6 ENG 9.7 exclusividade 9.8 fonte de informação 9.9 gancho 9.10 hard news 9.11 registro 9.12 suíte |
|---|---|

3.2.2.2 O registro dos dados através das *fichas*

Krieger e Finatto (2004) definem *ficha terminológica* como sendo:

... um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. Nela, constam informações indispensáveis, tais como a fonte textual de

coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes que o acompanham. A ficha também reúne informações operacionais ao trabalho, tais como nome do responsável pela coleta, datas de registro e revisão etc. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 136)

As informações relativas aos *termos* devem ser registradas para que as utilizemos posteriormente; para isso utilizam-se *fichas*. Em nosso trabalho, utilizamos as *fichas terminológicas*, “nas quais são registrados os dados relevantes e pertinentes sobre cada unidade terminológica (uma ficha para cada unidade estudada), provenientes das fichas de recolha ou diretamente do *corpus*” (BARROS, 2004, p. 211). Os dados de nossas fichas foram retirados diretamente do *corpus*, pois não foram abertas *fichas de recolha*.

Nas *fichas de recolha* (ou *de citação*), de acordo com Barros (2004):

... são registrados a unidade lingüística em estudo, um exemplo de seu uso na língua, uma definição ou uma ilustração do objeto designado. Elas podem ser de dois tipos: *ficha de identificação* ou *ficha de citação inteira*. A primeira registra a unidade terminológica, a fonte (referência bibliográfica completa) e, eventualmente, a indicação de que o texto-fonte dá uma definição ou apresenta uma ilustração. A segunda registra os mesmos dados que a primeira e, ainda, o contexto e a ilustração. (BARROS, 2004, p. 211)

Para Pavel e Nolet (2002, p. 121), uma *ficha terminológica* consiste em um “modelo de apresentação de dados que reúne, em campos diferentes, toda informação disponível referente a um conceito especializado (termos e marcas de uso, provas textuais, áreas temáticas, línguas etc.)”.

As fichas são compostas pelos *campos* – definidos como “áreas predeterminadas reservadas ao registro de um tipo específico de dado²³” (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 28). Os dados registrados nas fichas distinguem-se entre *dados terminológicos* e *dados terminográficos*.

Os primeiros são os que concernem à unidade terminológica, sua descrição lingüística e às relações que o termo mantém com as outras unidades lingüísticas estudadas. (...) Os *dados terminográficos* compõem-se dos dados terminológicos

²³ Aire prédéterminée d’une fiche terminologique, réservée à la consignation d’un type particulier de donnée. (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 28)

acima e de dados associados, isto é, informações que oferecem precisões sobre a unidade terminológica estudada, indicações sobre o tratamento terminográfico. (BARROS, 2004, p. 211-212)

Abordaremos, a seguir, os dados mais importantes que deverão ser registrados nas fichas de nosso trabalho, seguindo os pontos expostos por Barros (2004). Os *dados terminológicos* mais importantes são:

- *relacionados à unidade lingüística*: forma privilegiada, formas diferentes que designam o mesmo conceito, categoria gramatical;
- *descrição da unidade*: contexto, observações gerais;
- *relações intersígnicas*: informações sobre as relações que a unidade que inicia a ficha mantém com as outras unidades do mesmo campo semântico (sinonímia, parassinonímia, hiperonímia-hiponímia).

Em relação aos *dados terminográficos*, os mais relevantes são:

- *notas*: todas as informações não previstas nos campos da ficha, que sejam posteriormente consideradas importantes;
- *símbolo de classificação*: número indicador do lugar do conceito dentro do sistema estruturado de conceitos;
- *fontes*: elas devem ser indicadas em forma de códigos e deverão ser feitas para todos os dados terminológicos.

Para o armazenamento dessas fichas criou-se um banco de dados através da utilização do programa *Access 2000*. Os dados que as compõem são: símbolo de classificação, termo, categoria gramatical, definição, fonte da definição, outras designações, hiperônimo, contexto, fonte, notas (*SN scope notes*).

O *símbolo de classificação* e o *termo* foram registrados a partir do sistema de conceitos exposto anteriormente. Quanto à *categoria gramatical*, como os termos de nosso

estudo designam ou objetos ou ações, ocorrem substantivos e verbos, com uma predominância dos primeiros.

Em relação às definições, procedemos a uma análise das definições encontradas nos léxicos das obras de nosso *corpus* e, a partir disso, selecionamos aquela que mais estava de acordo com o objetivo e público-alvo de nosso dicionário, fazendo, também, algumas vezes, adaptações visando à adequação da linguagem e, certamente, indicando sempre sua fonte.

No campo da *ficha* em que consta *outras designações*, foram registradas as formas variantes dos termos, o que não ocorre com todos. Algumas vezes, o termo tem uma, duas ou três variantes, porém, muitas vezes, não possui nenhuma. O campo seguinte – *hiperônimo* – também foi extraído do sistema de conceitos.

Para a busca dos contextos, foi feita a digitalização do *corpus* por meio de um *scanner*. Os textos digitalizados foram convertidos em documentos do *Word* para que pudéssemos localizar os termos. Uma vez localizado, retiramos um trecho que contextualize o termo da ficha o suficiente para sua compreensão, citando sempre a fonte. Abaixo, apresentamos um exemplo de nossas *fichas*.

Microsoft Access - [Ficha de registros dos termos3]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda Digite uma pergunta

Símbolo de Classificação Termo Categoria Gramatical

1.2 Unidade Móvel de Jornalismo s.f.

Definição

Viatura do género furgão, ônibus ou microônibus onde é montada uma espécie de ministação de TV. Tem antena de microondas para enviar à emissora, ao vivo, imagens captadas pelas câmaras.

Fonte da Definição

Squirra, 1990, p. 172

Outras designações

Unidade externa de jornalismo; UMJ

Hiperônimo

Ao vivo

Contexto 01

A cobertura daqueles horários com produção suficiente diariamente é uma maratona. Os recursos mínimos necessários seriam:

. 1 UMJ - Unidade Móvel de Jornalismo completa - com escala de trabalho de dois turnos (12 horas) - uma

Fonte 01

Curado, 2002, p. 137

Notas (SN scope notes)

Registro: 3 de 217

Modo formulário

NUM

Após o registro dos dados nas *fichas*, procede-se à composição e organização dos verbetes do dicionário. Para isso, as fichas foram convertidas no modo relatório e foram feitas todas as correções quanto à estrutura, chegando-se à redação final da obra terminográfica.

4. DICIONÁRIO

4.1 Lista de abreviaturas

adj.- adjetivo

loc. adj.- locução adjetiva

s.f.- substantivo feminino

s.m.- substantivo masculino

v.t.- verbo transitivo

4.2 Sistema conceptual

1. ao vivo

1.1 unidade móvel/UM

1.2 unidade móvel de jornalismo/unidade externa de jornalismo/UMJ

1.3 unidade portátil de jornalismo/UPJ/unidade de produção/UPP

1.4 up link

1.5 caixa de sapato

1.6 transmissão ao vivo

1.7 real time/real-time

2. áudio

2.1 som ambiente/áudio ambiente, background/BG

- 2.2 efeitos sonoros
- 2.3 microfone
- 2.4 mixagem/mixagem de áudio
- 2.5 ponto eletrônico
- 2.6 ruídos
- 3. câmera
 - 3.1 viewfinder
 - 3.2 câmara subjetiva
 - 3.3 bater o branco/white balance
 - 3.4 camcorder
 - 3.5 ângulo
 - 3.5.1 plano
 - 3.5.1.1 tripé
 - 3.6 chicote
 - 3.7 dolly
 - 3.8 zoom
 - 3.8.1 zoom in
 - 3.8.2 zoom out
 - 3.9 panorâmica
 - 3.10 tilt/pan vertical
 - 3.11 travelling
- 4. cenário
 - 4.1 cenário virtual
 - 4.2 cena
 - 4.2.1 cenas de corte
 - 4.2.2 corte
 - 4.2.3 cruzar o eixo
 - 4.2.4 enquadramento
 - 4.2.5 profundidade de campo
 - 4.2.6 take/tomada
- 5. edição
 - 5.1 coordenador
 - 5.2 edição especial
 - 5.3 edição extra
 - 5.4 edição não-linear/edição não linear
 - 5.5 editor de imagens
 - 5.6 editor de texto
 - 5.6.1 roteiro da edição
 - 5.7 editor-chefe
 - 5.8 editoria de arte
 - 5.8.1 selo
 - 5.9 cue in/time code in
 - 5.10 cue out/time code
 - 5.11 contraplano
 - 5.12 decupagem/decupar a fita
 - 5.13 efeito especial
 - 5.14 ilha de edição

- 6. entrevista
 - 6.1 entrevista coletiva
 - 6.2 sonora
- 7. nota
 - 7.1 nota ao vivo
 - 7.2 nota coberta
 - 7.3 nota pé
- 8. gravação
 - 8.1 estúdio
 - 8.1.1 aquário
 - 8.2 externa
 - 8.3 cabine de locução
 - 8.4 povo fala
 - 8.5 videotape/VT/video-tape/videoteipe
 - 8.6 VT
- 9. notícia
 - 9.1 checar
 - 9.2 barriga
 - 9.3 amarrar informações/costurar informações
 - 9.4 apuração
 - 9.5 briefing
 - 9.6 ENG
 - 9.7 exclusividade
 - 9.8 fonte de informação
 - 9.9 gancho
 - 9.10 hard news
 - 9.11 registro
 - 9.12 suíte
- 10. programa
 - 10.1 abertura
 - 10.1.1 abertura de programa/lidão
 - 10.1.2 manchete/escalada review/escalada
 - 10.1.2.1 teaser
 - 10.2 bloco
 - 10.3 intervalo/break
 - 10.3.1 vinheta
 - 10.4 âncora/anchorman/anchorwoman
 - 10.5 assinatura
 - 10.5.1 crédito
 - 10.5.1.1 rolar créditos
 - 10.6 dália
 - 10.7 diretor de TV/diretor de imagem
 - 10.7.1 mesa de corte/mesa de controle
 - 10.8 espelho
 - 10.9 estourar

- 10.10 fechamento
- 10.11 locutor
- 10.12 apresentador
- 10.13 logotipo
- 10.14 master
- 10.15 piloto
- 10.16 rabicho
- 10.17 radioescuta/rádio-escuta
- 10.18 redação
- 10.19 script/lauda
 - 10.19.1 sobe som do VT
 - 10.19.2 telepromper/teleprompter/TP
- 10.20 switcher
- 11. emissora
 - 11.1 cabeça de rede
 - 11.2 afiliadas
 - 11.3 programação
 - 11.3.1 broadcast
 - 11.3.2 chamada
 - 11.3.3 cadeia nacional
 - 11.3.4 controle-mestre/master switch control
 - 11.3.5 grade
 - 11.3.6 plantão
 - 11.4 geração
 - 11.5 audiência
 - 11.5.1 índice de audiência
 - 11.6 link
 - 11.7 pool
 - 11.8 radialista
- 12. imagem
 - 12.1 chromakey/cromaqui
 - 12.2 contraste
 - 12.3 close/primeiro plano/PP
 - 12.3.1 plano médio
 - 12.3.2 close-up/primeiríssimo plano/PPP
 - 12.3.3 plano geral/PG
 - 12.3.4 meio close/meio primeiro plano/MPP
 - 12.4 animação
 - 12.5 congelamento de imagem/ freeze frame
 - 12.6 contraluz
 - 12.7 drop-out/dropout/DO
 - 12.8 batimento
 - 12.9 fade
 - 12.9.1 fade-in
 - 12.9.2 fade-out
 - 12.10 fast motion
 - 12.11 foco
 - 12.12 frame

- 12.13 frisar/freeze
 - 12.14 fusão
 - 12.15 gerador de caracteres/GC
 - 12.16 imagem de arquivo
 - 12.17 quadro
 - 12.18 wipe/varredura/lapada
 - 12.19 monitor
 - 12.19.1 preview
 - 12.20 slow motion
 - 12.21 teto
 - 12.22 tomada de dois
 - 12.23 videofone
 - 12.24 videographics/videografismo
13. texto
- 13.1 concisão
 - 13.2 coloquial
 - 13.3 editorial
 - 13.4 gravar off
 - 13.5 pontuação
 - 13.6 press-release
 - 13.7 press release
 - 13.8 texto em off/off
14. reportagem
- 14.1 boletim/flash/stand up/ stand-up
 - 14.2 relatório de reportagem
 - 14.3 repórter
 - 14.3.1 passagem do repórter
 - 14.4 repórter cinematográfico
 - 14.5 chefe de reportagem
 - 14.6 dados
 - 14.7 deixa
 - 14.8 delay/retardo
 - 14.9 enviado especial
 - 14.10 feature
 - 14.11 pauta
 - 14.11.1 pauteiro
 - 14.11.1.1 reunião de pauta
 - 14.12 pesquisa
 - 14.13 produção
 - 14.13.1 produtor
 - 14.14 stand by
 - 14.15 matéria
 - 14.15.1 cabeça da matéria/lead
 - 14.15.1.1 abertura da matéria
 - 14.15.2 encerramento de matéria
 - 14.15.3 matéria bruta
 - 14.15.4 narração
 - 14.15.5 angulação

- 14.15.6 deadline
- 14.15.7 rodar o VT
- 14.16 cobertura
- 14.17 correspondente

4.3 Termos

A

10.1 **abertura**, s.f.

Notícia principal apresentada no início do primeiro bloco do telejornal. (adaptada de Roiter e Tresse, 1995, p. 13)

Ontem, continua... no texto de abertura. Jornalismo de televisão conta os fatos de hoje, de agora. Conta as novidades e não fala de coisas que "continuam acontecendo..." ou "de novo" ou "outra vez..." Conte o fato depois informe os antecedentes. (Curado, 2002, p. 119)

Outras designações:

Nota:

14.15.1.1 **abertura da matéria**, s.f.

Consiste na informação complementar à “cabeça” lida pelo locutor. É transmitida pelo repórter, ao vivo, no início da matéria. (adaptada de Paternostro, 1999, p.135)

A presença do repórter na matéria deve ser variada. Evitar aberturas de matéria a não ser em casos excepcionais. Na rotina, o repórter deve aparecer na passagem quando tem uma informação a acrescentar, e é preciso cuidado para não ser um momento forçado da matéria. Nem sempre a presença do repórter precisa estar no meio do VT, pode ser no encerramento. (Paternostro, 1999, p.130)

Outras designações:

Nota:

10.1.1 **abertura de programa**, s.f.

Breve resumo de um assunto que será visto em detalhe na edição do telejornal. (Paternostro, 1999, p. 135)

Outras designações: lidão

Nota:

11.2 **afiliadas**, s.f.

Emissoras de TV que retransmitem a programação da emissora principal de uma rede de emissoras. Elas têm normas estabelecidas e seguem a programação original, mas podem, normalmente, produzir programação própria. (Paternostro, 1999, p. 135)

De um jeito ou de outro, a maioria das empresas de televisão, regionais, afiliadas, repetidoras ou redes nacionais reproduzem uma estrutura básica de organização. As disparidades existem e são, muitas vezes, contrastantes, já que em muitas regiões do país as empresas de televisão trabalham quase que sem nenhuma estrutura empresarial. (Squirra, 1990, p. 44)

Outras designações:

Nota:

9.3 **amarrar informações**, v.t.

Ordenação dos dados levantados pela pesquisa, pela chefia de reportagem ou pelo repórter, de forma segura e sequencial, visando à coerência das informações. (Squirra, 1990, p. 160)

Outras designações: costurar informações

Nota:

anchorman, s.m. Ver **âncora**

anchorwoman, s.f. Ver **âncora**

10.4 **âncora**, s.m.

Apresentador do telejornal que interpreta as notícias com base em conhecimento próprio; mediador. O âncora "amarra" o programa. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 136)

O chefe de jornalismo participa do processo de produção das notícias. Discute a pauta, sugere entrevistados, conversa com repórteres e âncoras sobre as matérias que vão para o ar, e está sempre aberto ao diálogo. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 51)

Outras designações: anchorman/anchorwoman

Nota:

14.15.5 angulação, s.f.

Enfoque de matéria jornalística. Ela pode ser prévia ou resultante da identificação do jornalista, durante sua tarefa redacional. (Mello, 2003, p. 17)

Outras designações:

Nota:

3.5 ângulo, s.m.

Posição da câmara cinematográfica durante a tomada. (Mello, 2003, p.17)

As dicas para a pauta: (...) Um grande assunto pode valer uma pauta temática. Durante alguns dias os principais programas desenvolvem determinado tema e procuram explorar todos os ângulos possíveis do assunto com entrevistas, reportagens, participação de correspondentes de vários locais do Brasil e do exterior, edições, notas, comentários etc. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 113)

Outras designações:

Nota: Mello (2003) utilizou nesta definição o termo *câmara* ao invés de *câmera*.

12.4 animação, s.f.

Simulação de movimento através da filmagem, mudando a posição do objeto quadro a quadro. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 192)

Quando temos um texto jornalístico que, por alguma razão, não possui imagens correspondentes, devemos buscar uma forma de visualizar a informação: podemos lançar mão de recursos gráficos que, ao acompanhar tal texto, vão facilitar a compreensão. São os recursos visuais produzidos a partir de informações, tais como mapas, selos, desenhos, gráficos, quadros parados, legendas, fotos, animação, simulação, reconstituição etc. (Paternostro, 1999, p. 75-76)

Outras designações:

Nota:

1. ao vivo, loc. adj.

Transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Pode ser externa ou

do próprio estúdio da emissora. (Paternostro, 1999, p.136)

O âncora/apresentador não cumprimenta o repórter se a participação for gravada. Dizer, por exemplo, bom-dia em gravações é uma forma de enganar o telespectador passando a idéia de que o repórter está ao vivo. Há programas em que o apresentador se refere aos repórteres como se estivessem ao vivo. Não engana a audiência, nem os conhecedores do veículo. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 80)

Outras designações:

Nota:

10.12 apresentador, s.m.

Profissional que conduz um programa, sendo o elemento de ligação, introdução e explicação da ação no estúdio. Não deve emitir opinião, expressão facial ou entonação auditiva próprias ao ler as várias notícias que compõem o telejornal a partir do estúdio. (adaptada de Squirra, 1990, p. 160)

Com o jornal no ar, e um intervalo de um minuto apenas, o editor-chefe pode alterar a ordem das matérias e até mesmo um bloco inteiro, tirar ou colocar uma nota que chegou em cima da hora e ainda reescrever parte do texto, sem prejudicar a leitura do apresentador. (Paternostro, 1999, p. 117)

Outras designações:

Nota:

9.4 apuração, s.f.

Levantamento através de sistema de escuta de rádio e telefonia de uma editoria de notícias e checagem da notícia. (Paternostro, 1999, p. 136)

Na TV não se permite improvisos. A qualidade técnica do que vai ao ar obedece a um criterioso treinamento das pessoas envolvidas na captação do áudio, no registro da imagem, na edição e, fundamentalmente, na apuração da notícia. (Curado, 2002, p. 25)

Outras designações:

Nota:

8.1.1 aquário, s.m.

Estúdio de locução envidraçado. (Squirra, 1990, p.160)

Outras designações:

Nota:**10.5 assinatura, s.f.**

Encerramento do programa, que contém os nomes e as funções de todos os profissionais e técnicos que trabalham na produção dos programas. (Squirra, 1990, p. 160)

Outras designações:**Nota:****11.5 audiência, s.f.**

Conjunto de pessoas que assistem a um determinado programa (ou programação) em horário específico. Medição realizada por institutos de pesquisa, com metodologias específicas para analisar várias tendências. (Paternostro, 1999, p. 136)

Terá que levar em conta que o texto redigido para o telejornal vai ser ouvido pelo telespectador. Apesar de a audiência ser sempre medida em milhares de pessoas ou milhões de telespectadores, ele estará escrevendo sempre para um único assistente, que o está ouvindo e tentando entender o que ele quer transmitir. (Squirra, 1990, p. 65)

Outras designações:

Nota: O termo *10. programa* também é hiperônimo de *audiência*.

2. áudio, s.m.

A parte sonora (palavras, músicas, ruídos e efeitos sonoros) de um vídeo ou programa de televisão. (Squirra, 1990, p. 160-161)

Além dos recursos de comunicação via áudio - o uso de fones -, o coordenador pode usar um pequeno monitor (aparelho de televisão) que mostra as imagens que estão indo ao ar. O uso do monitor dá mais segurança à operação de entrada ao vivo. (Curado, 2002, p. 51)

Outras designações:**Nota:**

áudio ambiente, s.m. Ver **som ambiente**

background, s.m. Ver **som ambiente**

9.2 **barriga**, s.f.

Notícia falsa que vai ao ar antes de ser apurada. (Paternostro, 1999, p. 137)

Outro exemplo da ocorrência grave de erro no jornalismo impresso foi a matéria publicada pela revista semanal Veja, que, em 27 de abril de 1983, à página 84, anunciava um "Fruto da carne". E em subtítulo "Engenharia genética funde animal e vegetal". Foi uma grande "barriga" (...) da revista, que não entendeu as intenções da fonte na qual se baseou, a revista News Science. (Squirra, 1990, p. 55-56)

Outras designações:

Nota:

3.3 **bater o branco**, v.t.

É a checagem do equilíbrio da câmera feita em uma parede branca ou papel branco a cada mudança de iluminação da cena para que sejam corrigidas possíveis distorções. Este recurso é usado na preparação da gravação de uma reportagem ou entrevista em VT. (Paternostro, 1999, p. 137)

A cada mudança de iluminação, é preciso bater o branco. (Curado, 2002, p.111)

Outras designações: white balance

Nota:

12.8 **batimento**, s.m.

Deficiência no sinal de vídeo, na imagem, como uma batida descontínua, acima ou abaixo da tela do vídeo. Imagens com batimento não vão ao ar. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 193)

A roupa: Listras e xadrezes causam batimentos de vídeo (...) - teste antes de usar; estampas - florais e de qualquer outro tipo: evite! (Curado, 2002, p. 68-69)

Outras designações:

Nota:

BG, s.m. Ver **som ambiente**

10.2 **bloco**, s.m.

Segmento composto pelas notícias que ocupam o espaço de um intervalo comercial a outro. (Squirra, 1990, p. 161)

...com o jornal no ar, e (sic) um intervalo de um minuto apenas, o editor-chefe pode alterar a ordem das matérias e até mesmo um bloco inteiro, tirar ou colocar uma nota que chegou em cima da hora e ainda reescrever parte do texto, sem prejudicar a leitura do apresentador. (Paternostro, 1999, p. 117)

Outras designações:

Nota:

14.1 **boletim**, s.m.

Notícia breve realizada pelo repórter no local da ação. É composto pelo título, pequena introdução ao assunto e entrevista (no máximo duas perguntas) com o envolvido na questão. São, geralmente, matérias que vão ao ar sem edição. (Squirra, 1990, p. 161)

As agências internacionais, em geral, apresentam, a cada três horas, um resumo dos assuntos do dia. Nesse boletim também atualizam o andamento das coberturas que estão previstas e os horários. (Curado, 2002, p. 190)

Outras designações: flash, stand-up, stand up

Nota:

break, s.m Ver **intervalo**

9.5 **briefing**, s.m.

Resumo de informações de um assunto da pauta que serve para uma atualização sobre o tema. (Paternostro, 1999, p. 137)

Outras designações:

Nota:

11.3.1 **broadcast**, s.f.

Expressão que designa uma programação de televisão dirigida a um público amplo, sem segmentação ou características específicas. Esta expressão é utilizada quando se trata de TV aberta. Designa o contrário de “narrowcast” – usada para TV por assinatura. (Paternostro,

1999, p. 138)

Outras designações:

Nota:

C

14.15.1 **cabeça da matéria**, s.f.

É a notícia propriamente dita e corresponde ao lead do jornalismo gráfico. É sempre lida pelo apresentador, no estúdio. Palavras iniciais de uma reportagem lida pelo apresentador do noticiário, dando "ganchos" para as matérias do mesmo. (Mello, 2003, p. 36)

Destacar as informações que serão dadas na cabeça/lead da matéria. Como a cabeça é parte integrante de uma matéria, é importante ter a noção exata de onde se vai partir para começar a execução da edição. É interessante ter pelo menos a idéia base do texto da cabeça - não precisa ser ainda o texto final - antes de começar a editar. (Paternostro, 1999, p. 129)

Outras designações: lead

Nota:

11.1 **cabeça de rede**, s.f.

Emissora principal, que gera a programação para as outras emissoras que compõem a rede. (Paternostro, 1999, p. 138)

Outras designações:

Nota:

8.3 **cabine de locução**, s.f.

Pequena sala com tratamento acústico onde atua o locutor. (Squirra, 1990, p. 161)

Outras designações:

Nota:

11.3.3 **cadeia nacional**, s.f.

Quando todas as emissoras de TV transmitem simultaneamente comunicados oficiais do governo. (Paternostro, 1999, p. 138)

Outras designações:

Nota:

1.5 caixa de sapato, s.m.

Equipamento usado para comunicação entre dois pontos, principalmente em eventos, na coordenação dos programas. (Curado, 2002, p. 183)

IV - Unidade móvel geradora: a) Número de câmeras/tipo; b) VTs/tipo; c) Mesa de corte; d) Caixa de sapato (...); e) Microondas/tipo/frequência; f) Gerador/tipo; g) Entrada de AC; h) Sistema de rádio/tipo; i) Matriz de preview; j) Matriz de VCR; k) Receptor de TV; l) Transcoder () NTSC PALM (); m) Watchman; n) Mesa de áudio/tipo – canais; o) Tripé; p) Cabo de câmera/tipo/metragem; q) Kit veicular de telefone celular. (Curado, 2002, p. 79)

Outras designações:

Nota:

3.2 câmara subjetiva, s.f.

Movimento de câmara que funciona como se fosse o olho do telespectador. (Squirra, 1990, p. 162)

Outras designações:

Nota: Termo encontrado somente em Squirra (1990).

3.4 camcorder, s.m.

Equipamento que possui uma câmera com videotape acoplado e som direto, capta e grava imagem e áudio ao mesmo tempo. Leve, prática e ágil para telejornalismo. Junção das palavras em inglês, câmera e recorder. (Paternostro, 1999, p. 138)

Outras designações:

Nota:

3. câmera, s.f.

Equipamento eletrônico que capta imagens e as converte em impulsos eletrônicos, utilizando sistemas especiais, que podem ser ópticos ou digitais. (Paternostro, 1999, p. 138)

Já temos visto no telejornalismo brasileiro um recurso de arte muito utilizado nos Estados Unidos: quando não são permitidas câmeras e microfones dentro de um tribunal onde está acontecendo um julgamento de grande mobilização, um desenhista pode reproduzir as cenas acontecidas no tribunal, e os desenhos passam a ser as "imagens" do texto jornalístico, de forma que o telespectador tenha como visualizar a informação que está recebendo. (Paternostro, 1999, p. 76)

Outras designações:

Nota:

4.2 cena, s.f.

Unidade de captação de imagem, dentro de uma mesma localização. (Squirra, 1990, p. 162)

Quando sai para filmar – junto com o repórter ou mesmo sozinho – o cinegrafista conhece o conjunto da pauta e o objetivo da reportagem - a que programa se destina. O bom cinegrafista não se limita a cumprir uma pauta que designa cenas a serem filmadas. Procura compreender contexto e enfoque da matéria. Ao encaminhar a fita para a edição (sic) o cinegrafista conversa com o repórter e com os editores de imagem e de texto sobre as cenas que fez e opina sobre o uso de algumas delas. (Curado, 2002, p.50)

Outras designações:

Nota:

4. cenário, s.m.

Ambiente natural ou artificial onde se desenvolvem as cenas dos programas e a apresentação dos telejornais. (Squirra, 1990, p. 162)

O repórter conversa com o telespectador, procurando estabelecer uma cumplicidade com ele, o que aproxima mais os dois. O telespectador acompanha junto com o repórter o desenrolar da história sem que ninguém apareça na frente da câmera para contar uma parte, como nas reportagens tradicionais. A passagem, geralmente, é uma forma de reafirmar o local onde a história transcorre. Na videoreportagem a história transcorre toda, ou quase toda, no cenário em que aconteceu. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 74)

Outras designações:

Nota:

4.1 cenário virtual, s.m.

Cenário gerado por computadores que usam programas específicos, e que pode ser usado de

infinitas formas, com inserções de imagens gravadas, inserção de pessoas etc. (Paternostro, 1999, p. 138)

Outras designações:

Nota:

4.2.1 cenas de corte, s.f.

Imagens a mais gravadas durante uma reportagem que servem para ajudar na edição final. (Paternostro, 1999, p. 139)

Outras designações:

Nota:

11.3.2 chamada, s.f.

Texto sobre os assuntos de destaque do telejornal, transmitidos dentro da programação normal da emissora para chamar a atenção do telespectador sobre o que ele verá no telejornal. (Paternostro, 1999, p. 139)

Nas saídas para os intervalos, o apresentador deve fazer a chamada do próximo assunto, escolhendo aquele de maior apelo de audiência, não se deve exagerar nos termos prometendo algo inexistente na reportagem a ser exibida. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 80-81)

Outras designações:

Nota:

9.1 checar, v.t.

Ato de verificar se a pauta e as informações sobre os fatos estão corretas. (Squirra, 1990, p. 162)

Os releases podem ser tanto boas fontes de informação quanto de erros grosseiros, já que são preparados para fins específicos de divulgação. Cabe ao pauteiro checar a precisão das informações que eles contêm e avaliar o interesse para o público. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 113)

Outras designações:

Nota: Na língua geral, este verbo pode ser bitransitivo (checar com).

14.5 chefe de reportagem, s.m.

Encarregado da supervisão e coordenação do trabalho da reportagem. (Squirra, 1990, p. 162)

O hábito de "irradiar" informações na redação é contraproducente. Dados soltos, falados, fora do contexto de uma matéria que esteja naquele momento no centro da atenção do chefe de reportagem, podem, compreensivelmente, se perder. (Curado, 2002, p. 40)

Outras designações:

Nota:

3.6 **chicote**, s.m.

Movimento rápido com a câmara. Com ele, a imagem fica "borrada" e indefinida; é usado para mudar o cenário ou o tempo da ação. (Squirra, 1990, p. 162)

Outras designações:

Nota: Squirra (1990) utiliza *câmara* em sua obra, mas as mais recentes empregam *câmera*.

12.1 **chromakey**, s.m.

Efeito técnico que permite a inserção de imagens "atrás" do apresentador. Para obtê-lo é usado, ao fundo, um cenário azul. (Paternostro, 1999, p. 139)

A coluna da esquerda do script é destinada a tudo que corresponda às imagens da matéria. Na coluna da esquerda ainda estão as indicações sobre o locutor: se ele aparece no vídeo (LOC VIVO), se narra sem aparecer (LOC OFF) ou se aparece em cromaqui. (Paternostro, 1999, p.118)

Outras designações: cromaqui

Nota:

12.3 **close**, s.m.

Um dos planos de enquadramento da imagem usados em telejornal. Aproximação do objeto (ou pessoa) que se quer destacar. Outros planos são: plano geral e plano médio. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 139)

Painéis, discos ou cartazes que servem a esta finalidade. Imagine que, dispondo apenas de luz natural, deseja-se fazer um close de uma modelo. Podemos posicioná-la para que o sol incida à sua frente, o que proporciona uma imagem clara, mas sem volume. Se a virarmos com o sol incidindo por trás, teremos volume, mas seu rosto ficará escuro. (Curado, 2002, p.110)

Outras designações: primeiro plano; PP.

Nota: O termo 3.5.1 *plano* também é hiperônimo de *close*.

12.3.2. **close-up**, s.m.

Cena que mostra a cabeça inteira da pessoa, do colarinho ou gola para cima. Cena fechada de um objeto. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 193)

Funeral: A cobertura precisa respeitar o desejo da família e não intrusiva. Close-ups da dor alheia não acrescentam qualidade à matéria. (Curado, 2002, p.159)

Outras designações: primeiríssimo plano; PPP.

Nota:

14.16 **cobertura**, s.f.

Consiste na apuração mais completa de um acontecimento. Trabalho de apuração de um fato ou assunto. Área sob responsabilidade de um repórter ou editoria. Deslocamento dos integrantes da reportagem a determinado local, para colher elementos, inclusive fotos, sobre o que ocorreu ou vai acontecer, a fim de ser elaborada a matéria. Trabalho jornalístico sobre determinado assunto, focalizando-o sob diferentes ângulos. (adaptada de Mello, 2003, p. 51-52)

O pauteiro se antecipa ao evento de data marcada e levanta novos dados para dar substância, por exemplo, ao que está simplesmente anunciado como uma feira de livros. A partir daí o pauteiro busca informações sobre vendas, tendências e comportamento do mercado editorial. Com base nessas informações pode propor um enfoque para a cobertura da feira, além dos óbvios sugeridos pela divulgação do evento. (Curado, 2002, p. 43)

Outras designações:

Nota: Em geral, a *cobertura* envolve mais de uma equipe de telejornalismo e se desenvolve em um tempo mais prolongado: a cobertura eleitoral, a cobertura da copa do mundo, a cobertura do carnaval. Ela pode prolongar-se ou tornar-se permanente, fixando repórteres em determinado setor (Ministérios, Congresso etc.)

13.2 **coloquial**, adj.

O estilo de texto que se usa em telejornalismo. (Paternostro, 1999, p.139)

As qualidades da linguagem coloquial passam a ser as exigências do texto jornalístico de TV. Mas, acima de tudo, é preciso levar em conta as regras e a obediência gramatical. A TV tem obrigação de respeitar o telespectador e transmitir informação em uma linguagem coloquial e correta. (Paternostro, 1999, p.78)

Outras designações:

Nota:

13.1 concisão, s.f.

Uma das principais qualidades do texto escrito para televisão. (Mello, 2003, p. 59)

O uso de adjetivos, em princípio, é condenado na busca da concisão. Se enfeitam a frase, devem ser evitados; se complementam a informação, eventualmente podem ser usados. Mas um texto é sempre mais consistente quanto mais substantivo ele for. (Paternostro, 1999, p.84)

Outras designações:**Nota:**

12.5 congelamento de imagem, s.m.

Um campo isolado do vídeo ou um fotograma de filme, exibido de forma estática na tela. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 192)

Outras designações: freeze frame**Nota:**

12.6 contraluz, s.m.

Recurso de iluminação. A imagem principal fica "recortada" em silhueta, porque a iluminação é colocada por trás. Quando se grava uma cena com a câmera voltava para o Sol, por exemplo, obtém-se o mesmo efeito. (Paternostro, 1999, p. 139)

Outras designações:**Nota:**

5.11 contraplano, s.m.

Recurso de imagem para ser usado na edição. Existem dois tipos de contraplano: o do entrevistado, quando ele aparece calado, olhando para o repórter; e o do repórter, quando ele aparece em close, fazendo uma pergunta para o entrevistado ou escutando-o atentamente. (Paternostro, 1999, p. 139, 140)

O contraplano é um recurso aceito por uns e rejeitados (sic) por outros (alegam que é falso), uma vez que o repórter não está verdadeiramente falando com o entrevistado. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 68)

Outras designações:**Nota:**

12.2 contraste, s.m.

Diferença de brilho na imagem ou na cena. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 193)

As cores exigem talento para ser combinadas. O mais seguro é matizar atenuando contrastes e complementando tonalidades entre as cores básicas. Cores claras, e principalmente o branco, que refletem mais a luz, ampliam os contornos - engordam. O melhor a fazer é experimentar e testar. (sic) Antes de ir ao ar. (Curado, 2002, p. 68)

Outras designações:**Nota:**

11.3.4 controle-mestre, s.m.

Local onde é feito o controle de toda a programação posta no ar por uma emissora de televisão. (Mello, 2003, p. 63)

Outras designações: master switch control

Nota:

5.1 coordenador, s.m.

O profissional que acompanha a edição de um telejornal. Estabelece o deadline para as reportagens, verifica horários de gravações via satélite, faz a contagem do tempo de produção do programa e a ligação entre a área técnica e o jornalismo. (Paternostro, 1999, p. 140)

Durante o dia o coordenador informa à redação, via rede interna de computação, a previsão de matérias e o provável horário de recepção. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 65)

Outras designações:**Nota:**

14.17 correspondente, s.m.

Jornalista que faz cobertura de uma determinada cidade do Brasil ou no exterior, e envia reportagens com regularidade para os telejornais da emissora. (Paternostro, 1999, p.140)

O âncora/apresentador deve citar programas anteriores, referindo-se a reportagens,

participações de comentaristas, correspondentes e repórteres. Isso familiariza o telespectador com toda a equipe e a programação. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 79-80)

Outras designações:

Nota:

4.2.2 corte, s.m.

Mudança de uma imagem para outra, mudança de cena. (Paternostro, 1999, p. 140)

O editor deve cuidar para que a edição não apresente "pulo de imagem", com corte brusco de um local para outro, o que provoca um efeito desagradável para o telespectador. O uso de uma imagem neutra evita o "pulo"; é o uso do insert. Nem todas as TVs usam essa técnica, algumas optam por deixar o corte ainda que dê um pequeno pulo, facilmente percebido pelo telespectador. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 101)

Outras designações:

Nota:

costurar informações, v.t. Ver amarrar informações

10.5.1 crédito, s.m.

Identificação (o nome) de repórteres, entrevistados, cidades, estados ou país. É usado também para a relação de nomes dos profissionais que trabalham no telejornal e que aparece no final do programa. (Paternostro, 1999, p. 140)

Elas vão lentamente passando de baixo para cima, de modo que as linhas já lidas desaparecem e entram as novas. Esse mecanismo se parece, por exemplo, com o que vemos na apresentação dos créditos finais em um filme. A posição do teleprompter pouco acima da lente da câmera não exige que o leitor movimente os olhos durante a leitura. (Curado, 2002, p.55-56)

Outras designações:

Nota:

cromaqui, s.m. Ver chromakey

4.2.3 cruzar o eixo, v.t.

Reverter o fluxo da ação em cenas sucessivas, confundindo o público quanto ao sentido de

direção. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 194)

Outras designações:

Nota:

5.9 cue in, s.m.

Processo que utiliza sinais de marcação para localização dos trechos da fita a serem reproduzidos ou editados. Auxilia os processos de edição, indicando o ponto de início de uma troca de seqüência. A marcação é feita no videotape e, modernamente, foi substituída por Time Code In. (Curado, 2002, p. 184)

Outras designações: time code in

Nota:

5.10 cue out, s.m.

Marcação do ponto de saída para edição ou inserção que começou no cue in. Atualmente, usa-se Time Code. (Curado, 2002, p. 184)

Outras designações: time code

Nota:

D

14.6 dados, s.m.

Informações de uma reportagem. (Paternostro, 1999, p.140)

Os repórteres que farão as entradas ao vivo na programação ou nos programas, ou que fazem flashes pré-gravados são coordenados para que "não batam cabeça" - isto é, que repitam dados já passados por outro colega. No caso de entrevista ao vivo, o repórter informa no ar o nome e a função do entrevistado. (Curado, 2002, p.87)

Outras designações:

Nota:

10.6 dália, s.f.

Cartolina com os textos escritos para a leitura de quem está diante da câmera e que está colocada à altura da sua lente. (Mello, 2003, p. 70)

Outras designações:

Nota:

14.15.6 deadline, s.m.

Prazo final para o repórter retornar à emissora com uma reportagem a tempo de entrar no ar. É usado também no prazo de fechamento do telejornal: prazo final de entrega das matérias prontas para o jornal ir ao ar. O deadline permite ao editor-chefe ter segurança do que ele tem em mãos minutos antes do (sic) jornal ir ao ar. (Paternostro, 1999, p.140)

Outras designações:

Nota:

5.12 decupagem, s.f.

Ato de assistir à fita inteira gravada na rua pela equipe de reportagem e marcar em quais minutos da fita estão as melhores cenas, entrevistas, passagens do repórter etc. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 194)

Ao final da decupagem, o editor já pode ter noção da matéria que tem. O que sobra, o que falta, o que é para ser destacado, o que pode ser ignorado. Qual a fala que pretende usar, qual a imagem que sugere comparação ou o que deve ser ressaltado no OFF. Como começar, como terminar. (Paternostro, 1999, p. 129)

Outras designações: decupar a fita

Nota:

decupar a fita, v.t. Ver decupagem

14.7 deixa, s.f.

Palavras finais da reportagem. A deixa indica ao diretor de tevê (e ao apresentador) o momento de cortar para a reportagem seguinte. Uma marcação de deixa errada (deixa falsa) pode prejudicar a operação do telejornal. Ela deve estar escrita com a maior clareza possível. (Paternostro, 1999, p.141)

Muitas vezes, somente a deixa do texto não é suficiente. É preciso detalhar quem fala aquela deixa (o repórter, o entrevistado, o sobe som...). Se for uma deixa de imagem, deve estar bem explicada porque todos estarão acompanhando o aparecimento daquela imagem para o corte

da matéria. A deixa não pode causar confusão. (Paternostro, 1999, p.131)

Outras designações:

Nota:

14.8 **delay**, s.m.

Tempo de atraso de um sinal, em reverberação, eco ou em equipamentos eletrônicos em geral. (Curado, 2002, p. 184)

Outras designações: retardo

Nota:

diretor de imagem, s.m. Ver **diretor de TV**

10.7 **diretor de TV**, s.m.

Profissional que comanda a operação técnica no momento em que o telejornal está no ar. (Paternostro, 1999, p. 141)

Uma imagem de uma câmera ou de uma fita substitui uma outra quando um botão ou uma alavanca vinculados àquela câmera ou fita são acionados. Portanto, a concentração do diretor de TV é essencial para não "cortar" para o ar a imagem errada. Trabalha ao lado do editor-chefe do programa para a eventualidade de alguma alteração na sequência do script. (Curado, 2002, p. 58)

Outras designações: diretor de imagem

Nota:

DO, s.m. Ver **drop-out**

3.7 **dolly**, s.m.

Carrinho com elevador para movimentação suave da câmera no decorrer da filmagem. Também usado nos Estados Unidos para se referir ao movimento da câmera em si. (Barbeiro e Lima, 1999, p. 194)

Outras designações:

Nota:

12.7 **drop-out**, s.m.

Defeito causado por oxidação da fita magnética (tape) que faz com que a imagem na tela apresente listras na direção horizontal. Imagens com drop-out são condenadas e impedidas de ir ao ar pelo departamento técnico das emissoras. (Paternostro, 1999, p. 141)

O coordenador de rede deve estabelecer horários determinados para receber o conjunto das gerações das praças. Pode ser mais de uma vez por dia. Deve estar na técnica onde é gravado o material e fiscalizar a qualidade do áudio e da imagem, ficando atento para as fitas amassadas, drop outs, ruídos estranhos ou qualquer outra irregularidade. (Barbeiro e Lima, 1999, p. 65-66)

Outras designações: dropout, DO

Nota:

dropout, s.m. Ver **drop-out**

E

5. **edição**, s.f.

Consiste no ato de montar uma reportagem para o telejornal, sendo realizada após o conhecimento e a seleção prévia dos trechos que interessam à veiculação. (adaptada de Squirra, 1990, p. 164)

Na rotina, o repórter deve aparecer na passagem quando tem uma informação a acrescentar, e é preciso cuidado para não ser um momento forçado da matéria. Nem sempre a presença do repórter precisa estar no meio do VT, pode ser no encerramento. Muitas vezes, a edição traz uma sequência natural e é interrompida pela passagem do repórter só para que ele apareça. O que deve aparecer, e bem, é a notícia. (Paternostro, 1999, p. 130)

Outras designações:

Nota:

5.2 **edição especial**, s.f.

Designa o telejornal produzido de forma diferente dos telejornais habituais. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 141)

Grandes acontecimentos também merecem tratamento de edição especial. Um julgamento de

grande impacto na opinião pública, sessões de uma Comissão Parlamentar de Inquérito ou outro grande assunto. Normalmente eles se estendem por várias horas e às vezes por mais de um dia. Nesses casos é necessário uma edição por partes. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 105)

Outras designações:

Nota: Uma *edição especial* de um telejornal pode ocorrer, por exemplo, na data do aniversário da cidade de São Paulo, em que o telejornal local dedica todo o programa à cidade.

5.3 edição extra, s.f.

Quando acontece um fato importante (uma notícia quente), a emissora abre espaço na programação normal para a informação jornalística. Pode ser em nota lida pelo locutor ou boletim do repórter. (Paternostro, 1999, p. 141)

Outras designações:

Nota:

edição não linear, s.f. Ver **edição não-linear**

5.4 edição não-linear, s.f.

Tipo de edição que usa discos de computadores para armazenar programas. (Curado, 2002, p.18)

A crescente demanda de profissionais que saibam usar os mais sofisticados equipamentos de edição de imagens – sejam editores de texto, repórteres e produtores/editores –, bem como as facilidades da edição não-linear, pressionam para que o editor de imagens com perfil tradicional se recicle continuamente e aprenda as novas formas de apresentação da linguagem de TV. (Curado, 2002, p.54)

Outras designações: edição não linear

Nota:

5.7 editor-chefe, s.m.

Jornalista responsável por determinado telejornal. Acompanha todas as edições feitas pelos editores de notícias e organiza o telejornal como um todo. (Squirra, 1990, p. 164-165)

A equipe mais feliz é aquela na qual o editor-chefe tem um papel ativo na produção do programa e no aprimoramento jornalístico. O editor-chefe é aquele que arregança as mangas e mergulha na busca das melhores notícias junto com a equipe, não está nunca no pedestal nem assume a postura de supremo algoz, aparecendo apenas quando se trata de cobrar

possíveis falhas muitas delas duvidosas. (Barbeiro e Lima, 2002, p.58)

Outras designações:

Nota: *editor-responsável* era o termo usado antes.

5.5 editor de imagens, s.m.

Técnico que monta as imagens da reportagem seguindo roteiro prévio estabelecido com o editor de texto. (Paternostro, 1999, p. 141)

Ter entendimento do papel da música na sonorização de matérias e o completo domínio dos recursos técnicos dos equipamentos são requisitos básicos no desempenho do editor de imagens. A criatividade é outro elemento importante. (Curado, 2002, p.54)

Outras designações:

Nota:

5.6 editor de texto, s.m.

Jornalista que elabora a edição final de uma matéria, responsável pelo texto e imagem. (Paternostro, 1999, p. 141)

Tem treinamento jornalístico, compreensão do material que irá realizar e boa comunicação com a equipe. O repórter dá o formato à reportagem, embora a regra geral na maior parte das emissoras seja a divisão desse trabalho com o editor de texto. (Curado, 2002, p.46-47)

Outras designações:

Nota:

5.8 editoria de arte, s.f.

Departamento da emissora que se responsabiliza pelas artes - ilustrações, gráficos, selos, mapas dos telejornais. (Paternostro, 1999, p. 141)

Essas "imagens" são chamadas em telejornalismo de artes, e são criadas pela Editoria de Arte das emissoras de TV. As artes introduzidas em uma reportagem devem ter o objetivo claro de ajudar o telespectador a entender a mensagem que está sendo transmitida. Devem ser usadas na medida exata, discretas e eficientes, evitando transformar a matéria em uma alegoria. (Paternostro, 1999, p. 76)

Outras designações:

Nota:

13.3 **editorial**, s.m.

Texto que expressa a opinião da emissora sobre determinado assunto. (Paternostro, 1999, p.141)

Fere a ética o jornalista que deixa o patrocínio afetar o conteúdo e a apresentação da notícia. Há que se resistir à pressão do departamento comercial, ainda que legítima. É bom lembrar sempre que o editorial não está à venda, e eventos comerciais merecem cobertura desde que contenham notícias. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 27)

Outras designações:

Nota:

5.13 **efeito especial**, s.m.

É usado na edição de uma reportagem para dar um acabamento mais sofisticado. Exemplo: slow motion, fusão, fade, cor sépia, quadro parado. (Paternostro, 1999, p. 141)

Outras designações:

Nota:

2.2 **efeitos sonoros**, s.m.

Ruídos gravados que não são música nem fala. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 194)

Por trás da leitura em voz alta há também uma preocupação bem maior: a sonoridade das palavras. No caso do telejornalismo, o efeito sonoro do texto passa a ter real importância, já que estamos trabalhando em um veículo em que o sentido da audição é muito explorado. (Paternostro, 1999, p. 67)

Outras designações:

Nota:

11. **emissora**, s.f.

Uma organização capaz de irradiar programas de televisão para uma comunidade, de acordo com as leis vigentes. (Roiter e Tresse, 1995, p. 41)

Logo ao chegar, encontramos um setor que é de controle da administração: o de Recepção. Este setor é o que controla a entrada de pessoas e coisas no interior das emissoras. Ninguém ou nenhum pacote, fita, encomenda pode entrar ou sair da emissora sem o conhecimento dos encarregados do setor. (Squirra, 1990, p. 40)

Outras designações:**Nota:**

14.15.2 encerramento de matéria, s.m.

O repórter fecha a matéria ao vivo, isto é, aparecendo no vídeo, dando uma informação conclusiva à reportagem. (Paternostro, 1999, p.141)

Algumas reportagens são passíveis de utilização de músicas, mas é preciso critério e bom senso. Considere sempre qual o valor desse tipo de sonora para ilustrar a edição e qual sua função no corpo da história. A música pode aparecer tanto no desenvolvimento como no final da edição. Neste último caso é sempre conveniente encerrar com queda de áudio e indicar no texto o uso de tal recurso para que não haja corte brusco no encerramento da matéria. (Barbeiro e Lima, 2002, p.105)

Outras designações:**Nota:**

9.6 ENG, s.m.

Abreviatura de Eletronic News Gathering - Coleta Eletrônica de Notícia. Equipamento que utiliza câmeras de vídeo portáteis e leves e sistema de gravação de som. (Mello, 2003, p. 275)

Além de uma linguagem mais intimista, uma reportagem de autor, a videoreportagem é mais ágil, uma vez que uma só pessoa se desloca, muitas vezes dirigindo o seu próprio carro, moto, bicicleta, avião ou asa-delta. As equipes tradicionais ou ENGs necessitam de três ou mais integrantes, carros de reportagem, equipamento mais sofisticado. (Barbeiro e Lima, 2002, p.74)

Outras designações:**Nota:**

4.2.4 enquadramento, s.m.

Posição da lente em relação ao objeto ou cena que está sendo gravada, definindo assim o que se vê e como se vê. (Squirra, 1990, p. 165)

De certa forma, o jornalista acumula também a função de editor de texto e reportagem, além de repórter e cinegrafista. É preciso treinamento e agilidade para fazer ao mesmo tempo boas imagens, boas perguntas, bom enquadramento, bom texto... Além disso, há dificuldades, como a de claquetar os entrevistados. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 75)

Outras designações:

Nota:

6. entrevista, s.f.

O diálogo entre (sic) repórter e a personagem que é a fonte de informação. (Paternostro, 1999, p. 142)

Não vale a pena dizer no OFF o que o entrevistado vai falar, é melhor encaminhar a entrevista de tal forma que desperte interesse no telespectador. É necessário identificar nos créditos o nome do entrevistado, do repórter, da cidade, do estado. (Paternostro, 1999, p. 130)

Outras designações:**Nota:**

6.1 entrevista coletiva, s.f.

Repórteres de jornais, rádios, e TVs participam da mesma entrevista com uma personalidade ou autoridade. (Paternostro, 1999, p. 142)

Seja criterioso e paciente nas entrevistas coletivas. Muitas são organizadas para atrair publicidade ou como ocasião para que prevaleça apenas o ponto de vista do entrevistado. Mesmo que ele considere relevante o que vai dizer haverá sempre a possibilidade de uma informação mais importante. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 87)

Outras designações:**Nota:**

14.9 enviado especial, s.m.

Jornalista designado para realizar reportagem ou cobertura jornalística em locais ou regiões determinadas, dentro ou fora do país, diferentes da base onde costumeiramente ele trabalha. (Mello, 2003, p. 90)

O enviado especial e o correspondente internacional estão cada vez mais vinculados a estratégias comerciais que patrocinam as viagens das equipes, notadamente para o acompanhamento de competições esportivas. A cobertura de guerras, terremotos e eventos não comercializados é rotineiramente feita pelas agências internacionais. (Curado, 2002, p. 48)

Outras designações:**Nota:**

escalada, s.f. Ver **manchete**

escalada review, s.f. Ver **manchete**

10.8 **espelho**, s.m.

É a relação e a ordem de entrada das matérias no telejornal, sua divisão por blocos, a previsão dos comerciais, chamadas e encerramento. Como a própria palavra indica, reflete o telejornal. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 142)

Quando o repórter chega, ele escreve seu texto em um formato de script que está "guardado" em uma "gaveta" destinada às matérias do dia. Este script será duplicado, mais tarde, para o espelho do telejornal, com apenas um ou dois cliques no mouse. Enquanto estão escrevendo os scripts, os editores colocam as informações que vão entrar no ar em forma de créditos da matéria, usando códigos específicos... (Paternostro, 1999, p. 116-117)

Outras designações:

Nota:

10.9 **estourar**, v.t.

Ação de ultrapassar o tempo preestabelecido para uma notícia ou entrada ao vivo. (Squirra, 1990, p. 165)

Administre o tempo total do programa: Não deixe o entrevistado estourar o tempo nem encerre o programa antes. As duas formas prejudicam a programação. Por isso é importante que o produtor vá dizendo no ponto eletrônico quanto tempo falta para o encerramento. Nos momentos finais o aviso é feito de minuto em minuto. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 79)

Outras designações:

Nota:

8.1 **estúdio**, s.m.

Local destinado a gravações ou apresentações de telejornais. Existem estúdios apropriados para dramaturgias ou shows. (Roiter e Tresse, 1995, p. 43)

Geralmente num telejornal local, feito ao vivo, com dois apresentadores, são necessários dois câmeras de estúdio. Se existe um segundo cenário além da bancada do telejornal é preciso um outro câmara. A presença de entrevistados no estúdio em geral exige uma terceira câmara. (Curado, 2002, p. 58)

Outras designações:

Nota:

9.7 exclusividade, s.f.

Cobertura de um fato realizada apenas por um repórter ou por uma emissora de TV. (Paternostro, 1999, p. 142)

Outras designações:**Nota:**

8.2 externa, s.f.

Qualquer filmagem ou gravação ao ar livre. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 195)

O repórter é o líder de uma equipe de externa. Dá o ritmo ao time, discute as necessidades do trabalho em campo, reúne as informações, faz as entrevistas e apronta o texto da reportagem. Tem treinamento jornalístico, compreensão do material que irá realizar e boa comunicação com a equipe. (Curado, 2002, p. 46)

Outras designações:**Nota:**

F

12.9 fade, s.m.

É um escurecimento na tela. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 142)

A polícia chegou cedo para retirar os sem-terra da área invadida. Em pouco tempo, o acampamento foi destruído... (sobe som ambiente) Homens, mulheres e crianças saíram correndo e ainda tentaram salvar o que sobrou... (sobe som ambiente/fade de áudio e vídeo). (Paternostro, 1999, p. 74)

Outras designações:**Nota:**

12.9.1 fade-in, s.m.

O clareamento gradual do vídeo, que, a partir da inexistência de sinal, apresenta imagem na tela. (Squirra, 1990, p. 166)

Há variados efeitos que podem ser utilizados no momento em que uma imagem é substituída por outra. A troca de cenas pode se dar com movimentos de imagens que irão ocupar a tela antes do fade para o fade in. (Curado, 2002, p. 132)

Outras designações:

Nota:

12.9.2 fade-out, s.m.

O escurecimento gradual do vídeo até o preto total. (Squirra, 1990, p. 166)

Outras designações:

Nota:

12.10 fast motion, s.m.

Reprodução da imagem em velocidade maior que a real. (Squirra, 1990, p. 166)

... Experimentou aumentar e diminuir a velocidade da câmara e descobriu os efeitos oníricos da câmara lenta e do fast motion. Continuou pesquisando e procurando novas formas de expressão. Descobriu a fusão, o clareamento e o escurecimento como meios de realizar transições de uma cena para outra. (Squirra, 1990, p. 25)

Outras designações:

Nota: Neste contexto, Squirra (1990) utiliza o termo *câmara* ao invés de *câmera*, como a maioria dos outros autores.

14.10 feature, s.m.

Reportagem que não está dentro da atualidade do dia-a-dia, mas é realizada em cima de um tema de grande interesse. (Paternostro, 1999, p.142)

Outras designações:

Nota:

10.10 fechamento, s.m.

Últimas coordenadas para que o telejornal fique pronto dentro do deadline. É o momento de montar o script geral do programa e checar a operação. (Paternostro, 1999, p. 143)

A resposta de bate-pronto estimula a reprodução de modelos preestabelecidos - seja quanto à forma da apresentação da reportagem, seja pela maneira como os assuntos são enfocados. Os dias se passam em horas consumidas freneticamente no fechamento dos programas, as horas se tornam minutos codificados na montagem da sequência de reportagens, e os minutos são segundos que se esgotam rapidamente na corrida para a exibição. (Curado, 2002, p.172)

Outras designações:

Nota:

flash, s.m. Ver **boletim**

12.11 **foco**, s.m.

Correção de todas as distorções de uma imagem para obtê-la com a melhor qualidade possível. (Paternostro, 1999, p. 143)

O jornalista que faz videoreportagem tem que treinar o suficiente para coordenar a entrevista com o microfone na mão esquerda, a câmera no ombro e procurar a melhor imagem do entrevistado, ainda que alguns equipamentos tenham foco automático. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 75)

Outras designações:

Nota:

9.8 **fonte de informação**, s.f.

Pessoa, órgão, entidade ou mesmo documentação que gera ou esclarece fato noticiado ou a ser veiculado. (Squirra, 1990, p. 166)

O claro entendimento da participação do entrevistado na reportagem é essencial para a sua escolha. Alguém que poderia estar numa lista de entrevistados quando, na realidade, o seu papel seria apenas de fonte de informação, porque as suas declarações no ar não têm o peso requerido pela reportagem. (Curado, 2002, p.45)

Outras designações:

Nota:

12.12 **frame**, s.m.

Consiste em uma medida eletrônica. Vários *frames* compõem uma imagem. (Paternostro, 1999, p. 143)

Outras designações:

Nota: No Brasil, 30 *frames* correspondem a 1 segundo de imagem gravada magneticamente na fita. Nos Estados Unidos, 25 *frames* correspondem a 1 segundo. Por isso, a incompatibilidade entre os sistemas NTSC americano e o PAL-M brasileiro.

freeze, s.m. Ver **frisar**

freeze frame, s.m. Ver **congelamento de imagem**

12.13 **frisar** v.t.

Efeito de congelamento de uma imagem. Quadro parado. (Paternostro, 1999, p. 143)

Outras designações: freeze

Nota:

12.14 **fusão**, s.f.

Desaparecimento de uma imagem simultâneo ao aparecimento de outra (como se viesse por trás); em determinado momento as duas imagens ficam superpostas. Usada em edição mais trabalhada, em reportagens especiais. (Paternostro, 1999, p. 143)

... descobre a superposição de imagens. Experimentou aumentar e diminuir a velocidade da câmara e descobriu os efeitos oníricos da câmara lenta e do fast motion. Continuou pesquisando e procurando novas formas de expressão. Descobriu a fusão, o clareamento e o escurecimento. (Squirra, 1990, p.25)

Outras designações:

Nota: Squirra (1990) utiliza, novamente, neste contexto, o termo *câmara*.

G

9.9 **gancho**, s.m.

A atualidade de um assunto que justifica a reportagem. O gancho da matéria é quase sempre o lead da matéria. (Paternostro, 1999, p. 143)

A programação da televisão é quase sempre concebida em blocos, cuja duração varia de

acordo com o modelo. O bloco permite a inserção da publicidade e facilita a transmissão em rede. O bloco organiza e explora os ganchos que podem preparar o telespectador para as atrações que são anunciadas. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 91-92)

Outras designações:

Nota:

GC, s.m. Ver gerador de caracteres

11.4 geração, s.f.

Termo que se usa para designar o momento em que a emissora vai receber (ou enviar) transmissão de sinais ou mensagens (sonoras ou visuais) via satélite - no caso de geração nacional ou internacional - ou via link - no caso de um ponto a outro da cidade. (Paternostro, 1999, p. 143)

Atribui-se ainda à supervisão de imagens a responsabilidade de conferir a qualidade e as condições em que são feitas a recepção de matérias de outras emissoras, ou de diferentes pontos de geração, e a transmissão de material para fora do seu centro de TV, ou na própria emissão do programa que está indo ao ar. (Curado, 2002, p.33)

Outras designações:

Nota:

12.15 gerador de caracteres, s.m.

Uma espécie de máquina de escrever eletrônica. É usado para inserir títulos, créditos, legendas sobre a imagem. Já existem geradores de caracteres capazes de produzir efeitos digitais na imagem. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 195)

A isenção da reportagem pode ficar comprometida se depender do suporte econômico de empresas patrocinadoras de eventos. Nas viagens feitas à custa de empresas privadas ou do governo, o jornalista deve informar ao telespectador oralmente, ou no gerador de caracteres, que a reportagem foi feita a convite de determinada pessoa ou instituição. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 27)

Outras designações: GC

Nota:

11.3.5 grade, s.f.

Conjunto de programas e intervalos comerciais distribuídos de forma específica que define a programação de uma emissora. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 195)

A cobertura de um evento depende das proporções dele, mas envolve sempre a união de esforços de áreas interdependentes de uma emissora de televisão. Normalmente o evento "transborda" da grade e invade horários da programação fora do programa de jornalismo. (Curado, 2002, p.88)

Outras designações:

Nota:

8. gravação, s.f.

Registro do som ou imagem em disco, filme ou fita, por meio de processos mecânicos, magnéticos ou ópticos. (Roiter e Tresse, 1995, p.53, 54)

A gravação com as entrevistas feitas durante o programa devem ser encaminhadas ao editor com o respectivo material de apoio. Converse com o editor sobre o trecho da entrevista considerado mais importante. O material editado pode ser usado em outros programas. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 90-91)

Outras designações:

Nota:

13.4 gravar off, v.t.

Gravar o texto de uma reportagem na fita magnética, sobre a qual serão posteriormente inseridas imagens relativas àquela reportagem. (Paternostro, 1999, p.144)

O trabalho do repórter não termina depois de colher as sonoras, gravar o off e a equipe voltar para a redação. Se estiver participando de um evento importante – uma coletiva, por exemplo –, deve continuar colhendo as notícias e passá-las para a redação. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 70)

Outras designações:

Nota:

H

9.10 hard news, s.f.

Notícia importante, geralmente causando bastante impacto nos telespectadores. (Roiter e

Tresse, 1995, p. 57)

O jornalismo público busca fontes alternativas e autônomas de saber para fundamentar as reportagens. O hard news não dá lugar para a análise. O jornalismo público se orienta por uma pauta pluralista. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 37)

Outras designações:

Nota:

I

5.14 ilha de edição, s.f.

Sala onde estão os equipamentos para a edição de uma reportagem em VT. Duas máquinas de reprodução de videocassete estão ligadas eletronicamente e, operadas pelo editor de imagem, "passam" as imagens e o áudio que se quer, da fita em bruto para a fita a ser editada. (Paternostro, 1999, p. 144)

Em algumas emissoras de TV quando o repórter chega com a matéria bruta vai para a ilha de edição e finaliza a reportagem. Contudo, a produção de notícias na maioria das redações está organizada de forma industrial, ou seja, ao terminar uma matéria o repórter não volta para a redação, vai para a outra matéria enquanto as gravações são enviadas para a edição. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 100)

Outras designações:

Nota:

12. imagem, s.f.

Reprodução de um objeto que é formado por uma lente ou objetiva. (Mello, 2003, p. 120)

É com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal. É com a imagem que a TV exerce o seu fascínio e prende a atenção das pessoas. É preciso respeitar a força da informação visual e descobrir como associá-la à palavra, porque a informação na TV funciona a partir da relação texto/imagem. (Paternostro, 1999, p. 61)

Outras designações:

Nota:

12.16 imagem de arquivo, s.f.

Imagem produzida anteriormente, em outra época, ao fato/acontecimento que é o tema da reportagem atual, e à qual se recorre na edição da matéria para contar melhor a história, facilitando a compreensão do público. (Paternostro, 1999, p. 144)

Uso de arquivo: Na montagem de uma matéria que tem uma antecedente pode acontecer que se utilize, em referência, imagens de arquivo. É essencial a cuidadosa verificação para que pessoas mostradas em contexto de atualidade já não tenham morrido. (Curado, 2002, p.161)

Outras designações:

Nota:

11.5.1 índice de audiência, s.m.

Medição da audiência obtida por uma emissora em horário definido. (Paternostro, 1999, p. 144)

O sucesso a qualquer preço pode ser um preço alto demais quando o único objetivo é elevar os índices de audiência. E o jornalismo a esse preço será um jornalismo que perde a razão de ser. (Curado, 2002, p.182)

Outras designações:

Nota:

10.3. intervalo, s.m.

Espaço existente entre dois programas ou blocos de um telejornal. Normalmente é preenchido por comerciais. (Squirra, 1990, p. 167)

O telejornal é dividido em vários blocos ou partes, e entre eles um intervalo comercial ou institucional. Geralmente os blocos coincidem com essa divisão, planejados pelo departamento de programação ou de veiculação de publicidade. Por isso é possível saber com antecedência qual o tempo do telejornal, incluindo o tamanho de cada bloco e intervalo. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 57)

Outras designações: break

Nota:

L

lapada, s.f. Ver **wipe**

lauda, s.f. Ver **script**

lead, s.m. Ver **cabeça da matéria**

lidão, s.m. Ver **abertura de programa**

11.6 **link**, s.m.

É a ligação entre dois ou mais pontos para transmissão de sinais de imagem e som. Essa linha de transmissão é composta de antenas parabólicas ou pelo sistema digital. O mesmo que enlace. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 195)

ENGENHARIA: -Transmissão, Tráfego de sinal (Embratel), Microondas, Link principal, Link stand-by, Um/rack/casa, Câmeras, Gerador, Manutenção, Elétrica, Áudio, Iluminação, Cabos. (Curado, 2002, p. 89)

Outras designações:

Nota:

10.11 **locutor**, s.m.

Profissional (não necessariamente jornalista) que faz a locução, a apresentação dos telejornais. (Paternostro, 1999, p. 145)

A leitura em voz alta é uma regra fundamental para identificar palavras rimadas - as palavras em seqüência com a mesma terminação. Essas palavras, em um texto impresso, podem não atrapalhar tanto, mas em um texto falado soam de forma desagradável. O excesso de palavras que terminam em "ão", ao mesmo tempo que dificultam a leitura do locutor, machucam o ouvido do telespectador... (Paternostro, 1999, p. 66)

Outras designações:

Nota:

10.13 **logotipo**, s.m.

É a marca, a identificação do telejornal. (Paternostro, 1999, p. 145)

Para mostrar detalhes como um buraco de bala ou o logotipo em uma folha de papel é importante que a câmera filme em plano fechado. Os planos gerais nessas situações não

ficam bons. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 70)

Outras designações:

Nota:

M

10.1.2 manchete

Uma frase de impacto, contém uma informação forte. É usada para identificar o assunto da reportagem. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 145)

A tênue fronteira que separa a prosaica narração do acontecimento e o espetáculo é o compromisso com a verdade. Os acontecimentos nem sempre são tão charmosos e esfuziantes com manchetes inerentes. (Curado, 2002, p. 181)

Outras designações: escalada review, escalada

Nota:

10.14 master, s.m.

Significa mestre em inglês e refere-se, fundamentalmente, à fita que contém o original de um programa. (Roiter e Tresse, 1995, p. 77)

TELECOMUNICAÇÕES: Contato com a concessionária, Circuitos 1x4 fios, Celular/telefone diretos, Rádios HT, Montagem: intercomunicadores para repórter, engenharia, emissora e master, Ponto para apresentador ou locutor. (Curado, 2002, p. 90)

Outras designações:

Nota: Antes era definido como *controle central da emissora* (Squirra, 1990).

master switch control, s.m. Ver **controle-mestre**

14.15 matéria, s.f.

Designação geral para o conjunto de notícias e comentários publicados. Nome genérico usado para identificar todo e qualquer material jornalístico produzido para publicação em veículos de informação. Tudo o que é produzido na redação. O conjunto de textos, sons e imagens que compõem a informação que será noticiada. (adaptada de Mello, 2003, p. 141)

A idéia de se fazer um texto descritivo, uma espécie de "audiovisual", deve ser totalmente deixada de lado. Não há necessidade de se descrever o que o telespectador já está vendo. É óbvio demais. E chato. A narrativa da matéria vai se tornar redundante e cansativa. (Paternostro, 1999, p. 73)

Outras designações:

Nota:

14.15.3 matéria bruta, s.f.

Reportagem gravada na rua, e não editada. (Paternostro, 1999, p.145)

Em algumas emissoras de TV, quando o repórter chega com a matéria bruta, vai para a ilha de edição e finaliza a reportagem. Contudo, a produção de notícias, na maioria das redações, está organizada de forma industrial, ou seja, ao terminar uma matéria, o repórter não volta para a redação, vai para a outra matéria enquanto as gravações são enviadas para a edição. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 100)

Outras designações:

Nota:

12.3.4 meio close, s.m.

Tomada de cena que corta logo abaixo dos ombros. Enquadramento padrão para as entrevistas de TV. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 196)

Outras designações: meio primeiro plano; MPP.

Nota: Os termos 3.5.1 *plano* e 4.2 *cena* também são hiperônimos de *meio close*.

meio primeiro plano, s.m. Ver meio close

mesa de controle, s.f. Ver mesa de corte

10.7.1 mesa de corte, s.f.

É a bancada onde o diretor de TV coordena a operação técnica do telejornal e também produz efeitos especiais. (Paternostro, 1999, p. 145)

Outras designações: mesa de controle

Nota: O termo 5.14. *efeito especial* também é hiperônimo de *mesa de corte*.

2.3 **microfone**, s.m.

Usado para captar o som. Repórteres normalmente usam os microfones direcionais, pois recebem o som de uma só direção. O microfone de lapela é usado pelos apresentadores, captando todo o áudio à sua volta. O microfone boom é usado com uma haste móvel. (adaptado de Paternostro, 1999, p. 145)

O jornalista que faz videoreportagem tem que treinar o suficiente para coordenar a entrevista com o microfone na mão esquerda, a câmera no ombro e procurar a melhor imagem do entrevistado, ainda que alguns equipamentos tenham foco automático. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 75)

Outras designações:

Nota:

2.4 **mixagem**, s.f.

Mistura de vários sons com intensidades diferentes. (adaptada de Barbeiro e Lima, 2002, p. 196)

Avaliação da fita bruta contendo as imagens e entrevistas; indexá-las (cue) separando-as pelo time coder - dígito que identifica o tempo na fita de edição, no caso de edição não-digital. Esse trabalho é feito numa ilha de edição de Jornalismo, normalmente composta por uma máquina player, uma recorder, uma mesa de áudio para mixagem, dois monitores e duas caixas de som, uma para cada videocassete. (Curado, 2002, p. 131)

Outras designações: mixagem de áudio

Nota:

mixagem de áudio, s.f. Ver **mixagem**

12.19 **monitor**, s.m.

É um aparelho de televisor usado para checar imagens ou a edição de uma matéria. (Paternostro, 1999, p.146)

O quarto passo: a edição de uma matéria é trabalho de dois profissionais. O editor de texto e o editor de VT (ou de imagem). Juntos, eles discutem e planejam a edição da matéria na ilha de edição, onde utilizam um equipamento básico formado por dois videotapes ligados a dois monitores (player e recorder) unidos por um editor eletrônico que faz a "colagem" dos sons e imagens da forma que se deseja. (Paternostro, 1999, p. 129-130)

Outras designações:**Nota:**

MPP, s.m. Ver **meio close**

N

14.15.4 **narração**, s.f.

O áudio gravado com o texto da reportagem pelo apresentador ou pelo repórter. Designa também o áudio da leitura feita ao vivo pelo apresentador. Texto em off (o narrador não aparece) que, em TV, acompanha uma ação visual. (Mello, 2003, p. 153)

O jornalista não pode dizer que está onde não está. Não depõe contra a reportagem dizer que determinada informação ou narração de evento está sendo feita em off tube, ou seja, quando a informação é dada apenas com base nas imagens que chegam ao estúdio, sem que o jornalista esteja no local do fato... (Barbeiro e Lima, 2002, p. 29)

Outras designações:**Nota:**

7. **nota** s.f.

Notícia curta dada pelo apresentador, sem auxílio de matéria gravada (VT), nem entrevista ao vivo. (Roiter e Tresse, 1995, p. 83)

As assessorias de imprensa não devem ser discriminadas, mas não são fontes primárias de informação. Elas são a ponte entre o jornalista e o entrevistado, entre o veículo de comunicação e a empresa pública ou privada. Quando uma empresa fala somente através da assessoria de imprensa, deve-se divulgar uma nota com a versão da empresa atribuída à assessoria. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 113)

Outras designações:**Nota:**

7.1 **nota ao vivo**, s.f.

Notícia lida pelo apresentador do telejornal sem qualquer imagem de ilustração. (Paternostro,

1999, p. 146)

Toda vez que um telespectador ouve uma palavra ou uma frase, ela é processada e conectada - associada - a algo já conhecido. É linkada a alguma coisa que já está na memória dele. Se as palavras - tanto no OFF quanto na passagem de um repórter, ou mesmo em um lead ou em uma nota ao vivo - são confusas, desconhecidas, complexas, eruditas, ambíguas, fracas ou específicas, o telespectador simplesmente ignora-as e passa a se fixar na imagem. (Paternostro, 1999, p. 78-79)

Outras designações:

Nota: O termo *l. ao vivo* também é hiperônimo de *nota ao vivo*.

7.2 nota coberta, s.f.

Nota cuja cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo. (<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>)

Gravação do texto: Repórter ou narrador gravam o texto que será reunido com as imagens e as falas selecionadas. Há casos em que a matéria é uma nota coberta ao vivo. A edição deve calcular três segundos de tempo de leitura para cada duas linhas de texto que serão cobertas com imagens. (Curado, 2002, p. 131)

Outras designações:

Nota: O termo *7.1 nota ao vivo* também é hiperônimo de *nota coberta*.

7.3 nota pé, s.f.

Uma nota ao vivo, lida no final de uma matéria trazendo informação complementar ou que faltou à reportagem. (Paternostro, 1999, p. 146)

Outro aspecto relacionado ao papel ativo dos apresentadores se refere às expressões que apresentaram os argumentos finais em cada notícia. Em outras palavras, é importante investigar quem foi o último locutor a aparecer na notícia, a chamada "nota pé" no jargão jornalístico. Essa identificação é importante porque o último a falar geralmente oferece algum tipo de conclusão ou interpretação. (Porto, 2002, p. 23)

Outras designações:

Nota: O termo *7.1 nota ao vivo* também é hiperônimo de *nota coberta*.

9. notícia, s.f.

Acontecimento, fato de interesse de uma sociedade. Em televisão, a imagem pode determinar ou priorizar o que é notícia. (Paternostro, 1999, p. 146)

No departamento de jornalismo, são atribuídas tarefas aos profissionais que têm diferentes níveis de responsabilidade. Como consequência, a decisão sobre o que vai ou não ao ar depende daquela pessoa ou pessoas que analisam a qualidade, o impacto e a oportunidade da divulgação da notícia. (Curado, 2002, p. 15)

Outras designações:

Nota:

O

off, s.m. Ver **texto em off**

P

pan vertical, s.m. Ver **tilt**

3.9 **panorâmica**, s.f.

Movimento lento da câmera, normalmente da esquerda para a direita. (Paternostro, 1999, p. 146)

Nessa nova linguagem as panorâmicas tremidas são inevitáveis, e os rostos podem parecer deformados até que o videorepórter focalize corretamente, mas isso não tira a credibilidade da matéria, pelo contrário, reforça. Esse conceito também derruba o paradigma que só as reportagens tradicionais, perfeitamente enquadradas, pasteurizadas, com passagens decoradas, com offs trabalhados são capazes de captar a atenção dos telespectadores. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 75)

Outras designações:

Nota:

14.3.1 **passagem do repórter**, s.f.

Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo

e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para a entrevista. (Paternostro, 1999, p.147)

Muitas vezes, a edição traz uma seqüência natural e é interrompida pela passagem do repórter só para que ele apareça. O que deve aparecer, e bem, é a notícia. A passagem do repórter é a marca do autor da matéria, mas nem sempre o que é bom para uma edição é bom para outra. (Paternostro, 1999, p. 130)

Outras designações:

Nota:

14.11 pauta, s.f.

Consiste na agenda dos principais assuntos para a cobertura jornalística diária. Roteiro dos assuntos de interesse jornalístico com sugestão de abordagens e informações capazes de orientar a equipe de produção. Agenda de eventos a serem cobertos para o noticiário. (adaptada de Mello, 2003, p. 167)

Não podemos conceber uma reportagem de TV sem que prevaleça a força da imagem. Desde a pauta, durante a produção, a gravação de uma reportagem, é importante ter em mente que aquela matéria só é assunto para televisão se tem imagem... (Paternostro, 1999, p. 77)

Outras designações:

Nota: A *pauta* indica o assunto, a abordagem, as fontes possíveis, os equipamentos, os deslocamentos e o prazo de produção das reportagens.

14.11.1 pauteiro, s.m.

O jornalista que cria a pauta. É ele quem, ao ler diariamente os jornais, toma conhecimento dos fatos que estão para acontecer, ou que estão acontecendo, levanta temas e assuntos que podem render matérias. (Paternostro, 1999, p.147)

Uma reportagem em televisão é sempre o resultado do trabalho feito por uma equipe multifuncional. O que vai ao ar acontece porque várias pessoas trabalharam juntas e não apenas por obra e graça de algum super-homem, que, na TV, nasceu morto. O mais talentoso dos repórteres, editores, pauteiros, cinegrafistas não põe sozinho uma boa reportagem no ar. (Curado, 2002, p. 23)

Outras designações:

Nota:

14.12 pesquisa, s.f.

Levantamento de informações necessárias para a realização de matérias. A pesquisa pode recorrer a arquivos, documentos, jornais, revistas, livros ou pessoas. (adaptada de Mello, 2003, p. 170)

Novas posturas são introduzidas no dia-a-dia e vão do uso de um e-mail interno entre dois jornalistas, ou, por mais que pareça contraditório em uma redação, do chefe que não quer que falem com ele a não ser através da intranet; ou ainda uma pesquisa solitária de um jornalista na Internet para completar as reportagens do telejornal. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 39)

Outras designações:

Nota:

PG, s.m. Ver plano geral

10.15 **piloto, s.m.**

Programa realizado em fase experimental. (Squirra, 1990, p. 169)

Outras designações:

Nota:

3.5.1 **plano, s.m.**

Angulação da câmera. Pode ser plano geral, médio, americano, primeiro plano (close), primeiríssimo plano (close up). (Paternostro, 1999, p. 147)

O repórter cinematográfico deve estudar os melhores ângulos e planos antes de fazer as tomadas, certificando-se de que tudo está sendo gravado com qualidade técnica. Se o equipamento não funcionar a reportagem será perdida. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 70)

Outras designações:

Nota:

12.3.3 **plano geral, s.m.**

Enquadramento feito com a câmera distante mostrando a pessoa por inteiro ou um local por completo. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 197)

Para mostrar detalhes como um buraco de bala ou o logotipo em uma folha de papel é importante que a câmera filme em plano fechado. Os planos gerais nessas situações não ficam bons. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 70)

Outras designações: PG

Nota: O termo 3.5.1 *plano* também é hiperônimo de *plano geral*.

12.3.1 **plano médio**, s.m.

Plano de introdução para as entrevistas, que corta logo abaixo dos cotovelos. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 197)

Outras designações: PM

Nota: O termo 3.5.1 *plano* também é hiperônimo de *plano médio*.

11.3.6 **plantão**, s.m.

A abertura de um espaço na programação normal da emissora para anunciar um fato que acaba de acontecer. Pode ser local ou em rede nacional, dependendo da importância da notícia. (Paternostro, 1999, p. 147)

O pauteiro deve elaborar uma agenda com os principais acontecimentos previstos para os fins de semana e feriados. Saber, por exemplo, o que o prefeito e o governador vão fazer no domingo é importante para o planejamento do plantão. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 114)

Outras designações:

Nota:

PM, s.m. Ver **plano médio**

2.5 **ponto eletrônico**, s.m.

Receptor auricular com comunicação direta entre o controle mestre, estúdio, rua ou outro local. (Curado, 2002, p.188)

Seguem algumas orientações: (...) Administre o tempo total do programa: Não deixe o entrevistado estourar o tempo nem encerre o programa antes. As duas formas prejudicam a programação. Por isso é importante que o produtor vá dizendo no ponto eletrônico quanto tempo falta para o encerramento. Nos momentos finais o aviso é feito de minuto em minuto. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 79)

Outras designações:

Nota:

13.5 **pontuação**, s.f.

O uso de sinais ortográficos que dão ritmo ao texto e indicam as pausas que o locutor deve fazer durante a leitura. (Paternostro, 1999, p.147)

A pontuação merece atenção especial. O uso dos sinais ortográficos facilita a entonação da voz e a respiração do apresentador. Por exemplo, em frases interrogativas faça uso da técnica espanhola de pontuação. Colocando um sinal de interrogação no início da frase o apresentador não será pego de surpresa. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 96)

Outras designações:

Nota:

11.7 **pool**, s.m.

Transmissão de eventos em que várias emissoras de TV se associam, dividem custos e recursos técnicos para facilitar o trabalho. (Paternostro, 1999, p. 147)

Outras designações:

Nota:

8.4 **povo fala**, s.m.

Gravação com várias pessoas sobre um tema específico de uma reportagem. Pode ser dona-de-casa fala, criança fala, mulheres falam, dependendo do tipo de assunto em que é necessária uma amostragem de opinião. Recurso muito usado em telejornalismo para avaliar, polemizar, levantar um tema. (Paternostro, 1999, p. 147-148)

Outras designações:

Nota:

PP, s.m. Ver **close**

PPP, s.m. Ver **close-up**

13.7 **press release**, s.m.

É uma notícia desenvolvida, algumas vezes com fotografia, que é distribuída aos veículos de divulgação para inserção gratuita. (Mello, 2003, p. 313)

Outras designações:

Nota:**13.6 press-release, s.m.**

Material de divulgação produzido por jornalistas contratados por empresas ou instituições, públicas ou privadas, e enviado para veículos de comunicação com o objetivo de publicação (Mello, 2003, p. 313).

Outras designações:**Nota:****12.19.1 preview, s.m.**

Monitor onde se pode ver a primeira imagem da matéria editada antes de ela ir para o ar. Serve para dar segurança à operação. (Paternostro, 1999, p.148)

IV - Unidade móvel geradora: a) Número de câmeras/tipo; b) VTs/tipo; c) Mesa de corte; d) Caixa de sapato (...); e) Microondas/tipo/frequência; f) Gerador/tipo; g) Entrada de AC; h) Sistema de rádio/tipo; i) Matriz de preview. (Curado, 2002, p. 79)

Outras designações:**Nota:****primeiríssimo plano, s.m. Ver close-up****primeiro plano, s.m. Ver close****14.13 produção, s.f.**

Organização e coordenação do trabalho prévio para a reportagem: pesquisa, imagens de arquivo, horários marcados, levantamento de material etc. (Paternostro, 1999, p.148)

Na reunião entre pauteiros, produtores, editores, o chefe de reportagem ou um subchefe de reportagem são acertadas as coberturas desejadas e tiradas as dúvidas da produção que estiver finalizando as marcações. Muitas matérias já foram pré-produzidas, filmadas e estão em fase de edição. (Curado, 2002, p. 84)

Outras designações:**Nota:**

14.13.1 **produtor**, s.m.

É o profissional responsável pelas tarefas de produção. Produtor jornalístico. (Paternostro, 1999, p.148)

Diante dos fatos que surgem em campo, idéias pensadas pela produção podem vir a ser abandonadas. É na rua, falando com a fonte ou filmando, que repórter, produtor e o repórter cinematográfico ficam realmente em contato com a notícia. (Curado, 2002, p. 46)

Outras designações:

Nota:

4.2.5 **profundidade de campo**, s.f.

Área de uma cena em foco. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 197)

Outras designações:

Nota:

10. **programa**, s.m.

Linha planejada de atividades para um projeto ou programação. (Mello, 2003, p. 180)

Considerando que o jornal de TV é formado, em sua maior parte, por reportagens editadas, se o estilo for o mesmo, pode tornar o programa monótono. Por isso variar a forma de edição ajuda a torná-lo mais agradável. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 101)

Outras designações:

Nota:

11.3 **programação**, s.f.

A organização em seqüência dos programas e intervalos comerciais de uma emissora de TV, programas jornalísticos inclusive. (Paternostro, 1999, p. 148)

Os repórteres que farão as entradas ao vivo na programação ou nos programas, ou que fazem flashes pré-gravados são coordenados para que "não batam cabeça" - isto é, que repitam dados já passados por outro colega. (Curado, 2002, p. 87)

Outras designações:

Nota:

Q

12.17 **quadro**, s.m.

Imagem completa de vídeo composta de dois campos. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 197)

A cena é feita respeitando os elementos que lhe conferem equilíbrio. Um erro de enquadramento freqüente: metade do quadro fica vazia enquanto na outra metade aparece o entrevistado falando para uma mão misteriosa que segura um microfone. (Curado, 2002, p. 107)

Outras designações:

Nota:

R

10.16 **rabicho**, s.m.

Pequeno segmento que encerra uma chamada com um comercial, normalmente vendendo um produto. Muito usado para comercialização de eventos como: jogos, corridas etc. (Roiter e Tresse, 1995, p. 101)

Outras designações:

Nota:

11.8 **radialista**, s.m.

Profissional que trabalha na televisão, em áudio ou vídeo, que exerce função técnica de produção. (Squirra, 1990, p. 170)

A jornada legal de trabalho para jornalistas é de cinco horas, e de seis horas para o radialista. A grande maioria dos sindicatos dessas categorias tem acordo com o sindicato patronal, estendendo para sete horas a jornada diária. (Curado, 2002, p. 73)

Outras designações:

Nota:

rádio-escuta, s.m. Ver **radioescuta**

10.17 **radioescuta**, s.m.

Profissional (ou estagiário de jornalismo) a quem compete levantar assuntos de interesse para o telejornal, a partir da escuta dos programas noticiosos radiofônicos e de televisão (Squirra, 1990, p. 170).

O pauteiro busca sugestões para o desenvolvimento de reportagens em fontes como agências de notícias, Internet, jornais, fax, reclamações de telespectadores, relatórios de repórteres e radioescutas, revistas, acompanhando o noticiário de outros veículos, presenciando um fato na rua etc. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 112)

Outras designações:**Nota:**1.7 **real time**, s.m.

Em tempo real, ao vivo. A transmissão (broadcasting) simultânea ao acontecimento. (Curado, 2002, p. 188)

Outras designações: real-time**Nota:**

real-time, s.m. Ver **real time**

10.18 **redação**, s.f.

O local onde trabalham os jornalistas de um determinado telejornal. (Paternostro, 1999, p. 148)

Uma das grandes vantagens da chegada da informática às redações é o acesso rápido às fontes de informação, tais como agências de notícias nacionais e internacionais. Outra vantagem é a velocidade com que várias pessoas da redação podem, ao mesmo tempo, desde que estejam conectadas, receber novas e atualizadas informações a todo instante. (Paternostro, 1999, p. 116)

Outras designações:

Nota:

9.11 registro, s.m.

Termo referente ao alinhamento de câmeras. Registrar uma câmera é fazer com que os feixes das três cores primárias fiquem coincidentes. Não se aplica às câmeras CCD. (Roiter e Tresse, 1995, p. 102)

Outras designações:**Nota:**

14.2 relatório de reportagem, s.m.

Texto do repórter com todas as informações obtidas sobre o acontecimento. Identifica também os entrevistados e resume as imagens gravadas. Deve ser feito todos os dias e entregue à chefia de reportagem. (Paternostro, 1999, p.149)

Outras designações:**Nota:**

14. reportagem, s.f.

Termo genérico utilizado para designar as produções jornalísticas ou a própria equipe de profissionais. Como produto jornalístico, na televisão, significa a matéria jornalística formada por cabeça, off, boletim, sonoras (entrevistas) e pé. Setor da redação incumbido de apurar e redigir notícias e reportagens. Gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos. (Mello, 2003, p. 201)

Há uma tendência segundo a qual uma informação que apareça errada numa primeira reportagem sobre determinado assunto passa a estabelecer um ciclo de repetições daquele equívoco original. A seqüência de erros é difícil de ser interrompida nessa cadeia viciosa em que todos se copiam. (Curado, 2002, p. 21)

Outras designações:**Nota:**

14.3 repórter, s.m.

Jornalista que apura e redige informações. Em telejornalismo, ele faz parte da equipe de reportagem ao lado do repórter cinematográfico e dos técnicos que operam a UPJ - Unidade Portátil de Jornalismo. (Paternostro, 1999, p.149)

Quem pretende escrever em uma lauda (ou script) de telejornal tem que se preocupar, de imediato, com o fato de que o seu texto vai ser lido em voz alta por alguém (repórter ou apresentador, não importa). Lido em voz alta e captado (ouvido), de uma só vez, pelo telespectador. (Paternostro, 1999, p. 66)

Outras designações:

Nota:

14.4 repórter cinematográfico, s.m.

O cinegrafista (camera man) que no trabalho com a equipe de reportagem busca as informações através da imagem. (Paternostro, 1999, p. 149)

Quando a equipe de reportagem realiza a cobertura de um crime é possível que surjam testemunhas dispostas a falar sobre o que viram. Quando ainda sob o impacto da emoção, momentos depois do crime, vulneráveis, algumas pessoas se apresentam diante da câmera para contar o acontecido. O repórter cinematográfico nunca deve filmar esse indivíduo de maneira a que possa ser reconhecido. Um detalhe físico, a roupa, todos esses elementos contribuem para que seja identificado. (Curado, 2002, p.162)

Outras designações:

Nota: O termo 3. câmera também é hiperônimo de repórter cinematográfico.

retardo, s.m. Ver **delay**

14.11.1.1 reunião de pauta, s.f.

O pauteiro e editores discutem e selecionam os temas das reportagens do dia seguinte. É o ponto de partida para o planejamento do telejornal. (Paternostro, 1999, p.149)

O apurador junta as suas sugestões num texto curto e objetivo e o entrega à chefia de reportagem. O assunto vai ser discutido na reunião de pauta com os editores. É importante que o apurador escreva suas sugestões de matérias e as novas informações nas quais elas se sustentam. (Curado, 2002, p. 39-40)

Outras designações:

Nota:

14.15.7 rodar o VT, v.t.

Colocar no ar o videotape, onde está editada a matéria. (Paternostro, 1999, p.149)

Outras designações:

Nota:**10.5.1.1 rolar créditos, v.t.**

Inserção, ao final de um programa, dos nomes dos profissionais que o realizaram. Vários tipos de diagramação na tela são permitidos, desde que acompanhem o estilo do programa. Em telejornais, normalmente é usado em formato roll. (Paternostro, 1999, p. 149)

Outras designações:**Nota:****5.6.1 roteiro da edição, s.m.**

Planejamento do material bruto gravado pela equipe de reportagem. Normalmente feito pelo editor de texto depois de ter assistido a toda a fita gravada. O plano de edição é feito para dar uma ordem às imagens e aos sons da reportagem. (Paternostro, 1999, p. 149)

Outras designações:**Nota:****2.6 ruídos, s.m.**

Irregularidades nos sinais de áudio ou de vídeo que podem prejudicar uma reportagem. Há equipamentos que detectam e eliminam o quanto podem os ruídos de uma gravação. Nos sistema digital, esses ruídos não existem. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 150)

Pouco ajudam equalizadores, filtros e eliminadores de ruídos na edição, se o áudio foi captado de maneira errada. Imagens e sons combinam perfeitamente, desde que estejam na dosagem correta. A atenção com qualidade do som deve ser a mesma dada à imagem. (Curado, 2002, p.111)

Outras designações:**Nota:**

S

10.19 script, s.m.

A lauda no telejornalismo. Possui características especiais e espaços que devem ser obedecidos na operação de telejornal. Em emissoras informatizadas, o mesmo formato de script foi criado nos terminais para serem escritos textos e matérias. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 197)

Antes do advento da informática uma ou várias pessoas tinham a incumbência de somar os tempos das matérias - dos vts -, dos videotipes, dos textos (num script tradicional contam-se em média três segundos para cada linha de texto). Para adequar o tempo de matéria ao tempo do jornal. Hoje, a soma é feita pelo próprio sistema informatizado. (Curado, 2002, p. 56-57)

Outras designações: lauda

Nota:

5.8.1 **selo**, s.m.

Efeito visual, feito por meio de chroma-key, para ilustrar o assunto da reportagem. (Curado, 2002, p. 189)

Quando temos um texto jornalístico que, por alguma razão, não possui imagens correspondentes, devemos buscar uma forma de visualizar a informação: podemos lançar mão de recursos gráficos que, ao acompanhar tal texto, vão facilitar a compreensão. São os recursos visuais produzidos a partir de informações, tais como mapas, selos, desenhos, gráficos, quadros parados, legendas, fotos, animação, simulação, reconstituição etc. (Paternostro, 1999, p. 75-76)

Outras designações:

Nota:

12.20 **slow motion**, s.m.

Exibição de determinada cena com movimento mais lento do que o normal. Utilizada em geral para possibilitar a visão de determinado detalhe da imagem gravada. (Mello, 2003, p. 325)

Outras designações:

Nota:

10.19.1 **sobe som do VT**

Marcação técnica no *script* que indica ao sonoplasta o momento de colocar no ar o som da edição em VT (e não o som do apresentador). (Paternostro, 1999, p. 150)

Outras designações:

Nota: Este termo consiste em uma unidade lexicográfica, por este motivo não definimos sua categoria gramatical.

2.1 som ambiente, s.m.

Som característico do local onde está sendo realizada uma reportagem. (Paternostro, 1999, p. 150)

O som ambiente ajuda a reproduzir a circunstância da filmagem. A sonoplastia de arquivo deve ser usada só excepcionalmente e com extremo cuidado, para não falsear a verdade do registro jornalístico. São admitidas numa edição se por um problema no equipamento não houve a captação do BG. (Curado, 2002, p. 111)

Outras designações: áudio ambiente, background, BG

Nota:

6.2 sonora, s.f.

Termo que se usa para designar uma fala da entrevista. Exemplo: cortar uma sonora (escolher uma determinada fala). (Paternostro, 1999, p. 151)

O repórter não deve esquecer que a notícia está contida tanto no seu testemunho dos fatos, nas sonoras, como nas imagens gravadas. Em suma, imagem também passa informação. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 70)

Outras designações:

Nota:

14.14 stand by, s.m.

Reportagem de reserva para o caso de, por exemplo, a reportagem ao vivo estar com problemas técnicos. (Paternostro, 1999, p.151)

Em transmissões ao vivo de eventos públicos, sujeitas a imprevistos de toda a ordem, inclusive meteorológicos, deixa-se à mão material stand by. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 93)

Outras designações:

Notas:

- *stand by* possui outra definição em Squirra (1990, p.170-171). Para ele, é um “sinal de atenção, no sentido técnico. No telejornal, é a produção de reportagem objetiva só com a presença do repórter, que apresenta a última versão sobre determinado assunto”.
- O termo 8. *gravação* também é hiperônimo de *stand by*.

stand up, s.m. Ver **boletim**

stand-up, s.m. Ver **boletim**

9.12 **suíte**, s.f.

Consiste na continuação da cobertura de um fato já noticiado. (Mello, 2003, p. 216)

Outras designações:

Nota: Estas coberturas de desdobramentos dos fatos podem ser, por exemplo: o enterro de uma vítima, um inquérito policial etc.

10.20 **switcher**, s.m.

Sala de controle onde ficam o diretor de TV, o sonoplasta e o editor-chefe do telejornal no momento em que está no ar. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 197)

Outras designações:

Nota: Era designado como *switch* por Squirra (1990, p. 171).

T

4.2.6 **take**, s.m.

Designa um quadro da imagem. Mudar um *take* significa substituir uma imagem por outra. (Paternostro, 1999, p. 151)

Algumas dicas para facilitar a edição: O primeiro passo – conhecer o material bruto que se tem. Decupar as fitas gravadas na rua, take a take, detalhadamente, percebendo, sentindo as sonoras, as imagens, as passagens, o OFF do repórter, tudo que foi captado para aquela reportagem. Não deixe passar nenhum detalhe, pode fazer falta mais tarde. (Paternostro, 1999, p. 128-129)

Outras designações: tomada

Nota:

10.1.2.1 **teaser**, s.m.

Pequena chamada gravada pelo repórter sobre uma notícia, para ser colocada na escalada do telejornal. Serve para atrair a atenção do telespectador. O teaser também pode ser só de imagem. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 198)

Outras designações:

Nota:

10.19.2 **teleprompter**, s.m.

Aparelho que permite a reprodução do script sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador. Ele não precisa decorar o texto ou baixar os olhos para ler no papel, e, portanto, olha diretamente para o telespectador. (Paternostro, 1999, p. 151)

Outras designações: TP, teleprompter

Nota:

teleprompter, s.m. Ver **teleprompter**

12.21 **teto**, s.m.

No enquadramento de pessoas é o espaço livre que fica acima da cabeça. Espaço que fica entre o alto da cabeça da pessoa que está sendo enquadrada e a linha. (Mello, 2003, p. 225)

Outras designações:

Nota:

13. **texto**, s.m.

O corpo de qualquer material escrito. (adaptada de Mello, 2003, p. 225)

Vamos partir então do princípio de que essa é uma diferença básica entre o texto do jornal impresso e o texto do telejornal. O jornalista é o mesmo, a lauda é semelhante, a intenção de passar a notícia é igual. O que é diferente: a forma de transmitir a informação. (Paternostro, 1999, p. 66)

Outras designações:

Nota:

13.8 **texto em off**, s.m.

É o texto gravado (pelo repórter ou apresentador) para ser editado junto com as imagens da reportagem. Quando o repórter escreve o off, ele tem que se preocupar com as informações obtidas, as aberturas, as passagens ou o encerramento gravados no local, as entrevistas e as imagens produzidas pelo cinegrafista. (Paternostro, 1999, p.151-152)

Não repita na sonora a informação do texto em off ou ao vivo. Desconfie das sonoras que você tem que ouvir três ou quatro vezes para entender o que o entrevistado quis dizer. Lembre-se de que o telespectador só tem uma oportunidade, por isso é necessário que a sonora seja clara. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 105)

Outras designações: off

Nota: O termo *5. edição* também é hiperônimo de *texto em off*.

3.10 **tilt**, s.m.

Giro da câmera para cima e para baixo (eixo vertical). (Barbeiro e Lima, 2002, p. 198)

Outras designações: pan vertical

Nota:

time code, s.m. Ver **cue out**

time code in, s.m. Ver **cue in**

tomada, s.f. Ver **take**

12.22 **tomada de dois**, s.f.

Duas pessoas no enquadramento. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 198)

Outras designações:

Nota:

TP, s.m. Ver **telepromper**

1.6 **transmissão ao vivo**, s.f.

Transmissão de um fato ou evento no momento exato em que ele acontece, utilizando os equipamentos como ENG, SNG. (Paternostro, 1999, p. 152)

O recurso da transmissão ao vivo desenha uma aura de urgência na cobertura jornalística. Geralmente, a intenção é verdadeiramente esta: a atualização constante sobre o desenrolar de um acontecimento. O vivo também enfatiza o compromisso do jornalismo com a atualidade. (Curado, 2002, p. 97)

Outras designações:

Nota:

3.11 travelling, s.m.

Movimento de câmera para acompanhar uma cena, um objeto ou uma pessoa em andamento. (Paternostro, 1999, p. 152)

O repórter pode optar por decorar o texto da passagem ou do stand-up, mas se não estiver tudo na ponta da língua corre o risco de passar para o público a sensação de falsidade. Há a técnica de dizer uma ou duas frases para a câmera ela (sic) iniciar um travelling, momento em que o repórter pega um papel e lê as outras informações do texto. O ideal é memorizar as idéias principais do fato e discorrer sobre elas de improviso, o que também requer muito treino. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 69)

Outras designações:

Nota:

3.5.1.1 tripé, s.m.

Aparelho que se usa para fixar a câmera em um ponto predeterminado. A imagem a ser gravada terá maior estabilidade. O tripé é muito usado quando a reportagem é feita em exposição de quadros, por exemplo. (Paternostro, 1999, p. 152)

IV - Unidade móvel geradora: a) Número de câmeras/tipo. b) VTs/tipo. c) Mesa de corte. d) Caixa de sapato (...). e) Microondas / tipo / frequência. f) Gerador / tipo. g) Entrada de AC. h) Sistema de rádio / tipo. i) Matriz de preview. j) Matriz de VCR. k) Receptor de TV. l) Transcoder () NTSC PALM (). m) Watchman. n) Mesa de áudio / tipo - canais. o) Tripé. p) Cabo de câmera / tipo / metragem. q) Kit veicular de telefone celular. (Curado, 2002, p.79)

Outras designações:

Nota:

U

UM, s.f. Ver **unidade móvel**

UMJ, s.f. Ver **unidade móvel de jornalismo**

unidade de produção, s.f. Ver **unidade portátil de jornalismo**

unidade externa de jornalismo, s.f. Ver **unidade móvel de jornalismo**

1.1 **unidade móvel**, s.f.

Viatura equipada com todas as facilidades para fazer gravações externas. (Curado, 2002, p. 189)

III – Equipamentos: a) Tipo e número de câmeras. b) Qual a distribuição de câmeras por uso (jornalismo/produção etc.). c) Faz coberturas ao vivo? Como coordena? d) Arte - especificar o equipamento. e) Tem gerador de caracteres? De que tipo? f) Tem Unidade Móvel? g) Equipes de externa. (Curado, 2002, p. 78)

Outras designações: UM

Nota:

1.2 **unidade móvel de jornalismo**, s.f.

Viatura do género furgão, ônibus ou microônibus onde é montada uma espécie de miniestação de TV. Tem antena de microondas para enviar à emissora, ao vivo, imagens captadas pelas câmaras. (Squirra, 1990, p. 172)

A cobertura daqueles horários com produção suficiente diariamente é uma maratona. Os recursos mínimos necessários seriam: 1 UMJ - Unidade Móvel de Jornalismo completa - com escala de trabalho de dois turnos (12 horas) - uma pela manhã e outra à tarde - remanejável para eventos. (Curado, 2002, p. 137)

Outras designações: unidade externa de jornalismo; UMJ.

Nota: Squirra (1990) utiliza também nesta definição o termo *câmara*.

1.3 **unidade portátil de jornalismo**, s.f.

É o equipamento de *video-tape* completo – câmera, gravadora, iluminação e antena parabólica – usado para reportagens externas no dia-a-dia do telejornalismo. Normalmente usada para transmissões por *link* e entradas ao vivo dos repórteres nos telejornais. (Paternostro, 1999, p. 152)

A reportagem é uma maneira de contar uma história que pede vários recursos técnicos. As informações codificadas em imagens e em áudio são obtidas pelo Eletronic News Gathering - ENG, ou a captação eletrônica da notícia. O ENG identifica o equipamento Unidade Móvel de Jornalismo - UPJ e o sistema de videotape (vt), fitas gravadas que podem ser transmitidas ao vivo ou editadas quase simultaneamente à sua gravação... (Curado, 2002, p. 95)

Outras designações: UPJ; unidade de produção; UPP.

Nota:

1.4 **up link**, s.m.

Equipamento usado para acessar diretamente o satélite e emitir sinais de imagem e áudio. (Paternostro, 1999, p. 152)

Outras designações:

Nota:

UPJ, s.f. Ver **unidade portátil de jornalismo**

UPP, s.f. Ver **unidade portátil de jornalismo**

V

varredura, s.f. Ver **wipe**

video-tape, s.m. Ver **videotape**

12.23 **videofone**, s.m.

São telefones com câmeras internas que podem transmitir imagens de vídeo. A empresa japonesa Kyocera fez o primeiro videofone móvel - o VisualPhone VP-210. Ele é do mesmo tamanho de um telefone celular. Transmite e capta imagens em tempo real e dois frames por segundo. A VP-210 também envia e recebe mensagens de correio eletrônico. (Curado, 2002, p. 190)

Outras designações:**Nota:**

videografismo, s.m. Ver **videographics**

12.24 **videographics**, s.m.

Equipamento de produção de vídeo, que utiliza computadores. (Roiter e Tresse, 1995, p. 123)

Outras designações: videografismo

Nota:8.5 **videotape**, s.m.

Equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera. Acoplados, um ou mais videotapes são usados para edição de matérias nas ilhas de edição. (Paternostro, 1999, p. 153)

A edição de uma matéria é trabalho de dois profissionais. O editor de texto e o editor de VT (ou de imagem). Juntos, eles discutem e planejam a edição da matéria na ilha de edição, onde utilizam um equipamento básico formado por dois videotapes ligados a dois monitores (player e recorder) unidos por um editor eletrônico que faz a "colagem" dos sons e imagens da forma que se deseja. (Paternostro, 1999, p. 129-130)

Outras designações: VT, video-tape, videoteipe

Nota:

videoteipe, s.m. Ver **videotape**

3.1 **viewfinder**, s.m.

Monitor de vídeo acoplado à câmera que permite ao operador acompanhar o sinal de vídeo que está sendo captado naquele momento. (Paternostro, 1999, p. 153)

Outras designações:

Nota:10.3.1 **vinheta**, s.f.

Marca a abertura ou intervalo do telejornal. Normalmente é composta de imagem e música característica, trabalhadas com efeitos especiais. Em eventos especiais, é criada uma vinheta específica para o assunto. Ex: Carnaval, visita do Papa ao Brasil etc. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 153)

Outras designações:

Nota: O termo *10.1.1 abertura de programa* também é hiperônimo de *vinheta*.

8.6 **VT**, s.m.

Designa a fita onde está editada a matéria. (Paternostro, 1999, p. 153) Ver **videotape**

A presença do repórter na matéria deve ser variada. Evitar aberturas de matéria a não ser em casos excepcionais. Na rotina, o repórter deve aparecer na passagem quando tem uma informação a acrescentar, e é preciso cuidado para não ser um momento forçado da matéria. Nem sempre a presença do repórter precisa estar no meio do VT pode ser no encerramento. (Paternostro, 1999, p. 130)

Outras designações: videotape, video-tape, videoteipe

Nota:

W

white balance, s.m. Ver **bater o branco**

12.18 **wipe**, s.m.

Efeito obtido quando uma imagem vai sendo gradualmente retirada da tela (ou varrida) ao mesmo tempo que outra vai aparecendo, em movimento que lembra a abertura de uma cortina. Pode ser horizontal ou vertical. (Paternostro, 1999, p. 153)

Outras designações: lapada, varredura

Nota:

Z

3.8 **zoom** s.m.

Consiste no movimento de uma câmara. (Paternostro, 1999, p. 153)

Outras designações:

Nota:

3.8.1 **zoom in**, s.m.

Movimento de aproximação de uma imagem. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 199)

Outras designações:

Nota: Em Squirra (1990), este conceito era designado pelo termo "fechar".

3.8.2 **zoom out**, s.m.

Movimento de distanciamento de uma imagem. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 199)

Outras designações:

Nota:

5. ANÁLISE DOS DADOS

Nosso dicionário inicia-se com uma lista de abreviaturas que foram utilizadas dentro dos verbetes, em seguida está o sistema conceptual. A estruturação deste sistema segue a proposta de Babini (2001, p. 95-98). Após o sistema conceptual, iniciam-se os termos da obra. Analisaremos, então, a seguir, como se dá a macro e microestrutura do dicionário; também trataremos, neste capítulo, dos casos de quase-sinônimos, variantes e estrangeirismos.

5.1 A macroestrutura

O primeiro item a analisarmos em nosso dicionário é a *lista de entradas* que se encontra em *ordem alfabética contínua*, como já foi tratado no capítulo 2.3.2.

Esta *lista de entradas*, a qual visualizamos verticalmente, possui para cada *termo* um *verbo*, que, de acordo com Ferreira (1986, p. 1764), significa “(...) 3. Na organização dum dicionário, glossário, ou enciclopédia, o conjunto das acepções e exemplos respeitantes a um vocábulo”. Para Barros (2004, p. 152):

Os *verbetes* reúnem dados relativos à unidade lexical ou terminológica descrita e compõem-se de pelo menos dois elementos: *entrada* e o *enunciado*

lexicográfico/terminográfico, ou seja, respectivamente unidade lexical ou terminológica que encabeça um verbete e as informações fornecidas sobre ela.

Compõem também a macroestrutura do dicionário o *sistema de remissivas*, elemento importante dentro da obra, uma vez que forma uma “teia” semântica entre os termos. Esse sistema, que também pode ser chamado de *rede de remissivas* ou de *referências cruzadas*, citando as palavras de Barros (2004, p. 174):

... procura resgatar as relações semântico-conceptuais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Sua função é corrigir o isolamento das mensagens, ligando variantes, criando campos semânticos. (BARROS, 2004, p. 174)

Os termos que fazem parte desse sistema de remissivas figuram entre as entradas, no interior da obra, porém não apresentam definições, uma vez que servem para “encaminhar” o leitor que consulta a obra a um outro termo, sendo que este, sim, apresentará sua definição. Dentro de nosso repertório, temos um total de 48 termos remissivos. Sendo que o dicionário é composto por um número de 253 termos, os 48 remissivos resultam em um percentual de 19%.

Utilizamos a remissiva *Ver* para conduzir o leitor até um outro verbete.

Abaixo, apresentamos três exemplos:

áudio ambiente , s.m. Ver som ambiente
decupar a fita , v.t. Ver decupagem
lead , s.m. Ver cabeça da matéria

No caso de o leitor estar pesquisando o termo *áudio ambiente*, ele encontrará a remissiva “Ver **som ambiente**”. Desta forma, ele se guiará ao termo *som ambiente*, que é seu sinônimo, e encontrará:

2.1 som ambiente, s.m.

Som característico do local onde está sendo realizada uma reportagem. (Paternostro, 1999, p. 150)

O som ambiente ajuda a reproduzir a circunstância da filmagem. A sonoplastia de arquivo deve ser usada só excepcionalmente e com extremo cuidado, para não falsear a verdade do registro jornalístico. São admitidas numa edição se por um problema no equipamento não houve a captação do BG. (Curado, 2002, p. 111)

Outras designações: áudio ambiente, background, BG

Nota:

O sistema de remissivas em nosso dicionário foi usado nos casos de sinônimos, de variantes ortográficas, de variantes em inglês, de siglas e de formas privilegiadas, sobre os quais discutiremos posteriormente.

5.2 A microestrutura

A microestrutura do dicionário consiste na “organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete” (BARROS, 2004, p. 156). Segundo Rey-Debove (1971, p. 155), existe o *verboete mínimo*, que consta de uma entrada, de sua categoria gramatical e de uma definição. Nosso dicionário contém, no entanto, outras informações além dessas, que são: o número de classificação e o contexto.

O *verboete* de nosso repertório é formado do seguinte modo:

- número de classificação (extraído do sistema conceptual)
- entrada
- categoria gramatical

- gênero do termo
- definição
- fonte da definição
- contexto de uso
- fonte do contexto
- outras designações
- notas.

E também há o *verbetes* do sistema de remissivas, o qual é constituído por:

- entrada
- categoria gramatical
- termo remissivo.

Abaixo seguem dois exemplos de *verbetes* completos que compõem nosso dicionário:

12.7 **drop-out**, s.m.

Defeito causado por oxidação da fita magnética (tape) que faz com que a imagem na tela apresente listras na direção horizontal. Imagens com drop-out são condenadas e impedidas de ir ao ar pelo departamento técnico das emissoras. (Paternostro, 1999, p. 141)

O coordenador de rede deve estabelecer horários determinados para receber o conjunto das gerações das praças. Pode ser mais de uma vez por dia. Deve estar na técnica onde é gravado o material e fiscalizar a qualidade do áudio e da imagem, ficando atento para as fitas amassadas, drop outs, ruídos estranhos ou qualquer outra irregularidade. (Barbeiro e Lima, 1999, p. 65-66)

Outras designações: dropout, DO

Nota:

14.7 **deixa**, s.f.

Palavras finais da reportagem. A deixa indica ao diretor de tevê (e ao apresentador) o momento de cortar para a reportagem seguinte. Uma marcação de deixa errada (deixa falsa) pode prejudicar a operação do telejornal. Ela deve estar escrita com a maior clareza possível. (Paternostro, 1999, p.141)

Muitas vezes, somente a deixa do texto não é suficiente. É preciso detalhar quem fala aquela deixa (o repórter, o entrevistado, o sobe som...). Se for uma deixa de imagem, deve estar bem explicada porque todos estarão acompanhando o aparecimento daquela imagem para o corte da matéria. A deixa não pode causar confusão. (Paternostro, 1999, p.131)

Outras designações:

Nota:

5.2.1 O símbolo de classificação e o campo conceptual

O *símbolo de classificação* remete ao *sistema de conceitos* de nosso trabalho, o qual é organizado conforme as relações semânticas que os termos mantêm entre si, seguindo uma *relação genérica*. Esta, de acordo com a ISO 1087 (1990, p.3), é compreendida como “uma relação hierárquica fundada na identidade parcial da compreensão das noções consideradas, sendo elas genéricas, específicas ou coordenadas”.

Segundo Barros (2004, p. 117), “em semântica, o conceito mais genérico corresponde ao *hiperônimo*, enquanto os mais específicos são chamados *hipônimos*, os quais, quando pertencem ao mesmo nível de abstração dentro de um sistema estruturado, mantêm entre si uma relação co-hiponímica (...)” (grifo nosso). Abaixo, apresentamos um exemplo de um campo conceptual de nosso trabalho:

8. gravação

8.1 estúdio

8.1.1 aquário

8.2 externa

8.3 cabine de locução

8.4 povo fala

8.5 videotape/VT/video-tape/videoteipe

8.6 VT

Neste caso, temos o termo 8. *gravação* como hiperônimo em relação aos outros termos do campo. Ele designa um conceito mais geral, relacionado a gravações, sejam elas em estúdio ou nas ruas. *Gravação* possui sete termos que são seus hipônimos (8.1, 8.1.1, 8.2, 8.3, 8.4, 8.5 e 8.6 – os quais são co-hipônimos, pois estão na mesma classe). O termo 8.1 *estúdio* é hiperônimo de 8.1.1 *aquário*, uma vez que este designa um tipo de *estúdio* envidraçado e é hipônimo daquele.

Em nosso dicionário, os símbolos de classificação não estão em sequência numérica, pois as entradas constam em ordem alfabética, fazendo com que os números fiquem desordenados.

Alguns termos fazem parte de mais de um campo conceptual, pois estabelecem relação de sentido com mais de um hiperônimo. Quando isso ocorre, nós optamos por classificá-los dentro do campo que julgamos o de mais representação para o termo. Não deixamos, porém, de explicitar dentro dos verbetes que determinado termo também faz parte de um outro campo. É o caso dos termos abaixo:

- 11.5 **audiência**: Tem como hiperônimo o termo 11. *emissora*, uma vez que designa o público que assiste a uma determinada programação da *emissora*, mas também está relacionado ao termo 10. *programa*, o qual necessita da *audiência* para estar e permanecer na programação.
- 12.3 **close**: Seu hiperônimo é 12. *imagem*, pois designa uma das formas de enquadrar as imagens, e também se relaciona com 3.5.1 *plano*, uma vez que *close* é um tipo de *plano*.
- 12.3.4 **meio close**: Tem como hiperônimo o termo 12.3 porque designa um tipo de

close, porém também se relaciona com os termos 3.5.1 *plano* e 4.2 *cena*, já que *meio-close* é um *plano* de imagem e também uma angulação que se dá a uma *cena*.

- 10.7.1 **mesa de corte:** Este termo tem como hiperônimo o termo 10.7 *diretor de TV*, pois é este que trabalha na *mesa de corte*, mas é também hipônimo de 5.14 *efeito especial*, pois é na *mesa de corte* que são produzidos os *efeitos especiais*.
- 7.1 **nota ao vivo:** 7. *nota* é o hiperônimo, pois 7.1 é um tipo de *nota*, mas o termo 1. *ao vivo* pode ser também hiperônimo, uma vez que o 7.1 é lido *ao vivo*.
- 7.2 **nota coberta:** Este termo também tem como hiperônimo 7. *nota*, pois designa um tipo de *nota*, e também o termo 7.1 *nota ao vivo*, pois este tipo de nota pode ser uma *nota ao vivo*.
- 12.3.3 **plano geral:** O hiperônimo deste termo é 12.3 *close*, visto que é um tipo de *close*, mas 3.5.1 *plano* também pode ser seu hiperônimo, pois é também um tipo de *plano*.
- 12.3.1 **plano médio:** Este termo tem como hiperônimo o termo 12.3 *close*, pois este *plano* é um tipo de *close*, mas também é seu hiperônimo o termo 3.5.1 *plano*, uma vez que também é um dos *planos*.
- 14.4 **repórter cinematográfico:** O hiperônimo deste é 14. *reportagem*, já que designa um elemento essencial na *reportagem*, mas ele também é hipônimo de 3. *câmera*, visto que este profissional faz uso da *câmera* em suas atividades.
- 14.14 **stand by:** Sendo este termo uma *reportagem reserva*, é hipônimo de 14., mas também pode ser de 8. *gravação*, por ser uma *reportagem gravada*.

- 13.8 **texto em off**: Este termo tem como hiperônimo o 13. *texto*, já que é uma modalidade de *texto*, porém também pode ser seu hiperônimo o termo 5. *edição*, pois é um *texto* a ser editado juntamente com imagens.
- 10.3.1 **vinheta**: Seu hiperônimo é 10.3 *intervalo*, porque a *vinheta* pode ser exibida no *intervalo*, mas 10.1.1 *abertura de programa* também pode ser seu hiperônimo, pois o termo descrito igualmente pode ser apresentado na *abertura*.

5.2.2 A entrada

Para Barros (2004, p. 158), a *entrada* “é a síntese morfossintática e léxico-semântica das ocorrências, (...) é a estrutura escolhida segundo as convenções lexicográficas e terminográficas para representar uma palavra”. Ainda segundo a autora, a *entrada* é também chamada em Terminologia de *vedeta*, termo-vedeta ou termo-vedete. É grafada em negrito e vem separada do restante do verbete. O *termo* da entrada deve vir iniciado por letra minúscula e não por maiúscula.

Quando a categoria gramatical do termo for um verbo, este deverá vir em sua forma não conjugada, ou seja, no infinitivo impessoal; quando for um substantivo ou um adjetivo, deverá vir na forma masculina, a não ser que o feminino seja a forma que contenha os traços semânticos pertinentes (2004, p. 158).

Segundo Barros (*idem, ibidem*), “os termos complexos devem conservar sua ordem sintagmática normal, ou seja, a ordem na qual foram encontrados nos discursos enunciados no momento da recolha dos termos”.

Em nosso repertório, apresentamos as entradas em negrito e com letra minúscula, salvo nos casos das siglas, as quais foram encontradas no *corpus* de nossa

pesquisa escritas com letras maiúsculas, que somam 14 termos: *BG, DO, ENG, GC, PG, PP, PPP, TP, UM, UMJ, UPJ, UPP, TP e VT*.

5.2.3 Categoria gramatical

A categoria gramatical do termo também é um elemento importante que consta no dicionário, pois ajuda na compreensão do conceito. Em nosso repertório, existem três tipos de categorias diferentes. São elas: *substantivo (masculino e feminino)*, *adjetivo e verbo transitivo*, sendo, em sua maioria, substantivos. As categorias vêm separadas das entradas por vírgula. Seguem alguns exemplos:

14.5 chefe de reportagem, s.m.
9.1 checar, v.t.
14.6 dados, s.m
12.14 fusão, s.f.

5.2.4 A definição

Uma *definição* “consiste em uma paráfrase sinonímica que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades lingüísticas; é um conjunto de informações que são dadas sobre a entrada” (BARROS, 2002, p. 159).

As definições contidas em nosso dicionário não foram criadas por nós, e, sim, retiradas do *corpus* de nossa pesquisa. Como encontramos as definições em mais de uma

obra do *corpus*, escolhemos aquela que a nosso ver era a mais completa e clara para compor um enunciado definitório, seguramente citando sempre a fonte.

Em alguns casos, as definições foram escritas assim como estavam nas obras, como é o caso a seguir:

bater o branco: É a checagem do equilíbrio da câmera feita em uma parede branca ou papel branco a cada mudança de iluminação da cena para que sejam corrigidas possíveis distorções. Este recurso é usado na preparação da gravação de uma reportagem ou entrevista em VT. (Paternostro, 1999, p. 137)

Outras vezes, adaptamos as definições, fazendo algumas alterações em seu texto, focalizando, na definição, somente o domínio do telejornalismo. É o que ocorre abaixo:

ruídos: Irregularidades nos sinais de áudio ou de vídeo que podem prejudicar uma reportagem. Há equipamentos que detectam e eliminam o quanto podem os ruídos de uma gravação. No sistema digital, esses ruídos não existem. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 150)

5.2.5 O contexto de uso

Como já tratamos no item 2.2.2.4, o *contexto* do dicionário consiste em um trecho de uma obra da qual o termo foi extraído em que este esteja em uma situação de uso. A extensão do contexto varia conforme sua compreensão, alguns contextos são mais longos, outros mais sucintos. Eles foram extraídos do *corpus* da pesquisa e para sua escolha também elegemos aquele mais claro, objetivo e pertinente a um dicionário. Como retiramos de outras obras, citamos, sempre no final, o autor correspondente.

Apresentamos, abaixo, dois exemplos:

10.5.1 **crédito**, s.m.

Elas vão lentamente passando de baixo para cima, de modo que as linhas já lidas desaparecem e entram as novas. Esse mecanismo se parece, por exemplo, com o que vemos na apresentação dos créditos finais em um filme. A posição do teleprompter pouco acima da lente da câmera não exige que o leitor movimente os olhos durante a leitura. (Curado, 2002, p.55-56)

14.17 **correspondente**, s.m.

O âncora/apresentador deve citar programas anteriores, referindo-se a reportagens, participações de comentaristas, correspondentes e repórteres. Isso familiariza o telespectador com toda a equipe e a programação. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 79-80)

5.2.6 Outras designações

O elemento *outras designações* contém termos que possuem os mesmos conceitos, termos quase-sinônimos. Especificar esses termos dentro do verbete é de fundamental importância, pois facilita muito o trabalho no momento de produzir o índice de remissivas na macroestrutura do dicionário. Como exemplos, temos os termos *meio-close* e *take*, pois possuem quase-sinônimos. Estas outras designações fazem parte do índice de remissivas do dicionário.

12.3.4 **meio close**, s.m.

Tomada de cena confortável, que corta logo abaixo dos ombros. Enquadramento padrão para as entrevistas de TV. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 196)

Outras designações: meio primeiro plano; MPP

4.2.6 **take**, s.m.

Designa um quadro da imagem. Mudar um take significa substituir aquela imagem por outra. (Paternostro, 1999, p. 151)

Algumas dicas para facilitar a edição: O primeiro passo – conhecer o material bruto que se tem. Decupar as fitas gravadas na rua, take a take, detalhadamente, percebendo, sentindo as sonoras, as imagens, as passagens, o OFF do repórter, tudo que foi captado para aquela reportagem. Não deixe passar nenhum detalhe, pode fazer falta mais tarde. (Paternostro, 1999, p. 128-129)

Outras designações: tomada

Nota:

5.2.7 Nota

O elemento *nota* finaliza o verbete. Neste item, coloca-se, quando necessário, alguma observação pertinente sobre o termo. Algumas vezes nossas notas foram preenchidas com informações como formas em que determinado termo era designado em tempos anteriores, outras vezes as notas informam um outro campo conceptual ao qual o termo pertence. São os casos dos seguintes exemplos:

5.7 **editor-chefe**, s.m.

Jornalista responsável por determinado telejornal. Acompanha todas as edições feitas pelos editores de notícias e organiza o telejornal como um todo. (Squirra, 1990, p. 164-165)

A equipe mais feliz é aquela na qual o editor-chefe tem um papel ativo na produção do programa e no aprimoramento jornalístico. O editor-chefe é aquele que arregança as mangas e mergulha na busca das melhores notícias junto com a equipe, não está nunca no pedestal nem assume a postura de supremo algoz, aparecendo apenas quando se trata de cobrar possíveis falhas muitas delas duvidosas. (Barbeiro e Lima, 2002, p.58)

Outras designações:

Nota: editor-responsável era o termo utilizado antes.

12.3 **close**, s.m.

Um dos planos de enquadramento da imagem usados em telejornal. Aproximação do objeto (ou pessoa) que se quer destacar. Outros planos são: plano geral e plano médio. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 139)

Painéis, discos ou cartazes que servem a esta finalidade. Imagine que, dispondo apenas de luz natural, deseja-se fazer um close de uma modelo. Podemos posicioná-la para que o sol incida à sua frente, o que proporciona uma imagem clara, mas sem volume. Se a virarmos com o sol incidindo por trás, teremos volume, mas seu rosto ficará escuro. (Curado, 2002, p.110)

Outras designações: primeiro plano; PP.

Nota: O termo 3.5.1 *plano* também é hiperônimo de *close*.

Porém, poucos termos de nosso repertório contêm alguma *nota*.

5.3 Tratamento dos dados

5.3.1 Quase-sinonímia

Ao falar sobre *sinônimos*, em relação à língua geral, Lapa (1998, p. 18)

afirma que:

Se entendermos por sinônimos as palavras que têm sentido semelhante, parecido, é evidente que existem sinônimos. Agora, se considerarmos, como fazia supor a gramática antiga, que sinônimos são as palavras que têm o mesmo sentido, em breve nos convenceremos de que isso é impossível. Podem uma mesma idéia, um mesmo ato, um mesmo objeto ter nomes diferentes; esses nomes não são, não podem ser exatamente equivalentes, como não são nem podem ser equivalentes as folhas da mesma árvore. (LAPA, 1998, p.18)

Entendemos, então, que duas palavras, em língua geral, não podem ter significados exatamente idênticos, não existem *sinônimos perfeitos*. No âmbito da

Terminologia, “há sinonímia quando um mesmo conceito é designado por significantes diferentes” (BARROS, 2004, p.220).

Mas também, ainda segundo a autora, “esse tipo de relação é, na verdade, muito raro, já que normalmente as unidades lexicais não são permutáveis em todos os contextos, não têm a mesma distribuição, nem os mesmos sentidos cognitivos e afetivos” (*idem*, p.221). Portanto, dois termos não podem ser intercambiáveis em todos os contextos de uso.

Em Terminologia, conforme afirma Boutin-Quesnel (1985, p. 21), dá-se o nome de *quase-sinônimos* a “cada um dos termos de uma dada língua que designam um mesmo conceito, mas que se situam em níveis de língua e em níveis de conceptualização diferentes”. Como é raro dois termos designarem o mesmo conceito em todos os contextos de uso, utiliza-se o termo *quase-sinônimos* para designar aqueles que são sinônimos, mas não em todos os contextos.

Em nosso vocabulário, encontramos diversos *quase-sinônimos* – 65 termos. Tendo em vista que nosso repertório é composto por 255 termos, os *quase-sinônimos* formam um total de 25,5% da nomenclatura. Abaixo, apresentaremos alguns deles:

1.2 unidade móvel de jornalismo, s.f.

Viatura do gênero furgão, ônibus ou microônibus onde é montada uma espécie de miniestação de TV. Tem antena de microondas para enviar à emissora, ao vivo, imagens captadas pelas câmaras. (Squirra, 1990, p. 172)

A cobertura daqueles horários com produção suficiente diariamente é uma maratona. Os recursos mínimos necessários seriam: 1 UMJ - Unidade Móvel de Jornalismo completa - com escala de trabalho de dois turnos (12 horas) - uma pela manhã e outra à tarde - remanejável para eventos. (Curado, 2002, p. 137)

Outras designações: unidade externa de jornalismo; UMJ.

Nota: Squirra (1990) utiliza também nesta definição o termo *câmara*.

1.3 unidade portátil de jornalismo, s.f.

É o equipamento de *video-tape* completo - câmara, gravadora, iluminação e antena parabólica - usado para reportagens externas no dia-a-dia do telejornalismo. Normalmente usada para transmissões por *link* e entradas ao vivo dos repórteres nos telejornais. (Paternostro, 1999, p. 152)

A reportagem é uma maneira de contar uma história que pede vários recursos técnicos. As informações codificadas em imagens e em áudio são obtidas pelo Eletronic News Gathering - ENG, ou a captação eletrônica da notícia. O ENG identifica o equipamento Unidade Móvel de Jornalismo - UPJ e o sistema de videotape (vt), fitas gravadas que podem ser transmitidas ao vivo ou editadas quase simultaneamente à sua gravação... (Curado, 2002, p. 95)

Outras designações: UPJ; unidade de produção; UPP.

Nota:

2.4 mixagem, s.f.

Mistura de vários sons com intensidades diferentes. (adaptada de Barbeiro e Lima, 2002, p. 196)

Avaliação da fita bruta contendo as imagens e entrevistas; indexá-las (cue) separando-as pelo time coder - dígito que identifica o tempo na fita de edição, no caso de edição não-digital. Esse trabalho é feito numa ilha de edição de Jornalismo, normalmente composta por uma máquina player, uma recorder, uma mesa de áudio para mixagem, dois monitores e duas caixas de som, uma para cada videocassete. (Curado, 2002, p. 131)

Outras designações: mixagem de áudio

Nota:

2.1 som ambiente, s.m.

Som característico do local onde está sendo realizada uma reportagem. (Paternostro, 1999, p. 150)

O som ambiente ajuda a reproduzir a circunstância da filmagem. A sonoplastia de arquivo deve ser usada só excepcionalmente e com extremo cuidado, para não falsear a verdade do registro jornalístico. São admitidas numa edição se por um problema no equipamento não houve a captação do BG. (Curado, 2002, p. 111)

Outras designações: áudio ambiente, background, BG

Nota:

Esses termos somam um total de 30 entradas do dicionário com definição, os quase-sinônimos estão presentes na lista de entradas, mas fazem parte do índice de remissivas.

Temos aqui casos em que dois termos em língua portuguesa designam o mesmo conceito. Com exceção dos termos *mixagem* e *decupagem*, todos os outros são termos compostos, tendo de diferenças entre os quase-sinônimos apenas um elemento do termo.

5.12 **decupagem**, s.f.

Ato de assistir à fita inteira gravada na rua pela equipe de reportagem e marcar em quais minutos da fita estão as melhores cenas, entrevistas, passagens do repórter etc. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 194)

Ao final da decupagem, o editor já pode ter noção da matéria que tem. O que sobra, o que falta, o que é para ser destacado, o que pode ser ignorado. Qual a fala que pretende usar, qual a imagem que sugere comparação ou o que deve ser ressaltado no OFF. Como começar, como terminar. (Paternostro, 1999, p. 129)

Outras designações: decupar a fita

Nota:

decupar a fita, v.t. Ver **decupagem**

9.3 **amarrar informações**, v.t.

Ordenação dos dados levantados pela pesquisa, pela chefia de reportagem ou pelo repórter, de forma segura e seqüencial, visando à coerência das informações. (Squirra, 1990, p. 160)

Outras designações: costurar informações

Nota:

costurar informações, v.t. Ver **amarrar informações**

10.7 diretor de TV, s.m.

Profissional que comanda a operação técnica no momento em que o telejornal está no ar. (Paternostro, 1999, p. 141)

Uma imagem de uma câmera ou de uma fita substitui uma outra quando um botão ou uma alavanca vinculados àquela câmera ou fita são acionados. Portanto, a concentração do diretor de TV é essencial para não "cortar" para o ar a imagem errada. Trabalha ao lado do editor-chefe do programa para a eventualidade de alguma alteração na sequência do script. (Curado, 2002, p. 58)

Outras designações: diretor de imagem

Nota:

diretor de imagem, s.m. Ver **diretor de TV**

10.7.1 mesa de corte, s.f.

É a bancada onde o diretor de TV coordena a operação técnica do telejornal e também produz efeitos especiais. (Paternostro, 1999, p. 145)

Outras designações: mesa de controle

Nota: O termo 5.14. *efeito especial* também é hiperônimo de *mesa de corte*.

mesa de controle, s.f. Ver **mesa de corte**

Vários também são os quase-sinônimos entre línguas diferentes: português e inglês. São os casos dos termos a seguir:

10.4 âncora, s.m.

Apresentador do telejornal que interpreta as notícias com base em conhecimento próprio; mediador. O âncora "amarra" o programa. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 136)

O chefe de jornalismo participa do processo de produção das notícias. Discute a pauta, sugere entrevistados, conversa com repórteres e âncoras sobre as matérias que vão para o ar, e está sempre aberto ao diálogo. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 51)

Outras designações: anchorman/anchorwoman

Nota:

anchorman, s.m. Ver âncora

anchorwoman, s.f. Ver âncora

3.3 bater o branco, v.t.

É a checagem do equilíbrio da câmera feita em uma parede branca ou papel branco a cada mudança de iluminação da cena para que sejam corrigidas possíveis distorções. Este recurso é usado na preparação da gravação de uma reportagem ou entrevista em VT. (Paternostro, 1999, p. 137)

A cada mudança de iluminação, é preciso bater o branco. (Curado, 2002, p.111)

Outras designações: white balance

Nota:

white balance, s.m. Ver bater o branco

10.3. intervalo, s.m.

Espaço existente entre dois programas ou blocos de um telejornal. Normalmente é preenchido por comerciais. (Squirra, 1990, p. 167)

O telejornal é dividido em vários blocos ou partes, e entre eles um intervalo comercial ou institucional. Geralmente os blocos coincidem com essa divisão, planejados pelo departamento de programação ou de veiculação de publicidade. Por isso é possível saber com antecedência qual o tempo do telejornal, incluindo o tamanho de cada bloco e intervalo. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 57)

Outras designações: break

Nota:

break, s.m Ver **intervalo**

4.2.6 take, s.m.

Designa um quadro da imagem. Mudar um take significa substituir aquela imagem por outra. (Paternostro, 1999, p. 151)

Algumas dicas para facilitar a edição: O primeiro passo – conhecer o material bruto que se tem. Decupar as fitas gravadas na rua, take a take, detalhadamente, percebendo, sentindo as sonoras, as imagens, as passagens, o OFF do repórter, tudo que foi captado para aquela reportagem. Não deixe passar nenhum detalhe, pode fazer falta mais tarde. (Paternostro, 1999, p. 128-129)

Outras designações: tomada

Nota:

tomada, s.f. Ver **take**

O termo *10.4 âncora*, que em português designa tanto o masculino quanto o feminino, em inglês possui duas formas, uma para o masculino: *anchorman*, e outra para o feminino: *anchorwoman*.

Alguns quase-sinônimos contêm ainda as duas línguas no mesmo termo, como são os casos de:

10.1.2 **manchete**, s.f.

Uma frase de impacto, contém uma informação forte. É usada para identificar o assunto da reportagem. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 145)

A tênue fronteira que separa a prosaica narração do acontecimento e o espetáculo é o compromisso com a verdade. Os acontecimentos nem sempre são tão charmosos e esfuziantes com manchetes inerentes. (Curado, 2002, p. 181)

Outras designações: escalada review, escalada

Nota:

escalada, s.f. Ver **manchete**

escalada review, s.f. Ver **manchete**

12.3.4 **meio close**, s.m.

Tomada de cena confortável, que corta logo abaixo dos ombros. Enquadramento padrão para as entrevistas de TV. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 196)

Outras designações: meio primeiro plano; MPP.

Nota: Os termos 3.5.1 *plano* e 4.2 *cena* também são hiperônimos de *meio close*.

meio primeiro plano, s.m. Ver **meio close**

13.8 texto em off, s.m.

É o texto gravado (pelo repórter ou apresentador) para ser editado junto com as imagens da reportagem. Quando o repórter escreve o off, ele tem que se preocupar com as informações obtidas, as aberturas, as passagens ou o encerramento gravados no local, as entrevistas e as imagens produzidas pelo cinegrafista. (Paternostro, 1999, p.151-152)

Não repita na sonora a informação do texto em off ou ao vivo. Desconfie das sonoras que você tem que ouvir três ou quatro vezes para entender o que o entrevistado quis dizer. Lembre-se de que o telespectador só tem uma oportunidade, por isso é necessário que a sonora seja clara. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 105)

Outras designações: off

Nota: O termo *5. edição* também é hiperônimo de *texto em off*.

off, s.m. Ver **texto em off**

3.10 tilt, s.m.

Giro da câmera para cima e para baixo (eixo vertical). (Barbeiro e Lima, 2002, p. 198)

Outras designações: pan vertical

Nota:

pan vertical, s.m. Ver **tilt**

E, finalmente, existem aqueles quase-sinônimos em que ambos são em língua inglesa. É o que ocorre com:

5.9 cue in, s.m.

Processo que utiliza sinais de marcação para localização dos trechos da fita a serem reproduzidos ou editados. Auxilia os processos de edição, indicando o ponto de início de uma troca de sequência. A marcação é feita no videotape e, modernamente, foi substituída por Time Code In. (Curado, 2002, p. 184)

Outras designações: time code in

Nota:

time code in , s.m. Ver cue in
--

5.10 cue out, s.m. Marcação do ponto de saída para edição ou inserção que começou no cue in. Atualmente, usa-se Time Code. (Curado, 2002, p. 184) Outras designações: time code Nota:
--

time code , s.m. Ver cue out
--

O último caso de quase-sinônimo a ser analisado, neste ponto, é o de *12.1 chromakey/cromaqui*. O termo em português, *cromaqui*, não consta dos dicionários de língua geral. Se analisarmos, por exemplo, o termo *manchete* buscando-o no dicionário Aurélio, constataremos que ele possui três acepções em nível de língua geral:

1. Título principal, em letras garrafais, na primeira página de um jornal: (...) 2.P. ext. Título de notícia, em letras maiores, em jornal ou revista. 3.Vôlei. Fundamento do vôlei em que se busca defender ou passar a bola com as mãos unidas e os polegares voltados para a frente. (FERREIRA, 1986, p. 1075-1076)

Os significados 1 e 2 atribuídos a *manchete* nesse dicionário têm relação com o termo na linguagem telejornalística, mas está referindo-se a jornais ou revistas, ou seja, textos escritos, e, em nosso repertório, o termo refere-se a “telejornais”. O verbete de *manchete* é:

10.1.2 **manchete**, s.f.

Uma frase de impacto, contém uma informação forte. É usada para identificar o assunto da reportagem. (adaptada de Paternostro, 1999, p. 145)

A tênue fronteira que separa a prosaica narração do acontecimento e o espetáculo é o compromisso com a verdade. Os acontecimentos nem sempre são tão charmosos e esfuziantes com manchetes inerentes. (Curado, 2002, p. 181)

Outras designações: escalada review, escalada

Nota:

Concluimos, então, que *manchete* tem seu caráter de termo ativado quando usado no domínio do telejornalismo, mas que também faz parte da língua geral, é uma “palavra” de nossa língua geral. Já o termo *cromaqui*, como não está dicionarizado, não é uma palavra da língua portuguesa. Sua forma “em português” (*cromaqui*) dá-se por ser o modo como pronunciamos *cromakey*, termo em inglês que possui o mesmo significado.

Podemos considerar os termos dispostos nos itens citados acima como *sinônimos*, quando ambos são em língua portuguesa, pois podem ser intercambiáveis nos mesmos contextos. Os termos que possuem uma forma em português e outra em inglês podem ser considerados como *quase-sinônimos*, já que alguns profissionais utilizam esta última como uma forma de maior prestígio, em comparação com a forma vernácula. Trataremos, mais adiante, sobre os *estrangeirismos*.

5.3.2 Variantes

Como afirma Barros (2004, p. 223), existem três tipos de *variantes*: as *ortográficas*, as *lexicais* e as *morfossintáticas*. Ainda segundo a autora, essas variantes podem

ser denominadas como: quase-sinônimos ortográficos, quase-sinônimos lexicais e quase-sinônimos morfossintáticos.

Abaixo, apresentamos as *variantes* encontradas em nosso vocabulário:

- **variantes ortográficas:**

primeiríssimo plano , s.m. Ver close-up

PPP , s.m. Ver close-up

primeiro plano , s.m. Ver close

PP , s.m. Ver close

10.19.2 teleprompter , s.m.

Aparelho que permite a reprodução do <i>script</i> sobre a câmera, facilitando a leitura do apresentador. Ele não precisa decorar o texto ou baixar os olhos para ler no papel, e, portanto, olha diretamente para o telespectador. (Paternostro, 1999, p. 151)
--

Outras designações: TP, teleprompter

Nota:

teleprompter , s.m. Ver teleprompter
--

TP , s.m. Ver teleprompter
--

8.5 videotape, s.m.

Equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera. Acoplados, um ou mais videotapes são usados para edição de matérias nas ilhas de edição. (Paternostro, 1999, p. 153)

A edição de uma matéria é trabalho de dois profissionais. O editor de texto e o editor de VT (ou de imagem). Juntos, eles discutem e planejam a edição da matéria na ilha de edição, onde utilizam um equipamento básico formado por dois videotapes ligados a dois monitores (player e recorder) unidos por um editor eletrônico que faz a "colagem" dos sons e imagens da forma que se deseja. (Paternostro, 1999, p. 129-130)

Outras designações: VT, video-tape, videoteipe

Nota:

videoteipe, s.m. Ver videotape

8.6 VT, s.m.

Designa a fita onde está editada a matéria. (Paternostro, 1999, p. 153) Ver **videotape**

A presença do repórter na matéria deve ser variada. Evitar aberturas de matéria a não ser em casos excepcionais. Na rotina, o repórter deve aparecer na passagem quando tem uma informação a acrescentar, e é preciso cuidado para não ser um momento forçado da matéria. Nem sempre a presença do repórter precisa estar no meio do VT pode ser no encerramento. (Paternostro, 1999, p. 130)

Outras designações: videotape, video-tape, videoteipe

Nota:

- **variantes morfossintáticas:**

12.7 **drop-out**, s.m.

Defeito causado por oxidação da fita magnética (tape) que faz com que a imagem na tela apresente listras na direção horizontal. Imagens com drop-out são condenadas e impedidas de ir ao ar pelo departamento técnico das emissoras. (Paternostro, 1999, p. 141)

O coordenador de rede deve estabelecer horários determinados para receber o conjunto das gerações das praças. Pode ser mais de uma vez por dia. Deve estar na técnica onde é gravado o material e fiscalizar a qualidade do áudio e da imagem, ficando atento para as fitas amassadas, drop outs, ruídos estranhos ou qualquer outra irregularidade. (Barbeiro e Lima, 1999, p. 65-66)

Outras designações: dropout, DO

Nota:

dropout, s.m. Ver **drop-out**

edição não linear, s.f. Ver **edição não-linear**

5.4 **edição não-linear**, s.f.

Tipo de edição que usa discos de computadores para armazenar programas. (Curado, 2002, p.18)

A crescente demanda de profissionais que saibam usar os mais sofisticados equipamentos de edição de imagens – sejam editores de texto, repórteres e produtores/editores –, bem como as facilidades da edição não-linear, pressionam para que o editor de imagens com perfil tradicional se recicle continuamente e aprenda as novas formas de apresentação da linguagem de TV. (Curado, 2002, p.54)

Outras designações: edição não linear

Nota:

1.7 real time, s.m.

Em tempo real, ao vivo. A transmissão (broadcasting) simultânea ao acontecimento. (Curado, 2002, p. 188)

Outras designações: real-time

Nota:

real-time, s.m. Ver **real time**

stand up, s.m Ver **boletim**

stand-up, s.m. Ver **boletim**

Em nosso repertório, não foram encontradas as **variantes lexicais**.

5.3.3 Monossemia

Segundo Barros (2004, p. 225), “existe monossemia quando um conceito é designado por uma – e somente uma – expressão”. Em Terminologia, ocorre mais comumente a monossemia, pois uma obra desta natureza apresenta apenas o conteúdo específico de um termo em um determinado domínio (*idem*, p.228). Em nosso dicionário, a maioria dos termos é monossêmica. Abaixo, apresentamos alguns deles:

1. **ao vivo**, loc. adj.

Transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Pode ser externa ou do próprio estúdio da emissora. (Paternostro, 1999, p.136)

O âncora/apresentador não cumprimenta o repórter se a participação for gravada. Dizer, por exemplo, bom-dia em gravações é uma forma de enganar o telespectador passando a idéia de que o repórter está ao vivo. Há programas em que o apresentador se refere aos repórteres como se estivessem ao vivo. Não engana a audiência, nem os conhecedores do veículo. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 80)

Outras designações:

Nota:

1.5 **caixa de sapato**, s.m.

Equipamento usado para comunicação entre dois pontos, principalmente em eventos, na coordenação dos programas. (Curado, 2002, p. 183)

IV - Unidade móvel geradora: a) Número de câmeras/tipo; b) VTs/tipo; c) Mesa de corte; d) Caixa de sapato (...); e) Microondas/tipo/frequência; f) Gerador/tipo; g) Entrada de AC; h) Sistema de rádio/tipo; i) Matriz de preview; j) Matriz de VCR; k) Receptor de TV; l) Transcoder () NTSC PALM (); m) Watchman; n) Mesa de áudio/tipo – canais; o) Tripé; p) Cabo de câmera/tipo/metragem; q) Kit veicular de telefone celular. (Curado, 2002, p. 79)

Outras designações:

Nota:

2.2 **efeitos sonoros**, s.m.

Ruídos gravados que não são música nem fala. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 194)

Por trás da leitura em voz alta há também uma preocupação bem maior: a sonoridade das palavras. No caso do telejornalismo, o efeito sonoro do texto passa a ter real importância, já que estamos trabalhando em um veículo em que o sentido da audição é muito explorado. (Paternostro, 1999, p. 67)

Outras designações:

Nota:

2.3 **microfone**, s.m.

Usado para captar o som. Repórteres normalmente usam os microfones direcionais, pois recebem o som de uma só direção. O microfone de lapela é usado pelos apresentadores, captando todo o áudio à sua volta. O microfone boom é usado com uma haste móvel. (adaptado de Paternostro, 1999, p. 145)

O jornalista que faz videoreportagem tem que treinar o suficiente para coordenar a entrevista com o microfone na mão esquerda, a câmera no ombro e procurar a melhor imagem do entrevistado, ainda que alguns equipamentos tenham foco automático. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 75)

Outras designações:

Nota:

1.6 **transmissão ao vivo**, s.f.

Transmissão de um fato ou evento no momento exato em que ele acontece, utilizando os equipamentos como ENG, SNG. (Paternostro, 1999, p. 152)

O recurso da transmissão ao vivo desenha uma aura de urgência na cobertura jornalística. Geralmente, a intenção é verdadeiramente esta: a atualização constante sobre o desenrolar de um acontecimento. O vivo também enfatiza o compromisso do jornalismo com a atualidade. (Curado, 2002, p. 97)

Outras designações:

Nota:

5.3.4 **Polissemia**

Quando uma palavra designa vários significados que diferem entre si, possuindo, no entanto, a mesma origem, a chamamos de palavra *polissêmica*. Ferreira (1986, p. 1357) define *polissemia* como: “...Substantivo feminino. 1.E. Ling. O ter uma palavra muitas significações”. Pavel e Nolet (2002, p. 127) definem-na como sendo a “relação de dois ou mais conceitos em uma mesma designação”.

Em nosso vocabulário, temos dois termos polissêmicos, somente. São eles:

8.5 videotape, s.m.

Equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera. Acoplados, um ou mais videotapes são usados para edição de matérias nas ilhas de edição. (Paternostro, 1999, p. 153)

A edição de uma matéria é trabalho de dois profissionais. O editor de texto e o editor de VT (ou de imagem). Juntos, eles discutem e planejam a edição da matéria na ilha de edição, onde utilizam um equipamento básico formado por dois videotapes ligados a dois monitores (player e recorder) unidos por um editor eletrônico que faz a "colagem" dos sons e imagens da forma que se deseja. (Paternostro, 1999, p. 129-130)

Outras designações: VT, video-tape, videoteipe

Nota:

8.6 VT, s.m.

Designa a fita onde está editada a matéria. (Paternostro, 1999, p. 153) Ver **videotape**

A presença do repórter na matéria deve ser variada. Evitar aberturas de matéria a não ser em casos excepcionais. Na rotina, o repórter deve aparecer na passagem quando tem uma informação a acrescentar, e é preciso cuidado para não ser um momento forçado da matéria. Nem sempre a presença do repórter precisa estar no meio do VT pode ser no encerramento. (Paternostro, 1999, p. 130)

Outras designações: videotape, video-tape, videoteipe

Nota:

13.7 press release, s.m.

É uma notícia desenvolvida, algumas vezes com fotografia, que é distribuída aos veículos de divulgação para inserção gratuita. (Mello, 2003, p. 313)

Outras designações:**Nota:****13.6 press-release, s.m.**

Material de divulgação produzido por jornalistas contratados por empresas ou instituições, públicas ou privadas, e enviado para veículos de comunicação com o objetivo de publicação. (Mello, 2003, p. 313)

Outras designações:**Nota:**

No primeiro caso, o termo **VT** é polissêmico, pois designa a fita onde fica editada uma matéria e também o equipamento onde se grava o sinal de áudio e vídeo gerado pela câmera. Ou seja, ele possui dois significados distintos.

O segundo termo (**press release**) também contém duas significações: uma notícia distribuída aos veículos de divulgação para inserção gratuita e também o material de divulgação produzido por jornalistas contratados enviado para veículos de comunicação para a publicação.

5.3.5 Estrangeirismos

Garcez e Zilles (2001, p. 15) apresentam a seguinte definição para *estrangeirismo*: “emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras

línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. (...) também chamado de empréstimo”.

Para Pavel e Nolet (2002, p. 120), designa:

adoção, em linguagens de especialidade, de uma unidade terminológica pertencente a uma língua estrangeira ou a uma outra área temática especializada. Exemplos: termos em português de origem inglesa: *e-mail*, link; o termo *colapso* (medicina) e *depressão* (geomorfologia), ambos usados na área de economia.

Esse empréstimo dá-se ou porque não temos em nossa língua uma palavra equivalente ou por simples *status*, pois muitas vezes poderíamos utilizar um vocábulo de nossa língua, mas damos preferência ao estrangeiro por “transmitir uma imagem” que apresenta mais estilo e ser mais elegante.

A língua portuguesa possui inúmeros empréstimos lingüísticos de origens diversas: do francês, os chamados *galicismos* (*abajour* → abajur), do inglês, os *anglicismos* (football → futebol), do italiano, os *italianismos* (*muzzarella* → mussarela), dentre inúmeros outros.

No âmbito da Terminologia, também podemos definir o *estrangeirismo* como um termo que tem origem em uma língua estrangeira, elemento muito presente no vocabulário resultante de nossa pesquisa.

A terminologia da área de estudo de nosso trabalho – o jornalismo – está ligada ao modelo norte-americano. Foi nos Estados Unidos que a televisão iniciou sua grande difusão. Em 1955, havia um total de 47,8 milhões de moradias norte-americanas, dentre elas, 37,4 milhões possuíam aparelho de TV. Trinta anos mais tarde, em 1985, das 85,8 milhões de moradias existentes, em 84,9 delas havia o aparelho (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993, p. 130).

Sabemos que a imposição de uma língua é uma forma de dominação. O inglês é a língua mais “poderosa” do mundo e isto está ligado diretamente ao poder econômico que os Estados Unidos detêm sobre os outros países.

Na tecnologia também ocorre do mesmo modo: os produtos de ponta advêm daquele país, e, quando chegam para nós, já estão nomeados e nós, simplesmente, os adotamos. Dentre os termos da linguagem telejornalística contidos em nosso trabalho, encontramos diversos estrangeirismos. Podemos dizer que uma considerável quantia de nossos termos está em língua inglesa (25 % do total de termos). Apresentamos alguns deles:

11.6 **link**, s.m.

É a ligação entre dois ou mais pontos para transmissão de sinais de imagem e som. Essa linha de transmissão é composta de antenas parabólicas ou pelo sistema digital. O mesmo que enlace. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 195)

ENGENHARIA: -Transmissão, Tráfego de sinal (Embratel), Microondas, Link principal, Link stand-by, Um/rack/casa, Câmeras, Gerador, Manutenção, Elétrica, Áudio, Iluminação, Cabos. (Curado, 2002, p. 89)

Outras designações:

Nota:

10.19 **script**, s.m.

A lauda no telejornalismo. Possui características especiais e espaços que devem ser obedecidos na operação de telejornal. Em emissoras informatizadas, o mesmo formato de script foi criado nos terminais para serem escritos textos e matérias. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 197)

Antes do advento da informática uma ou várias pessoas tinham a incumbência de somar os tempos das matérias - dos vts -, dos videotipos, dos textos (num script tradicional contam-se em média três segundos para cada linha de texto). Para adequar o tempo de matéria ao tempo do jornal. Hoje, a soma é feita pelo próprio sistema informatizado. (Curado, 2002, p. 56-57)

Outras designações: lauda

Nota:

10.1.2.1 **teaser**, s.m.

Pequena chamada gravada pelo repórter sobre uma notícia, para ser colocada na escalada do telejornal. Serve para atrair a atenção do telespectador. O teaser também pode ser só de imagem. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 198)

Outras designações:

Nota:

3.11 **travelling**, s.m.

Movimento de câmera para acompanhar uma cena, um objeto ou uma pessoa em andamento. (Paternostro, 1999, p. 152)

O repórter pode optar por decorar o texto da passagem ou do stand-up, mas se não estiver tudo na ponta da língua corre o risco de passar para o público a sensação de falsidade. Há a técnica de dizer uma ou duas frases para a câmera ela (sic) iniciar um travelling, momento em que o repórter pega um papel e lê as outras informações do texto. O ideal é memorizar as idéias principais do fato e discorrer sobre elas de improviso, o que também requer muito treino. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 69)

Outras designações:

Nota:

3.1 **viewfinder**, s.m.

Monitor de vídeo acoplado à câmera que permite ao operador acompanhar o sinal de vídeo que está sendo captado naquele momento. (Paternostro, 1999, p. 153)

Outras designações:

Nota:

Podemos perceber que alguns dos estrangeirismos possuem uma forma equivalente em português, como por exemplo:

12.5 congelamento de imagem, s.m.

Um campo isolado do vídeo ou um fotograma de filme, exibido de forma estática na tela. (Barbeiro e Lima, 2002, p. 192)

Outras designações: freeze frame

Nota:

freeze frame, s.m. Ver congelamento de imagem

11.3.4 controle-mestre, s.m.

Local onde é feito o controle de toda a programação posta no ar por uma emissora de televisão. (Mello, 2003, p. 63)

Outras designações: master switch control

Nota:

master switch control, s.m. Ver controle-mestre

12.24 videographics, s.m.

Equipamento de produção de vídeo, que utiliza computadores. (Roiter e Tresse, 1995, p. 123)

Outras designações: videografismo

Nota:

videografismo, s.m. Ver videographics

12.18 wipe, s.m.

Efeito obtido quando uma imagem vai sendo gradualmente retirada da tela (ou varrida) ao mesmo tempo que outra vai aparecendo, em movimento que lembra a abertura de uma cortina. Pode ser horizontal ou vertical. (Paternostro, 1999, p. 153)

Outras designações: lapada, varredura

Nota:

lapada, s.f. Ver wipe

varredura, s.f. Ver wipe

Concluimos, então, que, no que diz respeito ao domínio do telejornalismo, incluir no repertório de um vocabulário dos termos fundamentais deste domínio os *estrangeirismos* e, mais especificamente, os *anglicismos*, é fator indispensável para uma boa delimitação dos termos abrangidos, uma vez que constituíram ¼ de nossa terminologia e são, na sua maioria, termos privilegiados em relação aos correspondentes em português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos o quanto a televisão é importante como meio de comunicação de massa e o quanto ela influencia e forma opiniões e, principalmente, como os programas telejornalísticos alcançam e informam a um grande número de telespectadores. Sendo assim, motivamo-nos a estudar o domínio do Telejornalismo.

Escolhemos o *corpus* de nossa pesquisa, composto por seis obras de referência, com a colaboração de uma profissional da área, para que fosse uma escolha adequada. Fizemos uma busca e delimitação da nomenclatura, que, posteriormente, comporia nosso dicionário, analisando, dentro desse *corpus*, quais termos eram mais usuais e atuais.

Criamos um *sistema de conceitos* para que pudéssemos analisar como cada termo se relaciona com outro, qual a relação semântica existente entre eles, formando, assim, os conjuntos de termos e dando origem aos *símbolos de classificação*.

Posteriormente, utilizamos as *fichas terminológicas* para armazenarmos as informações encontradas; o que foi de grande importância, pois, no momento da produção das *fichas*, podemos alterar, acrescentar ou excluir dados a qualquer momento, conforme julgarmos necessário. Também para a formação da estrutura do dicionário, essas *fichas* foram utilizadas, uma vez que as transformamos do modo *formulário* para o modo *relatório*.

Toda a metodologia seguida em nosso trabalho foi exposta em um capítulo, demonstrando, passo a passo, o caminho percorrido por nós até a elaboração e análise do dicionário. Embasamos nosso trabalho nas teorias terminológicas, as quais foram apresentadas no capítulo sobre *Fundamentação Teórica*.

Nosso dicionário é composto por mais de 200 termos e nele apresentamos as entradas dos verbetes em ordem alfabética, contendo a definição e o contexto de uso. Como houve vários termos que possuíam *quase-sinônimos*, apresentamos as entradas privilegiadas e as outras designações em um sistema de remissivas para que o leitor possa encontrar facilmente o termo pesquisado.

Além dos termos *quase-sinônimos*, o dicionário contém também os *polissêmicos* e *monossêmicos*. Constatamos, na terminologia, também algumas variantes ortográficas e morfossintáticas, mas destacamos a grande quantidade de *estrangeirismos*, mais especificamente de *anglicismos*.

Acreditamos que este fato deve-se à forte influência e domínios cultural e tecnológico norte-americanos e verificamos que esses termos são de fundamental importância neste domínio, formando 25% de toda a terminologia, sendo, algumas vezes, privilegiados em detrimento das formas em língua portuguesa.

Nossa pesquisa teve como objetivos principais buscar e analisar os termos mais utilizados nesse domínio e, posteriormente, produzir uma obra terminográfica que abarcasse a terminologia mais importante e mais atual da área.

Esperamos que esta obra terminográfica possa servir de apoio ao trabalho dos profissionais do jornalismo – a quem é destinada –, uma vez que utilizam esta linguagem em suas atuações profissionais. Para os estudantes de jornalismo, acreditamos que também possa ser útil, desde a universidade, para se familiarizem com a linguagem de que farão uso em sua futura profissão.

Estudando o domínio, percebemos que a terminologia técnica da televisão é muito extensa e talvez mereceria uma obra terminográfica mais completa; mas, dado o tempo disponível para a pesquisa no mestrado, optamos por delimitá-la, sem, no entanto, deixar de registrar os termos considerados mais importantes.

Enfim, tendo pesquisado sobre as obras terminográficas existentes no mercado a respeito deste domínio, esperamos que este trabalho, que aqui finda – que aborda especificamente o Telejornalismo – possa realmente ser uma contribuição a quem necessita profissionalmente ou interessa-se em estudar o domínio em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Dicionário profissional de relações públicas e comunicação e dicionário de termos anglo-americanos**. 2. ed. - São Paulo: Summus, 1996.

ANDRADE, M. M. de. **Lexicologia, Terminologia**: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M.; ISQUERDO, A. N. (Org.) **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

BABINI, Maurizio, **Proposition d'un nouveau modèle de dictionnaire terminologique onomasiologique**. São José do Rio Preto: Beatriz, 2001.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Dicionário, vocabulário, glossário**: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. nº 1. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. 23-45.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985 (Cahiers de l'Office de la langue française).

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CURADO, Olga. **A notícia na TV**: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

GARCEZ, Pedro M. e ZILLES, Ana Maria S. **Estrangeirismos**: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto. **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, sd.

HERÓDOTO, Barbeiro; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

KRIEGER, Maria da Graça. **Terminologia revisitada**. Revista D.E.L.T.A., Vol. 16, nº 2, 2000. 209-228.

____ ; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MELLO, José Guimarães. **Dicionário multimídia**: jornalismo, publicidade e informática. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

OLIVEIRA, A. M.; ISQUERDO, A. N. (Org.) **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION. **Terminologie – Vocabulaire**. Genebra, ISO, 1990 (Norme Internationale ISO 1087, 1990).

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PAVEL, Sílvia; NOLET, Diane. **Manual de Terminologia**. Trad. de FAULSTICH, Enilde. [on line]. Disponível na [www.URL: www.translationbureau.gc.ca](http://www.translationbureau.gc.ca). Arquivo capturado em dezembro de 2004.

PORTO, Mauro P. **Novos apresentadores ou novo jornalismo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira**. Comunicação e Espaço Público, v. 5, n. 1/2, 2002, pp. 9-31.

REY-DEBOVE, J. **Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. La Haye/Paris: Mouton, 1971.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho; XATARA, Claudia Maria. **Os domínios do léxico**. (no prelo). Estudos Lingüísticos e Literários, Salvador, 2004.

ROITER, Ana Maria; TRESSE, Euzebio da Silva. **Dicionário técnico de tv**. São Paulo: Editora Globo, 1995.

SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. **Aprender telejornalismo: Produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VAN HOOF, H. **Os tradutores e os dicionários**. In: DESLILE, J; WOODSWORTH, J. Os tradutores na história. São Paulo, Ática, 1998, p.241-253.

VARGAS, Heidy. **Manual de redação: Glossário**. [on line]. Disponível na [www.URL:http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm](http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm). Arquivo capturado em setembro de 2006.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.